

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE ECONOMIA  
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**MOINHO DO CONDADO, MOINHO SATÂNICO:  
TOLKIEN, POLANYI E O PAPEL DA TECNOLOGIA**

DANIEL COUTO MITTELMAN  
matrícula nº: 112020180

ORIENTADOR: Prof. Daniel de Pinho Barreiros

AGOSTO 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE ECONOMIA  
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**MOINHO DO CONDADO, MOINHO SATÂNICO:  
TOLKIEN, POLANYI E O PAPEL DA TECNOLOGIA**

---

DANIEL COUTO MITTELMAN  
matrícula nº: 112020180

ORIENTADOR: Prof. Daniel de Pinho Barreiros

AGOSTO 2018

*As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade do(a) autor(a)*

Queria dedicar este trabalho para todos aqueles que não deixam a complexidade do mundo e o peso de seus problemas os intimidarem, e que continuam a tentar entendê-lo e propor novos caminhos, e á aqueles que ousam usar de formas criativas e irreverentes para interpretá-lo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que me apoiaram durante essa jornada e a fizeram em última instância possível e valer a pena. O espaço será pouco para todos, e àqueles que não nomeei diretamente, saibam que agradeço muito sua participação em minha vida.

Até pelo tema da monografia, gostaria de agradecer primeiro ao meu irmão, Felipe Couto Mittelman, por me apresentar as obras de J.R.R Tolkien.

Também quero agradecer muito a minha mãe, Teresinha da Costa Couto, por todos os anos de longa jornada juntos para chegarmos até aqui. Só quem viveu sabe o que é.

À minha prima Mariana Couto de Oliveira, por ter compartilhado momentos felizes durante bons anos, e à minha tia Telma Couto de Oliveira, por tudo que você fez por essa família. Se tive como dedicar boa parte do meu tempo para realizar esse trabalho, isso foi possível por causa de ajuda como a sua. À Natália Couto de Oliveira, pela decisão de curso compartilhada e pelas cervejas chilenas.

Ao meu pai, Sergio Frederico Mittelman, simplesmente por me aguentar.

Alguns amigos que queria destacar especialmente. Primeiro ao Matheus Leite, que ia ficar com ciúmes se não fosse o primeiro a ser citado. S2. E por sempre estar lá quando se precisa. À Anni, que deixa as pessoas escolherem como escrever o nome dela e com quem é um prazer imenso compartilhar uma cerveja e uma conversa, além de ser um apoio incrível. Ao Diego Madeira, parceiro do RPG, do bar e da vida. Ao Sr. Rafael Duarte, que de tantas conversas sobre os temas da monografia deveria ganhar créditos como consultor. À Victor Ayres, pelas inúmeras conversas difíceis compartilhadas pelas madrugadas, incluindo a da noite final de confecção da monografia. À Larissa Valiate, por saber fazer-me sentir querido. À Lorena Luz, por ser sempre capaz de me colocar um sorriso. A Lucas Bezerra Tavares, pelo belíssimo espírito e por ter se mantido aqui firme e forte durante tanto tempo, e mesmo literalmente tendo filha para criar. Por último e não menos importante, para Luciana Fortuna, por sempre fazer eu me sentir acolhido quando eu mais preciso.

Também gostaria de agradecer ao meu orientador, Prof. Daniel Barreiros, por ter aceitado esse projeto pouco ortodoxo e ter lidado com minhas inúmeras falhas, principalmente com datas.

Por fim, às professoras Rosane Manfrinato e Marcela Serrano. Faz muito tempo que tive aula com vocês, mas nunca pude esquecer o espírito do que me ensinaram.

## RESUMO

No tempo presente temos visto o crescimento de movimentos conservadores que buscam a negação de diversos valores da sociedade atual. Ideias-base da sociedade moderna, como a ciência e a tecnologia estão sendo deslegitimados em sua condição de ferramentas de interpretação do mundo e como mecanismo de solução de controvérsias. Isso é preocupante, vendo a importância desses elementos para a melhora da vida material, para o desenvolvimento do ser humano e considerando o potencial desses elementos para a defesa e ampliação da democracia e dos direitos humanos. Ao mesmo tempo, até um pouco em contraste, a indústria cultural se torna uma arena cada vez mais legítima para debates, com as obras pop sendo levadas mais a sério pelo público e moldando as visões de mundo dos seus consumidores (sendo até observadas com mais seriedade na academia como veículos válidos de interpretação) e seu poder de penetração entre o público sendo ampliado pelas novas tecnologias de distribuição de conteúdo e pelas novas mídias (onde muito do discurso deslegitimador da ciência e da tecnologia também acontece via teorias da conspiração e posts virais). Unindo esses elementos, esse trabalho propõe uma reflexão sobre a posição conservadora de uma obra fundacional da cultura pop quando esta se volta para o tema da ciência e tecnologia. A partir de uma leitura aprofundada da obra de Tolkien, pretende-se observar os pontos de aproximação e distanciamento entre as leituras polanyianas e tolkienianas no que diz respeito à transição para o mundo capitalista, com atenção especial para os princípios éticos católicos desses autores e ao papel da tecnologia nesse processo. Isso será feito por meio de revisão bibliográfica dos autores relacionados. O foco principal do trabalho são as seguintes perguntas: Seria a tecnologia e a indústria o pecado original que gera os males atribuídos à modernidade por Tolkien (como o episódio da criação dos 21 anéis e da destruição de Eregion alude fortemente)? Como a leitura de Polanyi sobre a transição para o capitalismo e a ideia de desenraizamento (ela mesma muito associada às tecnologias da revolução industrial) nos ajuda a observar a questão, sendo ele um dos teóricos mais proeminentes (incluindo no campo cristão) no debate sobre essa transição e seus males? Como podemos aprofundar a nossa compreensão da visão dos dois autores sobre esse tema se notarmos suas relações com o movimento político católico europeu do início do século XX?

Palavras-chave: Tolkien; Polanyi; Catolicismo; Tecnologia.

# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO I – A TRANSFORMAÇÃO PELOS OLHOS DE TOLKIEN.....</b>	<b>10</b>
I.1 – Condado, paraíso britânico.....	12
I.2 – A fornalha e a floresta.....	16
<i>I.2.1 – Fangorn e Saruman.....</i>	<i>17</i>
<i>I.2.2 - Isengard, Inferno a Vapor.....</i>	<i>21</i>
<i>I.2.3 – O Expurgo do Condado.....</i>	<i>22</i>
I.3 – Poder, tecnologia e controle.....	25
<b>CAPÍTULO II – O MOVIMENTO SOCIAL DA IGREJA CATÓLICA.....</b>	<b>33</b>
II.1 – Introdução a Doutrina Social da Igreja.....	33
<i>II.1.1 – Princípios Básicos do CST.....</i>	<i>36</i>
II.2 – <i>Rerum Novarum</i> .....	43
II.3 – <i>Quadragesimo Anno</i> .....	56
<b>CAPÍTULO III – ENRAIZAMENTO E TECNOLOGIA.....</b>	<b>73</b>
III.1 – Karl Paul Polanyi, economista moral.....	74
III.2 – Jorge Mario Bergoglio, um papa polanyiano?.....	86
III.3 – John Ronald Reuel Tolkien e Karl Polanyi, pensadores sociais católicos.....	91
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>106</b>

## INTRODUÇÃO

A transição da sociedade europeia vinda de um mundo aristocrático feudal rumo ao capitalismo e a democracia é tema de extenso debate na área econômica. Podemos dizer até que essa questão sempre esteve em debate no campo, pois a fundação da Economia como campo do saber distinto costuma ser creditada a autores ingleses que debatiam a natureza das mudanças em que viviam no séc. XVIII.

Essa foi uma época determinante para o presente, pois é durante esse processo de mudança que são estabelecidas as condições que levariam a distribuição geopolítica de poder entre países que perdura até hoje, aos conflitos internos entre diferentes grupos de cada sociedade, e a formação dos hábitos e costumes de uma sociedade de posse da máquina para a produção em massa e que se voltava para a acumulação de bens materiais, para citarmos alguns processos.

Dada esta importância, é inevitável que a interpretação sobre o que aconteceu naquela época seja de forte cunho político e ideológico, e o como foram definidos vencedores e perdedores, quais caminhos políticos levaram povos a proeminência ou a miséria, e a melhor forma de se organizar uma sociedade estão sempre sob pressão dos grupos políticos defendendo suas agendas na arena de debate. Esse debate vai permear as visões de mundo dos cidadãos, mas longe de serem apenas receptores de um debate externo a comunidade de forma mais ampla vai ela mesma refletir e usando de suas manifestações culturais, artísticas e de participação na sociedade vai introduzir novos elementos no debate que terão eles mesmos muita influência, mesmo que nem sempre essa influência seja percebida diretamente.

A obra *O Senhor dos Anéis* é um exemplo muito interessante desse tipo de reação. Escrita pelo professor de Letras em Oxford, J.R.R Tolkien, durante a 2ª Guerra Mundial, ela encontrou milhões de leitores ávidos no mundo inteiro prontos a serem transportados para o verdadeiro mundo alternativo criado pelo seu autor. A Terra-Média, palco da história que se desenrola no livro é de uma profundidade e riqueza que é incomparável com qualquer obra literária que a precedeu, fazendo seus leitores crerem facilmente que aquele mundo fantástico retratado é de alguma forma real enquanto leem pela quantidade de detalhes e atenção as minúcias que Tolkien inseriu na história. O *legendarium* Tolkieniano, fruto do trabalho de uma

vida (o autor tem um poema escrito que se passa nesse mundo mítico em 1917, e trabalhou em aspectos dele até sua morte em 1973), é uma conquista artística que dificilmente pode ser exagerada, e sua influência cultural foi correspondentemente gigante, inspirando diversas obras na música, nas artes plásticas, no cinema, nos videogames, na literatura e nos quadrinhos.

Quando se observa atentamente uma obra que é tão capaz de fazer seus interlocutores se apaixonarem, não surpreende encontrar nelas temas mais profundos que conversam com questões muito importantes da vida das pessoas de sua época (ou da época em que a obra é lida e ganha nova relevância, ponto saliente quando falamos de *Senhor dos Anéis* e todas as gerações que redescobriram Tolkien, por exemplo tanto na década de 60 quanto na virada do milênio) além da superfície de aventura fantástica, que seria a primeira vista dispensada como reles escapismo.

E dispensada como reles escapismo a obra foi por mais de cinquenta anos nos meios acadêmicos, que não viam valor na obra e amargamente receberam a notícia que uma das grandes livrarias britânicas havia elegido em votação aberta a seus clientes *O Senhor dos Anéis* como o livro do século em 1997, fato que fez o romancista Howard Jacobson pedir que se fechassem todas as bibliotecas e que ensinar pessoas a ler era uma tolice (WHITE, 2016 [2001]: 217). Quase vinte anos depois a situação é diferente, e vemos cada vez mais produções acadêmicas que tratam da obra de Tolkien: a relação da obra com o catolicismo de seu autor (um tema muito recorrente nas obras publicadas), o tratamento do mito dentro da obra e como ela mesma serve como mito para novas gerações, uma crítica pós-colonial aos acontecimentos da trama, uma análise da crítica a modernidade inerente no livro. Há autores debatendo Tolkien para defender a não-intervenção estatal na economia, ou o funcionamento de um sistema de produção anarquista.

A contribuição que o seguinte trabalho pretende dar ao debate é entender quais são as reflexões que J.R.R. Tolkien traz para a questão da transição para a modernidade, com uma atenção especial ao papel que a tecnologia exerce em sua obra. Será abordado como a tecnologia é representada na obra, qual sua relação com as consequências sociais da transição para a modernidade e o capitalismo e como a visão de Tolkien se insere no debate mais amplo já estabelecido sobre essa transição.

As questões apresentadas por Tolkien vão diretamente de encontro com o campo do movimento social católico. Essa miríade de autores do fim do séc. XIX em diante vão, inspirados pela encíclica papal *Rerum Novarum*, de 1891, propor uma visão própria sobre a

transição para a modernidade, seus males e propostas de soluções. A Igreja Católica iria continuar a formular suas visões sobre os dilemas do presente e como combatê-los, a partir de documentos produzidos em congregações e principalmente de outras encíclicas papais, e chamaria todos os seus fiéis e depois todas as pessoas do mundo a se unirem para combater os males que afligem o mundo, usando das soluções que ela mesma propõe. O corpo de ensinamentos que compõe esse diagnóstico e suas soluções ficou conhecido como Doutrina Social da Igreja, no inglês *Catholic Social Teaching*.

Um autor que muito se associou durante sua vida com o movimento católico, especialmente aquele conhecido como a *Christian Left* da Inglaterra dos anos 1930, foi Karl Polanyi. Ele também está diretamente inserido no debate nos termos que a Doutrina Social da Igreja e a obra de Tolkien o propõe. Uma grande diferença é sua concepção sobre as raízes da Grande Transformação (título de seu livro), além de ser bastante única e instigante, também é familiar fora do mundo cristão, sendo amplamente discutida na sociologia, na economia e na antropologia, e essa característica particular da obra faz com que seja melhor abordar sua visão em seus termos, sem tentar encaixá-lo como um autor do movimento social católico, até por que ele não costuma ser incluído junto com Belloc, Chesterton e Mauritian, para citar alguns. Essa idiosincrasia da obra polanyiana faz com que ele muitas vezes seja ignorado, pois ele bate de frente em muitos pontos de sua interpretação tanto com a ortodoxia econômica quanto com os críticos mais tradicionais dessa ortodoxia, sejam eles descendentes da obra marxista ou não.

Esse trabalho será uma oportunidade para apresentar a visão católica sobre a transição para a modernidade e sobre os dilemas do mundo contemporâneo em termos que poucos estão familiarizados, e conjuntamente uma apresentação de algumas ideias de Polanyi, cujas contribuições são muitas vezes esquecidas quando dos debates mais prementes da contemporaneidade e que pode trazer ideias valiosas para eles. Essas apresentações fornecerão a compreensão da visão de mundo tolkieniana sob uma nova luz, permitindo uma nova compreensão da profundidade das ideias do autor de *O Senhor dos Anéis* e ao colocá-lo em termos mais correntes ao debate econômico pode-se então fazer uma avaliação crítica de suas propostas interpretativas.

## CAPÍTULO I – A TRANSFORMAÇÃO PELOS OLHOS DE TOLKIEN

*O Senhor dos Anéis* opõe em sua trama principal duas forças, que servem como veículos para o Bem e o Mal: a união dos povos livres da Terra-Média contra Sauron, O Senhor do Escuro, que comanda, a partir de Mordor, hordas de orcs, trolls, orientais de Rhûn e sulistas de Harad. Esses povos livres consistem dos reinos humanos de Gondor, Rohan e a cidade de Valle, além dos Dúnedain (grupo de andarilhos descendentes de uma linhagem sagrada); Anões da Montanha Solitária; enclaves élficos de Valfenda, da Floresta das Trevas e Lórien.

Mas a história começa com criaturas chamadas hobbits<sup>1</sup>, que vivem num distrito agradável do Oeste chamado Condado. Um deles, Frodo Bolseiro, recebe a herança de seu tio Bilbo, que inclui um Anel mágico. Este Anel é revelado anos depois a Frodo por Gandalf, o mago, ser o Um Anel, o Grande Anel feito por Sauron, Senhor do Escuro, e que se porventura caísse em suas mãos assinalaria o fim para os Povos Livres da Terra-Média. John Ronald Reuel Tolkien não perde tempo em descrever a disposição desse personagem maligno. No capítulo II do primeiro livro de *A Sociedade do Anel*, *A sombra do passado*, podemos ler:

“...Desde que Bilbo partiu, ando muito preocupado com você, e com todos esses hobbits encantadores, absurdos e desamparados. Seria um triste golpe para o mundo se o Poder Escuro dominasse o Condado; se todos vocês, estúpidos e alegres Bolgers, Corneteiros, Boffins, Justacorreias e o resto, para não falar dos ridículos Bolseiros, fossem todos escravizados. Frodo estremeceu. – Mas por que isso deveria acontecer? – perguntou ele. E por que ele iria querer escravos assim? – Para falar a verdade – replicou Gandalf -, acredito que até agora – *até agora*, veja bem – ele ignorou totalmente a existência dos hobbits. Você deve ficar agradecido. Mas a sua segurança passou. Ele não precisa de vocês – tem muitos servidores úteis – mas não se esquecerá de vocês novamente. E hobbits miseravelmente escravizados seriam muito mais do agrado dele do que hobbits felizes e livres. Existem coisas assim, com malícia e vingança.” (TOLKIEN, 2001[1954]: 50)<sup>2</sup>

Frodo então parte do Condado com seus amigos hobbits Merry e Pippin e seu fiel servo, Sam, em busca de dar um destino para tal criação. Eles chegam à casa élfica de Valfenda depois de muitos perigos e formam uma união: a Sociedade do Anel, composta pelos quatro, os humanos Aragorn e Boromir, o mago Gandalf, o elfo Legolas e o anão Gimli. Frodo e a Sociedade então partem com esse objeto perigosíssimo rumo à Mordor, onde a lava do vulcão Orodruin, a Montanha de Fogo, é a única força capaz de destruir o Anel, numa tarefa conhecida como a Demanda. Ao mesmo tempo, Sauron está mobilizando suas forças para finalmente

---

<sup>1</sup> Entra-se mais a fundo em quem são os hobbits e sua sociedade no decorrer do capítulo.

<sup>2</sup> Tolkien, J.R.R. *O Senhor dos Anéis*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Livro I, Capítulo 2. Pág. 51.

arrasar seus inimigos do Oeste, principalmente a Montanha Solitária e a cidade de Valle no Norte, e o reino de Gondor e seu aliado reino de Rohan, no Sul. Saruman, o Branco, Líder da Ordem dos Magos do qual Gandalf, o Cinzento faz parte, se corrompeu e passou a desejar o Um Anel para si, e dessa forma suplantar Sauron e os Povos Livres da Terra-Média, se tornando seu senhor.

A jornada prossegue por quase um milhão de palavras<sup>3</sup>, de um livro cuja amplitude criativa é incomparável. Ele por exemplo estabeleceu inúmeras raças de fantasia (elfos, anões, e orcs, por exemplo) que se tornaram o padrão em obras do gênero. George Lucas leu Joseph Campbell e baseou seu Star Wars do ponto de vista teórico no monomito, mas sua base literária é Tolkien<sup>4</sup>. Inúmeras publicações que podem ser encontrados nas livrarias, além de trabalhos acadêmicos, discutem as imagens e influências católicas na obra tolkieniana<sup>5</sup>, e é uma interpretação muito justa a que vê a jornada de Frodo como, em suma, um reflexo da jornada rumo à pequenez e à humildade perante a Deus, onde ele precisa melhorar como pessoa e resistir à tentação. Há também o conflito do bem contra o mal; as amizades que são feitas pela jornada da vida; os percalços do poder; uma representação da tendência em muitas mitologias de registrar o mundo como definindo e não rumo ao progresso... Escolheu-se abordar um tema de suma importância na contemporaneidade presente na obra de Tolkien, que merece toda a atenção e também pode se beneficiar de um novo olhar: a questão do papel da tecnologia nas sociedades e na vida humana, especialmente quando da transição marcada pela Revolução Industrial.

Abordar diretamente o conflito político e militar entre os povos e a tribulação dos nossos heróis para cumprirem seu papel no conflito, contudo, nos coloca no caminho os muitos temas e acontecimentos (já exemplificados neste texto) antes de chegarmos ao nosso objeto de estudo. Felizmente, existe uma outra oposição muito clara na obra, um outro conflito que se dá em outros termos, nas margens<sup>6</sup> do conflito mais chamativo, que expressa muito bem os elementos que serão abordados.

---

<sup>3</sup> WHITE, Michael. *Tolkien: O Senhor da Fantasia*. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2016. Pág 189.

<sup>4</sup>

[https://www.salon.com/2014/10/03/secrets\\_of\\_the\\_star\\_wars\\_drafts\\_inside\\_george\\_lucas\\_amazing\\_and\\_very\\_different\\_early\\_scripts/](https://www.salon.com/2014/10/03/secrets_of_the_star_wars_drafts_inside_george_lucas_amazing_and_very_different_early_scripts/) e <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/09/morte-de-j-r-r-tolkien-autor-de-o-senhor-dos-aneis-completa-40-anos.html> e <https://www.starwars.com/news/the-cinema-behind-star-wars-the-lord-of-the-rings>

<sup>5</sup> Por exemplo: KLAUTAU, Diego Genú. *O Bem e o Mal na Terra-média – A Filosofia de Santo Agostinho em O Senhor dos Anéis de J.R.R. Tolkien como Crítica à Modernidade*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<sup>6</sup> Literalmente, pois estão em evidência no começo, exatamente no meio e perto do fim do livro

Tolkien, em uma de suas raras viagens internacionais, foi a um “jantar Hobbit” na Holanda, onde recitou um poema que continha a seguinte passagem: “Eu olho para o oeste e para o leste/Para o norte e para o sul/E eu não vejo um único Sauron/ Mas vejo muitos descendentes de Saruman!”<sup>7</sup>. Fica muito evidente, então, que ele considerava os perigos representados em Saruman como muito mais presentes do que os representados por Sauron. Assim guiados, iniciaremos nosso voo sobre sua obra: opondo, assim como seu autor o fez, a terra natal de quatro dos nossos heróis, o Condado, do passado mágico britânico (e o Bem), com os vilões da modernidade que o professor via andando por aí, Saruman em sua torre de Isengard, e do presente industrializado (o Mal).

### ***1.1 – Condado, paraíso britânico.***

É importante deixar claro o quão *idílico* é o Condado. Foi escrito como um paraíso na terra e um refúgio nostálgico para as sensibilidades de seu autor. Lá não há crimes nem violência, as desavenças maiores são picuinhas de família, não há falta de comida, água, terra lavrável e abrigo. Não há um habitante que não possa fazer várias refeições por dia e aproveitar uma boa cerveja. Vale notar que essas coisas não são descritas como um fato dado, mas como um processo histórico e principalmente uma situação efêmera. Encontramos a seguinte passagem no Prólogo:

“A terra se estendia por 120 milhas desde as Colinas Distantes até a Ponte do Brandevim, e por 150 milhas dos pântanos do norte até os charcos do sul. Os hobbits a chamaram de Condado, sendo a região de autoridade de seu Thain e um distrito de negócios bem-organizados; e ali, naquele canto agradável do mundo, exerceram sua bem organizada atividade de viver e prestavam cada vez menos atenção ao mundo de fora, onde coisas obscuras aconteciam, chegando a pensar que paz e fartura fossem a regra na Terra-Média e o direito de todas as pessoas sensatas. Esqueceram ou ignoravam o pouco que sabiam dos Guardiões e dos trabalhos daqueles que possibilitavam a paz prolongada do Condado. Na verdade, eles estavam protegidos, mas deixaram de se lembrar disso.” (TOLKIEN, 2001[1954]: 5)<sup>8</sup>

Houveram situações anteriores (O Inverno Longo) marcadas por fome e sofrimento, e grande parte da paz do Condado é atribuída à presença dos Guardiões (dos quais Aragorn é o líder, conhecido no Norte fora de Valfenda como Passolargo). Michael White em sua biografia do professor nos conta que os anos mais felizes da infância de Tolkien (onde viveu dos 4 aos 9 anos) foram passados em Sarehole, uma área que na época era “cercada de campos e florestas”. Uma descrição dada pelo biógrafo nos mostra como era o local, como Ronald vivia ali com seu irmão e sua mãe e marca uma construção muito particular:

---

<sup>7</sup> <https://www.tolkiensociety.org/2014/05/lost-tolkien-voice-recording-discovered/>

<sup>8</sup> Tolkien, J.R.R Op. Ed.,. Prólogo. Pág 5.

“...Aqueles dias pré-escolares eram preenchidos com jogos inventados e fantasias imaginárias. Eles fantasiavam que um fazendeiro local era um bruxo diabólico e os dois haviam transformado a calma e conservadora zona rural inglesa em um parque de diversões imaginário, onde magos bons e maus lutavam pelo controle da região. (...) Mais interessante como ponto de referência posterior na obra de Tolkien, havia um moinho próximo a Gracewell. Ele era mantido por um pai e seu filho, e ambos pareciam ser especialmente antissociais...” (WHITE, 2016 [2001]: 29)

O autor extrapolaria essa impressão como representativa da Inglaterra, mas especificamente de seu passado, e reconstruiria o Condado à sua imagem e semelhança:

“But, of course, if we drop the ‘fiction’ of long ago, ‘The Shire’ is based on rural England and not any other country in the world – least perhaps of any in Europe or Holland, which is topographically wholly dissimilar. (In fact so different is it, that in spite of the affinity of its language, and in many respects of its idiom, which should ease some part of the translator’s labour, its toponymy is specially unsuitable for the purpose.) The toponymy of The Shire, to take the first list, is a ‘parody’ of that of rural England, in much the same sense as are its inhabitants: they go together and are meant to.”<sup>9</sup>(TOLKIEN apud CARPENTER, 2013: Carta 190)

É importante ressaltar que Tolkien pretendia que a obra fosse lida como se fosse o registro histórico de um fato real na história humana, ocorrido cerca de seis mil anos antes do começo da história registrada. É como se ele tivesse encontrado um livro em uma língua perdida (*O Livro Vermelho do Marco Ocidental*) e fosse o historiador responsável por nos revelar seu conteúdo e o mundo da época. De fato, sua ambição literária na juventude<sup>10</sup> era criar uma mitologia para a Inglaterra.

" Also – and here I hope I shall not sound absurd – I was from early days grieved by the poverty of my own beloved country: it had no stories of its own (bound up with its tongue and soil), not of the quality that I sought, and found (as an ingredient) in legends of other lands. There was Greek, and Celtic, and Romance, Germanic, Scandinavian, and Finnish (which greatly affected me); but nothing English, save impoverished chap-book stuff. Of course there was and is all the Arthurian world, but powerful as it is, it is imperfectly naturalized, associated with the soil of Britain but not with English; and does not replace what I felt to be missing. For one thing its ‘faerie’ is too lavish, and fantastical, incoherent and repetitive. For another and more important thing: it is involved in, and explicitly contains the Christian religion.(...) Do not laugh! But once upon a time (my crest has long since fallen) I had a mind to make a body of more or less connected legend, ranging from the large and cosmogonic, to the level of romantic fairy-story – the larger founded on the lesser in contact with the earth, the lesser drawing splendour from the vast backcloths – which I could dedicate simply to: to England; to my country. It should possess the tone and quality that I desired, somewhat cool and clear, be redolent of our ‘air’ (the clime and soil of the North West, meaning Britain and the hither parts of Europe: not Italy or the Aegean, still less the East), and, while possessing (if I could achieve it) the fair elusive beauty that some call Celtic (though it is rarely found in genuine ancient Celtic things), it should be ‘high’, purged of the gross, and fit for the more adult mind of a land long now steeped in poetry.” (TOLKIEN apud CARPENTER, 2013: Carta 131)

---

<sup>9</sup> CARPENTER, Humphrey, *The Letters of J.R.R. Tolkien*. Boston, New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2013. Carta 190, pág 207

<sup>10</sup> Ambição sobre a qual ele se contradisse várias vezes se vivia ou não vivia em *O Senhor dos Anéis*

O mapa da Terra-média de alguma forma espelha o mapa europeu. Gondor é Veneza, o Condado é a Inglaterra, Rhûn, palavra élfica para leste, representa a Ásia, a China e o Japão. Mordor? “Perto do Balcãs”.<sup>11</sup>

Mas voltemos a dar nossa atenção aos nossos primeiros personagens principais: os habitantes de Condado. Ora, ali viviam hobbits, uma espécie inteligente, baixinha, rechonchuda, com cabelos na cabeça e pelos encaracolados nos pés, criaturas extremamente de hábito que desconfiavam muito de estranhos (inclusive hábitos estranhos de outros hobbits que viviam em lugares diferentes do Condado), adoravam boas conversas, várias refeições ao dia, música e cerveja.

Sua organização social é baseada em clãs familiares, cuja posição interna e externa de liderança é dada principalmente pela senioridade, postura frente à comunidade e renda, e existe uma bem clara estratificação social. Por exemplo, um dos quatro personagens principais, Samwise Gamgi, é filho do jardineiro de Bilbo e Frodo, e durante toda a aventura Sam se dirige a Frodo como se fosse seu mordomo e o adora como um servo caricatamente adora seu senhor.

Os hobbits são principalmente fazendeiros, mas há também diversas outras atividades econômicas de suporte a esta (por exemplo, o moleiro). Fora o trabalho, os hobbits passam o dia desfrutando dos atributos naturais do Condado (descrito como sendo cheio de morros baixos e verdejantes) e em atividades sociais. Dizia-se que todo dia é aniversário de alguém na Vila dos Hobbits e em Beirágua<sup>12</sup> (regiões do Condado), e lá é costume que nessas ocasiões todos troquem presentes, não apenas os deem para o aniversariante. Logo, não era incomum que os habitantes de lá tivessem uma boa chance de ganhar um presente por semana. Também é muito comum que eles visitem uns aos outros para sua atividade favorita (refeições). A vida amorosa também é bastante tradicional: hobbits formam pares monogâmicos estáveis (todos os que aparecem são heterossexuais), e não é surpreendente um casal ter nove filhos. Hobbits têm vida longa, chegando aos oitenta e noventa anos com alguma frequência. O Velho Tûk, patriarca de um dos clãs mais proeminentes, famosamente chegou a idade de cento e trinta anos<sup>13</sup>.

Há também um *Thain* no Condado, um cargo de liderança passado entre os membros do clã Tûk, teoricamente responsável pelos tribunais e questões militares, mas como essas já não eram necessárias há séculos ele é uma figura basicamente cerimonial. Existe um código de leis

---

<sup>11</sup> WHITE, Michael. Op. Ed. Pág 189.

<sup>12</sup> Tolkien, J.R.R Op. Ed., Livro 1. Capítulo. 1. Pág. 27.

<sup>13</sup> Tolkien, J.R.R. Op. Ed., Apêndice C. Pág. 1164.

(simplesmente chamado de As Regras)<sup>14</sup>, descrito como tão antigo quanto justo, teoricamente baseado no código legal do reino de Arnor que existia no Norte da Terra-Média (onde o Condado se localiza) ao qual os hobbits eram nominalmente vassalos, mas quando *O Senhor dos Anéis* começa este reino já havia findado há mais de mil anos. Fica muito evidente na obra como os hobbits, criaturas de hábito que são, vivem em extrema paz e não veem motivo para contestar suas estruturas sociais ou reimaginar o mundo em que vivem. Este só muda quando o externo ali se instaura, à força.

É preciso deixar muito claro duas coisas sobre o Condado, pois muito já se especulou sobre o oposto: primeiro, existe dinheiro e comércio no lugar (e em muitos outros lugares da Terra-Média), e não há nenhuma tecnologia mais avançada do que um fole de forja, nas próprias palavras do autor<sup>15</sup>. O primeiro fica evidente quando vemos que a cidade de Valle, local importante no livro anterior da história, *O Hobbit*, e de onde chegam os presentes a serem distribuídos na festa que ocorre no primeiro capítulo, tem como atividade principal a manufatura e comércio de tais brinquedos. Frodo para encobrir sua viagem rumo à Valfenda diz que está se mudando para a Terra dos Buques<sup>16</sup>, comprando uma pequena casa lá e vendendo a sua em Bolsão<sup>17</sup>. Bilbo também é famoso por ser, dizem as lendas, fabulosamente rico e esconder um tesouro embaixo da casa, que foi supostamente obtido durante as aventuras do outro livro anteriormente citado. Neste aliás Bilbo ao chegar em sua casa a vê abarrotada de gente, pois foi declarado morto (mais um sinal do sistema legal no Condado) e seus itens foram postos a leilão. Principalmente, os hobbits na Quarta Sul (o Condado é dividido em quatro regiões geográficas, cada uma correspondente a um ponto cardeal) plantam Erva de Fumo e a vendem para muitas localidades na Terra-Média.

Em sua localidade idílica, Tolkien descreve uma vida mansa e pacífica, uma comunidade alegre e vibrante, um estilo de vida saudável e em comunhão com a natureza. Mas também é uma sociedade estratificada, tradicional e fundada na propriedade privada. É preciso deixar claro que *O Senhor dos Anéis* não é uma alegoria (fazer alegorias aliás era algo que Ronald detestava e deixou muito claro que o seu livro fazia alusões a eventos de sua época, mas não era uma alegoria a nada<sup>18</sup>, principalmente não a Segunda Guerra Mundial), especialmente não uma sobre estruturas sociais e sistemas econômicos. Então essas não estão particularmente

---

<sup>14</sup> Tolkien, J.R.R. Op. Ed., Prólogo. Pág. 10

<sup>15</sup> Tolkien, J.R.R. Op. Ed., Prólogo. Pág. 1

<sup>16</sup> Tolkien, J.R.R. Op. Ed. Livro 1, Capítulo 3. Pág. 68

<sup>17</sup> Propriedade onde os Bolseiros moram.

<sup>18</sup> Tolkien, J.R.R. Op. Ed., Prefácio. Pág. XV

descritas, simplesmente por não ser o foco da narrativa. São explicitadas aqui porém para deixar claro que o autor as registrava sem nenhum tipo de ponderação em especial, ou seja, não eram foco de seu pensamento.

As estruturas tradicionais de uma sociedade não eram problema para Tolkien, assim como uma economia que opera em um sistema de mercado (mesmo que não necessariamente um sistema de livre-mercado moderno, uma distinção muito importante). Para encontrarmos o que ele via como um grande problema, precisamos nos voltar para o outro lado. Precisamos adentrar a Torre de Isengard, e descobrir que horrores Saruman, O Branco vem criando para desfigurar a terra.

## ***1.2 – A fornalha e a floresta***

A figura principal para começar a entender a visão tolkieniana sobre tecnologia é Saruman, o mago branco. O que ele tem de marcante na obra, a ponto de merecer a afirmação supracitada do professor, não é comandar um exército terrível de orcs, humanos e Uruk-Hai (um cruzamento entre humanos e orcs, mais forte e resistente) que arrasa o reino de Rohan, nem de tramar obter o Anel para si. Nas duas obras ele é superado por Sauron, que como fez com tantos outros anteriormente o corrompeu e o fez desejar obter o poder político e do Anel para que no final estes caíssem nas mãos do Senhor do Escuro:

“Isengard era um lugar forte e maravilhoso, e fora belo por muito tempo; ali moraram grandes senhores, os guardiões de Gondor no oeste, e homens sábios que observavam as estrelas. Mas Saruman lentamente transformou o lugar para seus propósitos mutantes, e o melhorou, na sua opinião; mas se enganava – pois todas as artes e sutis artifícios, pelos quais abandonou sua sabedoria antiga, e que ingenuamente imaginou serem seus, vinham de Mordor; assim tudo o que fez não passou de uma pequena cópia, um modelo infantil ou uma adulação de escravo, daquela vasta fortaleza, do arsenal, da prisão, da fornalha de grande poder, Barad-dûr, a Torre Escura, que não tinha rival, e ria da adulação, ganhando tempo, segura de seu orgulho e de sua força incomensurável.” (TOLKIEN, 2001[1954]: 581)

Também encontramos posteriormente ao episódio da Batalha do Beirágua (ao qual voltaremos no decorrer do texto), no livro 6, capítulo 8 de *O Senhor dos Anéis* uma passagem sobre essa cópia. É notável a associação forte da casa dos heróis com a ideia abstrata de “casa”:

“- Isto é pior que Mordor! – disse Sam. – De certa maneira muito pior. A gente sente na própria pele, como se diz; porque aqui é nossa casa, e ficamos lembrando de como era antes de ser toda destruída.  
- Sim, isto aqui é Mordor – disse Frodo. – Apenas um de seus trabalhos. Saruman esteve fazendo o trabalho de Mordor todo o tempo, mesmo quando julgava estar trabalhando para si mesmo.” (TOLKIEN, 2001[1955]: 1078)

O que é marcante é o como Saruman faz isso. Ele é capaz de arrebatrar um exército, armá-lo, alimentá-lo e o mover a grandes distâncias, destruir a floresta de Fangorn, e arrasas as pradarias do reino dos cavaleiros, tudo a partir do espaço limitado de Isengard, usando basicamente os meios tão conhecidos de todos nós: indústria movida a carbono e urbanização.

Para ilustrarmos o significado profundo do que Saruman está destruindo, vale a pena deter-se a uma descrição mais ampla da floresta de Fangorn, como retratada em *O Senhor dos Anéis*, em oposição a cidadela de Isengard.

### **I.2.1 – Fangorn e Saruman**

Nosso primeiro contato com o extraordinário na floresta acontece quando, ao acenderem uma fogueira Gimli, Legolas e Aragorn tem a impressão que a árvore atrás deles está aproveitando as chamas, se inclinano para perto do fogo e esfregando os galhos como as mãos num dia frio. Aqui aprendemos várias coisas sobre a floresta: as histórias antigas sobre ela foram desconsideradas por Aragorn, um homem muito ligado a natureza e as tradições, como meras fábulas “que os homens criam quando desaparece o verdadeiro conhecimento”. (TOLKIEN, 2001[1954]:461,462)

No final do próximo capítulo vemos Merry e Pippin adentrando fundo na floresta, e Tolkien descreve-a assim:

“Foi à frente sob os grandes galhos das árvores. Pareciam incalculavelmente antigos. Grandes barbas de líquens pendiam delas, esvoaçando e dançando na brisa. Das sombras os hobbits espiaram, olhando para a encosta que descia: pequenas figuras furtivas que na luz fraca se assemelhavam a crianças élficas nas profundezas do tempo, espiando da Floresta Selvagem, admiradas ao ver a primeira Aurora..” (TOLKIEN, 2001[1954]: 480)

Pippin faz uma conexão entre o antigo na floresta mítica e na sociedade tradicional:

“- De alguma maneira me faz lembrar da velha sala no Grande Solar dos Tûks, lá nos Smials em Tuqueburgo: um cômodo enorme, onde a mobília não foi mudada ou removida por gerações. Dizem que o Velho Tûk viveu nela por anos a fio, enquanto ele e a sala iam ficando mais velhos e desgastados juntos – e a sala nunca foi mexida depois que ele morreu, há um século. E o Velho Gerontius era meu tataravô: isso faz recuar um bocadinho de tempo. Mas não se compara ao que se sente aqui. Veja todas aquelas barbas e suíças de líquen, chorosas, rastejantes! E a maioria das árvores parece estar meio coberta de folhas secas e despedaçadas que jamais caíram. Desmazeladas. Não consigo imaginar como seria a primavera aqui, se é que ela atinge este lugar, e menos ainda uma faxina de primavera.” (TOLKIEN, 2001[1954]: 482)

Legolas, um elfo florestal, não sabe muito sobre a Floresta de Fangorn, mas lembra de canções que falam sobre os pastores de árvores onodrim (os Ents). Ele diz que a floresta é

antiga, até para os padrões dos elfos. Vale notar que os registros élficos no *legendarium* de Tolkien quando do fim da Terceira Era vão para trás há no mínimo dez mil anos, possivelmente o dobro disso<sup>19</sup>. Aragorn lembra Elrond dizendo que esta floresta e aquela ao lado das Colinas dos Túmulos são aparentadas, remanescentes da época dos Dias Antigos<sup>20</sup>. Aragorn lembra por fim ao anão Gimli antes de dormirem que este durante seu turno de guarda não deve em hipótese alguma cortar madeira de árvores vivas, com receio de uma represália das árvores.

De uma represália da própria natureza.

Há de fato árvores “vivas” (como pessoas), ou algo muito próximo disso: os citados Ents, pastores das árvores, e deles virá na história a retaliação contra os crimes de Saruman. Descritos como tendo cerca de quatro metros de altura, com uma forma similar à de um homem ou um troll, sua pele parecia casca de árvore cinzenta, ou um couro. Seus dedos dos pés variavam entre três e nove, na verdade tudo variava de acordo com a espécie de árvore que representavam. Tinham uma barba que pareciam galhos na raiz e musgo nas pontas.

Sua personalidade e costumes são como a natureza. Gostam mais dos elfos, com quem não apenas aprenderam a língua como aprenderam a vontade de falar<sup>21</sup>. Criaram uma língua própria, o velho entês, extremamente gutural, com falas muito longas e detalhadas, só usadas por eles quando querem dizer algo que valha a pena demandar muito tempo para ser dito e escutado. Seu papel principal é de protetores da natureza, principalmente das árvores, e não tem muito apreço por aqueles que cortam madeira para usar, mas tem menos apreço ainda pelos que o fazem sem ser pela madeira, como os orcs que as derrubam por prazer.

Consideram as outras espécies muito apressadas. Os dois hobbits conhecem primeiro um ent chamado Fangorn (o mesmo nome da floresta), ou Barbárvore. Antiquíssimo, existia na Terra-Média antes da Primeira Era do mundo, antes até do despertar dos Elfos. Quando ele fica convencido de que precisa fazer alguma coisa contra Isengard, mostra outro traço fundamental dos ents (e da natureza). Eles ruminam sobre tudo longamente, demoram eras para tomar uma decisão e realizarem alguma mudança: “Mesmo assim, arrisco dizer que eu poderia reunir um

---

<sup>19</sup> Se contarmos o fato de haver registros élficos de antes da viagem dos eldar para Valinor, e Fangorn/Barbárvore já aparecem neles. Nas Terras Imortais eles viveram três eras do mundo, logo só a estadia em Valinor pode tranquilamente computar 12 mil anos, sendo o exílio dos Noldor a marca do começo da Primeira Era.

<sup>20</sup> A Primeira Era do mundo no registro élfico.

<sup>21</sup> O fato que os elfos por sua própria natureza inata (descrita como sua vontade de conversar com todas as coisas) despertaram o desejo pela fala nos ents, as criaturas mais velhas e presas a natureza, é notável quando consideramos o papel do Verbo na teologia católica.

bom grupo de nosso pessoal mais jovem – se pudesse fazê-los entender a necessidade: se pudesse despertá-los: não somos pessoas apressadas.” (TOLKIEN, 2001[1954]: 496)

Isso se mostrou num primeiro momento uma vantagem para Saruman, que prosseguiu a destruir indiscriminadamente as florestas em volta de sua cidadela, incluindo Fangorn, para seu uso pessoal, sem nem considerar os ents em sua estratégia. Mesmo assim, é importante que se diga, os ents não tem *lado*. Não se alinham politicamente com nenhuma das facções da história, e só se unem com os heróis a guerra contra Saruman pois estão momentaneamente defendendo os mesmos interesses que os ents: a floresta.

A parte mais marcante deles, porém, são seus olhos, e Merry assim os descreve (ou pelo menos tenta:

“- A sensação era como se houvesse um poço enorme atrás deles, cheio de eras de memória e de um pensamento constante, longo, lento; mas a superfície faiscava com o presente: como o sol tremeluzindo nas folhas externas de uma imensa árvores, ou nas ondas de um lago muito fundo. Não sei, mas parecia que alguma coisa que crescia na terra – adormecida, pode-se dizer, ou apenas percebendo-se a si mesma como algo entre a extremidade de uma raiz e a ponta de uma folha, entre a terra funda e o céu -despertara de repente, e estava observando você com o mesmo cuidado lento que tinha dedicado às suas próprias preocupações por anos intermináveis.” (TOLKIEN, 2001[1954]: 485)

Despertar eles o fizeram, para a ruína de Saruman. Barbárvore tem uma descrição própria para este Mago, e nota-se a forma industrial com a qual ele aqui é retratado, coisa que não vemos com Sauron:

“- Acho que agora entendo o que ele pretende. Está tramando para se transformar num Poder. Tem um cérebro de metal e rodas, e não se preocupa com os seres que crescem, a não ser enquanto o servem. E agora fica claro que ele é um traidor negro. Aliou-se a seres maus, aos orcs (...) Ele e seu povo sujo estão devastando árvores boas. Algumas eles apenas cortam e deixam apodrecer – isso é serviço dos orcs; mas a maioria delas são derrubadas e levadas para alimentar as fogueiras de Orthanc [pináculo de pedra que fica no meio de Isengard, que é a residência de Saruman, Também conhecida como a Torre do Mago.]. Vejo sempre uma fogueira subindo de Isengard nos últimos tempos. - Maldito seja, raiz e ramo! Muitas daquelas árvores eram minhas amigas, criaturas que eu conhecia desde sementes; várias tinham vozes próprias que agora estão perdidas para sempre. E há restos de tocos e sarças onde já existiram bosques cantantes. Fiquei sem fazer nada. Deixei que as coisas acontecessem. Isso deve parar! ” (TOLKIEN, 2001[1954]: 495,496)

Merry também nos dá uma opinião que, se não exatamente precisa sobre o real poder de Saruman, reflete muito um discurso que se vê hoje sobre políticos e homens de discurso firme quando estão sem as instituições que lhes dão poder por detrás deles:

“Não sei o que Saruman pensou que estava acontecendo, mas de qualquer forma ele não sabia como lidar com aquilo. Sua magia pode ter enfraquecido nos últimos tempos, é claro; mas de

qualquer jeito acho que ele não tinha bravura suficiente, nem muita coragem, sozinho num lugar apertado [suas tropas na história haviam partido sob suas ordens para tomar o Forte da Trombeta no sul, uma fortaleza do reino de Rohan, pois o rei Théoden desse povo estava lá e ele pretendia desferir o golpe fatal.], sem um monte de escravos e máquinas e coisas, se entendem o que eu quero dizer. Muito diferente do velho Gandalf. Fico pensando se toda a sua fama não se deveu todo esse tempo à sua esperteza ao instalar-se em Isengard.” (TOLKIEN, 2001[1954]: 593,594)

Podemos entender então quem são Fangorn, o ent (o personagem e a espécie que representa), Fangorn, a floresta (também um personagem), representativo da natureza selvagem e mítica, um espaço no limiar do real e do mítico, com as riquezas naturais que a ciência estuda e a religião adora, e Saruman, o industrial que desconsidera completamente o valor sagrado de todas essas coisas.

É evidente o quão representativo do mundo antigo os ents são (comparáveis apenas com as comunidades élficas), sempre lembrando que antigo e tradicional na obra tolkieniana significa sempre algo bom, algo ao qual os seres humanos deveriam aspirar. Sua língua é extremamente lenta, e nela só é dito o que realmente importa de forma realmente longa para os muito interessados em escutar (TOLKIEN, 2001[1954]: 487.) Seu método de decisão é lento, seu pensamento é lento, sua confiança é lenta. É tão lento quanto o tempo das florestas (no caso dos entes chegando perto do tempo geológico, com alguns milhares de anos se passando entre cada mudança) crescerem, das espécies se adaptarem, dos rios se formarem. A sociedade ent é a natureza, e derrubada dela pela madeira representa a destruição do mundo natural como um todo.

A perspectiva de Saruman sobre os ents tem um paralelo muito forte com a perspectiva da exploração industrial dos recursos naturais. Ele simplesmente desconsiderou completamente a ameaça que mexer na natureza poderia representar para seus desígnios, e focou suas atenções em extirpar da terra o máximo de benefícios que pudesse da forma mais rápida possível para alimentar suas fornalhas e sua guerra contra Rohan e em última instância contra Mordor: “E de qualquer forma ele não os entendeu, e cometeu o grave erro de deixá-los fora de suas maquinações. **Não tinha planos para eles** [grifo meu], e não havia mais tempo para planejar nada, uma vez que eles [os ents] se puseram a trabalhar.” (TOLKIEN, 2001[1954]: 594)

Chamemos atenção para a primeira citação do livro no capítulo. A diferença marcante do discurso atribuído a Sauron e a Saruman é que a questão de Sauron é política/moral: Sauron escravizaria o Condado por que ele entende que é assim que as coisas devem ser, e por que a subjugação lhe dá júbilo. Já os motivos de Saruman são, geralmente, técnicos. Saruman está motivado a explorar um lugar como o Condado pelo mesmo motivo que mineradoras estão

dispostas a explorar as terras originais de comunidades indígenas. O motivo principal não é convicção política, são essencialmente negócios. Dou ao braço a torcer ao artigo *Tolkien v. Power*, de Alberto Mingardi, que afirma Saruman como o único personagem a assumir um discurso *realpolitik*. Sua exploração a final do Condado pretende muito mais a vingança do que o ganho econômico, mas que a erva de fumo da Quarta Sul não deixe dúvidas de seu interesse nos valores de uso daquela comunidade.

No fundo a indústria de Saruman e a magia de Sauron não são tão diferentes para Tolkien. Entraremos em mais detalhes na próxima seção, mas além de um microcosmo interessante Saruman nos permite olhar mais de perto os métodos (a tecnologia) e os resultados (a destruição da natureza e das sociedades tradicionais) que Tolkien vê acontecendo à sua volta no mundo real, e o Mago branco nos serve como detalhamento e atualização para o contemporâneo ao mal mais abstrato, político e escravocrata representado pelo vilão principal, Sauron, tão comum nas lendas míticas de todas as épocas.

### **I.2.2 - Isengard, Inferno a Vapor**

Nos dirijamos agora à Isengard. A cidadela ficava em um vale no extremo sul das Montanhas Nevoentas<sup>22</sup>, chamado Nan Curunír, o Vale do Mago, desde a chegada de Saruman no local. Pelo norte o pico de Methedras lhe servia como barreira natural, e pelos outros três lados era protegida por uma grande muralha de pedra, circular. No lado sul da muralha foi escavado um grande arco que servia como único portão. Esse arco formava um longo túnel por dentro da muralha, até que se saísse dentro de Isengard própria. Um dia ali foi verdejante e cheio de bosques, mas nos tempos de Saruman não mais. As estradas foram pavimentadas com pedra, e no lugar das árvores havia fileiras de pilares de mármore ou cobre e ferro. Nos é de muito interesse, como espelho da Inglaterra industrial, a descrição do aglomerado urbano onde viviam os servos de Saruman, e é isso que podemos ler:

“Havia ali [dentro das muralhas da cidadela] muitas casas, cômodos, salões e corredores, que cortavam e perfuravam as muralhas de lado interno, de modo que todo o círculo aberto era vigiado por inúmeras janelas e portas escuras. Milhares podiam morar lá, trabalhadores, servidores, escravos e guerreiros com grandes estoques de armas; lobos recebiam alimento e abrigo em profundas tocas mais abaixo. A planície também era escavada e perfurada. Poços fundos tinham sido cavados no chão; suas extremidades superiores eram cobertas por montículos baixos e abóbadas de pedra, de modo que ao luar o Círculo de Isengard parecia um cemitério de mortos inquietos. Pois a terra tremia. Os poços desciam por muitas rampas e escadas espirais até cavernas muito abaixo; Saruman tinha tesouros, depósitos de provisões,

---

<sup>22</sup> Referidas como Montanhas Sombrias na tradução de *O Senhor dos Anéis*. Esta é a tradução de *O Silmarillion*, talvez mais adequada ao original inglês *Misty Mountains*.

arsenais, ferrarias e grandes fornos. Rodas de ferro giravam sem parar, e martelos batiam. Durante a noite, nuvens de vapor subiam das aberturas, iluminadas de baixo por uma luz vermelha, azul ou de um verde venenoso.” (TOLKIEN, 2001[1954]: 580)

As descrições da terra de Mordor e do que Isengard inflige a seus vizinhos não são muito diferentes, reiteramos, mas a descrição do como muda tudo. A fumaça que sempre escurece o sol vem a influência que Sauron tem sobre o clima, o clima desértico e árido é uma mistura de sua influência maligna e do fato que procurou um lugar confortável para instalar seu reinado. No *Silmarillion* fica claro que os pântanos fétidos cheios de lama e doenças são uma influência também de seu poder (no caso desta obra afligidas pelo Senhor do Escuro original, Morgoth).

Já Saruman derruba florestas com serras e machados. O aço para eles vem de fornalhas em Isengard, cuja fumaça polui o ar<sup>23</sup>. Fumaça essa que vem de fornalhas de carvão, e não de uma substância mágica<sup>24</sup>. Saruman é de coração um capitão da indústria, que vê espaço e as coisas da natureza como recursos naturais e insumos. É claro que na obra seu objetivo não é a acumulação capitalista ou aumentar seu *net worth*, e sim vencer uma guerra e obter poder político. Mas seus métodos são particularmente odiados por Ronald, e no penúltimo capítulo da obra isso fica muito claro.

Já vimos como Saruman destrói a natureza. E as sociedades tradicionais?

### **1.2.3 – O Expurgo do Condado**

Quase no fim da aventura, Frodo e Sam voltam junto de seus outros dois amigos hobbits Mery e Pippin para o Condado, acreditando terem finalmente largado os conflitos e terem chegado em casa, onde podem finalmente descansar em paz. Mas o Condado do passado foi dilacerado, e vemos aqui até que ponto se estende a vilania de Saruman:

---

<sup>23</sup> Existe um paralelo de mundo real muito interessante para as atitudes de Saruman. É dito que Qui Shin Huan, o primeiro imperador da China, obteve seu poder unificando a China (e definindo na prática o que viria a ser conhecido como China) principalmente pela inédita capacidade de produzir armas e armamentos em massa, no talvez primeiro registro de uma linha de produção. Estudos mostram até que a linha de produção que fabricou o exército de terracota e suas armas era mais parecida com o just-in-time do Toyotismo do que a linha de Henry Ford. <https://news.nationalgeographic.com/news/2014/11/141114-terra-cotta-warriors-qin-shi-huang-tomb-china-archaeology/> e [https://www.washingtonpost.com/national/health-science/chinese-terra-cotta-warriors-had-real-and-very-carefully-made-weapons/2012/11/26/999b9cb4-2840-11e2-b4e0-346287b7e56c\\_story.html?utm\\_term=.ca477cbcd6c1](https://www.washingtonpost.com/national/health-science/chinese-terra-cotta-warriors-had-real-and-very-carefully-made-weapons/2012/11/26/999b9cb4-2840-11e2-b4e0-346287b7e56c_story.html?utm_term=.ca477cbcd6c1)

<sup>24</sup> Houve um evento catastrófico em 1952 na cidade de Londres conhecido como “The Great Smog”, quando a cidade foi engolida por uma nuvem de fuligem por quatro dias. Estima-se que até 10 mil pessoas faleceram e mais de 100 mil ficaram doentes por causa do episódio. <https://www.theguardian.com/theguardian/from-the-archive-blog/2012/dec/05/great-smog-london-1952-archive>

“Foi uma das horas mais tristes da vida deles. A grande chaminé se erguia à frente, e, quando se aproximavam da antiga aldeia do outro lado do Água [nome dado a um rio que cruzava o Condado], através de fileiras de novas casas miseráveis ao longo dos dois lados da estrada, viram o novo moinho em toda a sua feiúra carrancuda e suja: um grande prédio de tijolos montado sobre o rio, que era emporcalhado por uma descarga fétida e fumegante. Ao longo da Estrada do Beirágua todas as árvores tinham sido derrubadas.

Quando atravessaram a ponte e ergueram os olhos na direção da Colina, ficaram boquiabertos. Nem mesmo a visão que Sam tivera no Espelho pudera prepara-lo para aquela cena. A Granja Velha no lado leste tinha sido derrubada, e em seu lugar viam-se fileiras de barracões cobertos de piche. Todas as castanheiras tinham-se ido. Os barrancos e cervas-vivas estavam destruídos. Grandes carroças estavam paradas em desalinho num campo batido e sem grama. A rua do Bolsinho se transformara num enorme buraco cheio de cascalho e areia. Lá em cima não se via Bolsão, devido a um amontoado de barracões enormes.” (TOLKIEN, 2001 [1955]: 1077, 1078)

Há muros em todo lugar. O moinho de água foi substituído por um de carvão, cuja fumaça empesteia o ar e cujos dejetos poluem o rio. Agora existem guardas armados, alguns hobbits e alguns humanos, que instauram um toque de recolher, acoossam os habitantes e se apropriam de seus bens. O mago maligno se instaurou na região, e começou a transformá-la a seu gosto com a ajuda seus lacaios. Alguns hobbits aceitaram passivamente a mudança, outros entusiasticamente, como o filho do moleiro, e outros se rebelam, silenciosamente ou abertamente como os Tûks. O Condado virou Isengard, e o passado mágico acabou.

Tolkien, no Prefácio<sup>25</sup>, não nos deixa dúvidas da importância desse capítulo da história da Terra-Média:

“Ou, para falar de um assunto menos triste: algumas pessoas supuseram que “O expurgo do Condado” reflete a situação da Inglaterra na época em que eu terminava minha história. Isso não é verdade. Esse capítulo é uma parte essencial do enredo, previsto desde o início, embora neste episódio tenha sido modificado pelo modo como o caráter de Saruman se configura na história, sem, é preciso que eu diga, qualquer significado alegórico ou referência política de qualquer tipo. Ele tem de fato alguma base na experiência, embora pequena (a situação econômica era totalmente diferente), e muito anterior. O lugar em que vivi na infância [Sarehole] estava sendo lamentavelmente destruído antes que eu completasse dez anos, numa época em que automóveis eram objetos raros (eu nunca tinha visto um) e os homens ainda estavam construindo ferrovias suburbanas. Recentemente vi num jornal a fotografia da ruína do outrora próspero moinho de milho ao lado de seu lago que muito tempo atrás me parecia tão importante. Jamais gostei da aparência do Moleiro jovem, mas seu pai, o Moleiro velho, tinha uma barba preta, e seu nome não era Ruivão.” (TOLKIEN, 2001[1954]: XVI)

Esse episódio representa plenamente a visão do autor sobre o processo de modernização que seu país sofria. Era a destruição de tudo que ele valorizava, do seu passado lindo vivido na natureza com sua mãe e seu irmão melhor e do passado mítico inglês.

---

<sup>25</sup> Tolkien, J.R.R Op. Ed., Prefácio. Pág. XVI

Os heróis afinal conseguem remover o vilão de sua terra natal, e ele é morto por seu servo mais presente, Língua de Cobra, depois do supracitado episódio da Batalha do Beirágua. Mesmo assim, o Condado nunca mais será o mesmo. Agora as pessoas têm um medo real de estranhos, trancam suas portas a noite e guardam mágoas uns dos outros das rixas da época. O lugar morreu, a última terra mágica da Terra-Média definhou, e o mundo decaiu até os nossos dias presentes. Como diria Weber, o mundo da dominação tradicional passou, e foi substituído pelo mundo racional-burguês<sup>26</sup>.

Quaisquer semelhanças com a industrialização inglesa não são mera coincidência, porém pode ficar a impressão por esse relato de que o problema na verdade são os Sarumans do mundo, pessoas em posições de poder com nenhuma consideração pela vida das pessoas simples, pelos valores tradicionais e pela natureza, e em nome do progresso e almejando poder e reformar o mundo forçosamente como eles entendem ser o “melhor” (melhor é claro, para eles e sua turma). Há muita validade nessa leitura, mas há uma citação que complementa perfeitamente este relato e não deixa dúvidas de onde nosso autor vê que o problema originalmente emana. Encontramos em seu livro *Contos Inacabados* a seguinte passagem:

“Em carta escrita em setembro de 1954 meu pai disse: ‘No início da Segunda Era ele [Sauron] ainda era belo de se ver, ou conseguia ainda assumir uma bela forma visível – e de fato não era totalmente mau, não a não ser que todos os ‘reformadores’ que querem se apressar a ‘reconstruir’ e ‘reorganizar’ sejam totalmente maus, mesmo antes que o orgulho e o prazer de exercer a vontade os consumam. O ramo particular dos Altos-Elfos em questão, os noldor ou Mestres da Tradição, **sempre foram vulneráveis pelo lado da ‘ciência e tecnologia’**, [grifo meu] como nós diríamos. Queriam ter o conhecimento que Sauron genuinamente possuía, e os de Eregion [reino Noldor mais ao sul de Eriador, onde depois seria o Condado] rejeitaram os alertas de Gil-Galad [Rei dos Noldor na Terra-Média, residente na época em Lindon, a oeste de Eriador] e Elrond [líder de Valfenda, reduto élfico visitado em *O Senhor dos Anéis*]. O ‘desejo’ particular dos elfos de Eregion – uma ‘alegoria’, por assim dizer, do amor pelo maquinário e equipamentos técnicos – também é simbolizado pela sua amizade especial com os anões de Moria” (TOLKIEN, 2002 [1982]: 479. Nota 8)

O autor não deixa dúvidas, então, que o uso da ciência e da tecnologia são um problema sério para ele. A máquina em si é um elemento que só pode trazer males para o mundo. O motivo é simples: pois a tecnologia é um método de obter poder e controle sobre o mundo e sobre os outros, e quaisquer tentativas de se obter poder estão fadadas ao fracasso e a geração de sofrimento.

---

<sup>26</sup> Weber, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva, Volume 2*. Capítulo IX: Sociologia da Dominação. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

É importante deixar claro que Magia e Tecnologia (ou Máquina, expressão favorecida por ele), para Tolkien, não são tão diferentes. No fundo, como já foi registrado, Saruman só está fazendo o trabalho de Mordor. Ele diferencia a magia inata, aquela dos elfos e dos magos, com a magia adquirida, a criação de aparatos externos para se exercer poder e mudança no mundo natural. A diferença principal é descritiva. Sauron, elfos, magos, orcs, hobbits, ents, aranhas gigantes, só fazem o que são capazes de fazer, e não se perguntam muito a respeito do “como”, ou os efeitos a longo prazo. Com Saruman existe essa preocupação, ele se preocupa com explicações, porquês, métodos, *eficiência*. ali está representado especificamente o que o mundo industrial faz, e não o Mal como poder abstrato que Sauron representa. Saruman é o sistema de livre-mercado como existe hoje, Saruman é a busca incessante do lucro, Saruman é a destruição da natureza para fins financeiros

Principalmente, Saruman vai até o passado idílico inglês, o Condado, destrói o moinho da infância de Tolkien e um novo movido a carvão é construído, e seus dejetos tóxicos são despejados sem cerimônia no rio Água, que cruza o Condado. Os modernos do mundo real que ele representa demoliram o mundo tradicional idealizado por Tolkien, destruíram a conexão com Deus, seja a conexão espiritual com a natureza, seja a conexão espiritual com a comunidade humilde, piedosa e virtuosa, e esse para o autor é o maior crime que foi cometido. Saruman construiu – literalmente - o moinho satânico.

### ***1.3 – Poder, tecnologia e controle.***

Se a questão então é poder (tanto político, na figura de Sauron, quanto econômico, na figura de Saruman), precisamos entender melhor as posições de Tolkien sobre o assunto. Para tal precisamos entender melhor dois aspectos muito relacionados de sua personalidade: sua visão sobre seu papel como criador e sua visão sobre O Criador.

Tolkien, como já dissemos, é um católico devoto. Também é um filólogo, e como tal estudou diversos mitos, principalmente nórdicos, e gostava muito deles, tendo traduzido Beowulf do Antigo Inglês para o Inglês entre 1920 e 1926.<sup>27</sup> Há uma certa tensão inerente na relação entre essas duas coisas, pois, como católico deve-se entender a bíblia como a mensagem divina verdadeira e, ao mesmo tempo, como estudioso dos mitos, deve-se olhar as religiões de cada sociedade no mundo como uma construção histórica e humana. Como ele conciliava os dois fatos então, já que ele entendia que os diversos mitos religiosos eram apenas uma criação

---

<sup>27</sup> Tolkien, J.R.R. *Beowulf: A Translation and Commentary together with Sellic Spell*. Reino Unido: Harper Collins, 2014.

humana enquanto a Bíblia era de fato uma revelação sagrada? Para ele, a Bíblia também era um mito, mas era um *mito verdadeiro*, proveniente de iluminação divina. O que os outros criadores fazem, então (tanto os mitos escritos há décadas como ele e outros artistas contemporâneos seus) é um ato de sub-criação. Deus fez o ser humano à sua imagem e semelhança, incutindo em nós o desejo de criar - e ao criarmos artisticamente, também estamos cumprindo o desígnio planejado por Ele.

Isso é muito importante, pois o autor tem a seguinte dicotomia como tema central e ao mesmo tempo é muito ambíguo com ela: o ato criativo pela criação, que vem do espírito humano e tem principalmente função estética e de prazeres simples é um ato tão sublime que de acordo com o autor tem origem no próprio divino, e quando o ser humano está realizando tal ato criativo pela criação ele está cumprindo um desígnio direto divino (a este ele dava o nome de Arte); enquanto o ato de criação econômico, buscando a redução do trabalho, eficiência e controle é essencialmente maligno e corrompe tudo o que toca (e deu a este o nome de Máquina). A ambiguidade do professor sobre o tema está na interseção dos dois processos: ciência. Ele entende que buscar o conhecimento sobre o mundo para melhor entendê-lo e assim apreciar sua beleza é muito positivo, até é necessário para se fazer Arte; mas ele também entende que a ciência é um grande contribuidor para a Máquina, e quando usada para o controle a ciência é extremamente nociva.

A seguinte citação exemplifica, entre tantas outras cartas que tratam disso, o que pensa<sup>28</sup>:

“Anyway all this stuff is mainly concerned with Fall, Mortality, and the Machine. (...) With Mortality, especially as it affects art and the creative (or as I should say, sub-creative) desire which seems to have no biological function, and to be apart from the satisfactions of plain ordinary biological life, with which, in our world, it is indeed usually at strife. This desire is at once wedded to a passionate love of the real primary world, and hence filled with the sense of mortality, and yet unsatisfied by it. It has various opportunities of ‘Fall’. It may become possessive, clinging to the things made as ‘its own’, the sub-creator wishes to be the Lord and God of his private creation. He will rebel against the laws of the Creator – especially against mortality. Both of these (alone or together) will lead to the desire for Power, for making the will more quickly effective, – and so to the Machine (or Magic). By the last I intend all use of external plans or devices (apparatus) instead of development of the inherent inner powers or talents – or even the use of these talents with the corrupted motive of dominating: bulldozing the real world, or coercing other wills. The Machine is our more obvious modern form though more closely related to Magic than is usually recognised. (...) But the Elves are there (in my tales) to demonstrate the difference. Their ‘magic’ is Art, delivered from many of its human limitations: more effortless, more quick, more complete (product, and vision in unflawed correspondence). And its object is Art not Power, sub-creation not domination and tyrannous re-forming of Creation.(...). The Enemy in successive forms is always ‘naturally’ concerned with sheer

---

<sup>28</sup> Carpenter, Humphrey. Op. Ed. Carta 131, pág 124.

Domination, and so the Lord of magic and machines; but the problem: that this frightful evil can and does arise from an apparently good root, the desire to benefit the world and others – speedily and according to the benefactor’s own plans – is a recurrent motive.” (TOLKIEN apud CARPENTER, 2013: Carta 131)

Para John Ronald Reuel Tolkien, Poder, em última instância, é algo maligno pois é a tentativa dos seres mortais de tentarem agir como Deus. Representa a Queda, como a queda de Lúcifer<sup>29</sup>. A forma presente dos mortais tentarem brincar de Deus é a tecnologia, representada pela expressão “máquina”. Ou “magia”, quando não é a magia inata da natureza (tanto inata à natureza de cada ser quanto a que vem do próprio meio natural).

Muito já foi escrito sobre as qualidades mitológicas da obra, sua relação com arquétipos jungianos e com o monomito de Joseph Campbell, inclusive como monografia.<sup>30</sup> A capacidade da obra de ressoar com milhões de pessoas do mundo todo é notável, e o poder desse tipo de trabalho de influenciar a visão de mundo das pessoas (que no fundo são os agentes que tomarão decisões econômicas, políticas, sociais, etc.) não pode ser ignorado. E de fato, esse elemento do poder ressoa tanto pois a marca da desconfiança das pessoas em relação às democracias nacionais é a ideias que seus representantes, por mais bem-intencionados que sejam, sempre irão se corromper e usar o poder em benefício próprio, sendo isso um paralelo muito forte entre o livro que trata do passado mítico e a experiência contemporânea.

Voltemos a citação anterior de Merry refletindo sobre Saruman<sup>31</sup>. A oposição da figura do burocrata covarde que se esconde atrás da instituição e de um exército de máquinas e funcionários sendo subjugado pelo homem-forte autoritário (Gandalf) que foi o enviado divino para levar o país de volta para suas raízes nacionais e em rumo a um futuro glorioso é evidente aqui, e seus paralelos históricos no séc. XX são tão prolíficos e famosos que nos dispensaremos de listá-los aqui.

E quem é esse personagem? Gandalf, o Cinzento, é um mago de uma ordem conhecida como Os Istari, um grupo de cinco magos que veio do além-mar sagrado, enviados dos seres divinos para ajudar a Terra-Média em seu momento de necessidade, e de quem Saruman era originalmente o líder. Enquanto Saruman passa seu tempo principalmente entre os homens e

---

<sup>29</sup> Vale apontar também que existem fortes paralelos entre o trabalho de John Milton e o trabalho de Tolkien. Por exemplo, a queda de Lúcifer em *Paradise Lost* é espelhada pela queda de Morgoth (o Senhor do Escuro original da Terra-Média e vilão do livro *O Silmarillion*, que atraiu Sauron para servi-lo antes de ser capturado derradeiramente e este se tornar o próximo Senhor do Escuro), o mais poderoso Ainur criado por Eru Ilúvatar.

<sup>30</sup> Ver a monografia “*One Ring to Bind them All: The Mythological Appeal of The Lord of The Rings.*” de Valter Henrique Fritsch (FRITSCH, 2009).

<sup>31</sup> A citação anterior às págs. 593 e 594 de *O Senhor dos Aneis*.

estudando o conhecimento que resta na Terra-Média, Gandalf pode ser definido tanto como um mago quanto como um andarilho. Ele perambulou por todos os lugares do Oeste, conheceu todos e os orientou sempre que quiseram dar ouvidos. Sua predileção é para com os elfos, com quem costuma passar algum tempo em deliberação, principalmente em Valfenda. Foi Gandalf, aliás, quem primeiro pôs os olhos no Condado, região do mundo para a qual ninguém nunca antes tinha dado a menor atenção, e teve o interesse de conhecer os hobbits e criou relações com eles.

O mago cinzento é sempre o grande instigador e figura de liderança dos povos livres durante a Terceira Era. Ele, por exemplo, instigou seus colegas Elrond de Valfenda, Galadriel de Lórien e Saruman a atacar a fortaleza do Necromante (nome sob o qual Sauron estava se escondendo em dado momento da Terceira Era). Aragorn, que no final do livro seria o Rei que retornou, é sempre instigado por Gandalf a ajudar os hobbits, a proteger o Condado, e quando chegada a hora tomar a Espada de Elendil, símbolo da linhagem real de Gondor e Arnor e ir rumo ao trono. Quando da deflagração da Guerra do Anel, ele é o escolhido em Valfenda para liderar a Comitiva, tendo ele mesmo descoberto que o anel em posse de Frodo era o Um Anel. Todos os resultados obtidos têm muito crédito de Gandalf e pode-se dizer que muito do que foi atingido no final do livro foi arquitetado por ele. Ele é a voz da autoridade hierárquica, ele é o enviado divino que aponta o rumo dos povos, ele é a tradição encarnada que enfrenta a mudança representada por Sauron e Saruman corrompido.

A transição para o mundo pós-revolução industrial marca então a transição de um passado mágico, de vida mansa e criação artística seguindo os passos de Deus para um mundo coordenado pelas prerrogativas diabólicas do controle sobre o mundo e de eficiência econômica. Para não haver dúvidas do papel que o econômico e o divino tem nesse processo na visão de Ronald, mais algumas citações provenientes de suas cartas:

“I should regard them as no more wicked or foolish (but in much the same peril) as Catholics engaged in certain kinds of physical research (e.g. those producing, if only as by-products, poisonous gases and explosives): things not necessarily evil, but which, things being as they are, **and the nature and motives of the economic masters who provide all the means for their work being as they are**, are pretty certain to serve evil ends. For which they will not necessarily be to blame, even if aware of them.” (TOLKIEN apud CARPENTER, 2013: Carta 153)

“He had gone the way of all tyrants: beginning well, at least on the level that while desiring to order all things according to his own wisdom he still at first considered **the (economic) well-being of other inhabitants of the Earth**. But he went further than human tyrants in pride and the lust for domination, being in origin an immortal (angelic) spirit. In The Lord of the Rings the conflict is not basically about 'freedom', though that is naturally involved. **It is about God, and His sole right to divine honour**.” (TOLKIEN apud CARPENTER, 2013: Carta 183)

“There is the tragedy and despair of all machinery laid bare. Unlike art which is content to create a new secondary world in the mind, it attempts to actualize desire, and so to create power in this World; and that cannot really be done with any real satisfaction. **Labour-saving machinery only creates endless and worse labour.** And in addition to this fundamental disability of a creature, is added the Fall, which makes our devices not only fail of their desire but turn to new and horrible evil. So we come inevitably from Daedalus and Icarus to the Giant Bomber.” (TOLKIEN apud CARPENTER, 2013: Carta 75)

Prestemos atenção especial ao Um Anel, motivador de toda a jornada do livro e símbolo último da Máquina. Esse objeto foi criado por Sauron na Segunda Era (chamados os Anos Escuros, perdidos na memória do mundo se não pelos sussurros de terror), que guiou os elfos de uma região chamada Eregion, parentes dos de Valfenda, a criar Anéis de Poder. Sauron sem o conhecimento deles forjou o Um Anel, que está ligado aos outros e com ele pretendia subjugar todas as criaturas da Terra-Média, como inscrito em runas élficas no próprio anel: “Um Anel para a todos governar, Um Anel para encontrá-los, Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los.” (TOLKIEN, 2001[1954]: 52). Ao descobrirem suas intenções, os elfos de Eregion como Celebrimbor (artífice dos anéis) abandonaram Sauron, forjaram três anéis do poder que nunca foram tocados por ele, e os esconderam. A intenção deles era (e o que os colocou nesse caminho com resultado infeliz, de acordo com Tolkien) com estes objetos retardarem o que viam como o desvanecimento do mundo, e mantê-lo belo e “mágico”:

“Os Três não foram feitos por Sauron, que nunca sequer os tocou. Mas sobre eles não se permite falar. Não são inúteis. Mas não foram feitos para serem usados como armas de guerra ou conquista: não é esse o poder que têm. Aqueles que os fizeram não desejavam força, ou dominação, ou acúmulo de riquezas; mas entendimento, ações e curas, para preservar todas as coisas imaculadas.” (TOLKIEN, 2001[1954]: 279)

Sauron levou guerra ao lugar, destruiu tudo e matou Celebrimbor, mas nunca conseguiu pôr as mãos nos três. Pegou nove dos já feitos e deu a reis homens, e sete deu a reis anões. No fim da Segunda Era homens do Oeste e elfos fizeram a última aliança e sitiaram Mordor, arrancando o Um Anel de Sauron, que acabou não sendo destruído e por fim se perdeu no Grande Rio Anduin. Sauron virou apenas um espectro a vagar, mas com o passar do tempo recobrou sua força, e voltou a Mordor, mas ainda assim agora grande parte de seu poder residia no próprio Um. Se no fim da Terceira Era (quando os eventos de *O Senhor dos Anéis* ocorrem) ele voltasse a obter o Anel, os três lhe seriam revelados, todo o seu poder lhe seria restaurado, e as sociedades claudicantes de elfos e homens do Oeste da época não teriam nenhuma chance de resistir a seu poder. Essa passagem nos remete à citação anterior nas notas do livro *Contos Inacabados*<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> A citação anterior à pág. 479, nota 8 de *Contos Inacabados*.

Mesmo com as “boas intenções” dos elfos de apenas quererem preservar o mundo como ele era para eles, e manter a “magia” (aqui é a magia boa, a natural), o fato deles quererem por si só mexerem no mundo para que ele servisse melhor aos seus desígnios era condenável. É curioso que esse amor pela tradição, e manter o mundo como ele era antes é associado pelo autor com a ciência e a tecnologia, pois muito do que Tolkien escreve também mostra esse mesmo sentimento. Mas é por isso que o objetivo dos Noldor era considerado nobre pelo autor, era alinhado com a sua visão de mundo. O erro dos Noldor, e o erro de todos aqueles que pretendiam usar a ciência e a tecnologia para mudar o mundo, é que isso vai contra os desígnios de Deus. Deus não nos fez para esse mundo, seja os Elfos e Homens feitos por Erú Ilúvatar, o Criador do mundo de Arda<sup>33</sup> (respectivamente os Primogênitos e os Sucessores, as duas famílias para quem este Criador fez o mundo)<sup>34</sup>, seja os seres humanos na terra feitos para viver no Reino Eterno de Deus, aquele sobre qual Cristo veio trazer as Boas Novas. Tentar fazer desse mundo um lugar sem sofrimento, tentar curar os males, é ter amor para com o mundo material acima do divino, é negar viver na Morada de Deus.

Para deixar claro, isso é a visão de Tolkien sobre os Noldor, ainda assim elfos da Alta Linhagem muito amados por ele e protagonistas heroicos de suas histórias lendárias, principalmente em *O Silmarillion*. São um caso especial. O professor entendia que os casos mais comuns de uso da ciência e da tecnologia eram as pessoas como Saruman, que pretendiam usar isso para desafiar Deus e dominar a Terra e todos os outros seres vivos.

Precisamos conhecer melhor o que o objeto que representava esse desejo último por dominação e poder, a grande obra maligna da ciência e da tecnologia na Terra-Média, o Um Anel de Sauron, fazia realmente. O principal poder do anel era dar a capacidade de influenciar e comandar todos os tipos de criaturas. Outra grande característica é amplificar as qualidades inatas dos seus usuários, como por exemplo sentidos aguçados. Nas mãos de qualquer outro que não Sauron, seu criador, o Anel principalmente tentava e corroía seu portador. A tentação era a beleza do objeto e uma certa fascinação, como se ele fosse muito precioso. O portador podia ficar invisível aos olhos mortais, e teriam sua vida estendida infinitamente. “Esticada” era o termo preferido pelo autor, pois se aos olhos a pessoa parecia envelhecer incrivelmente bem, como se tivesse presa na juventude, na alma a pessoa ia perdendo a alegria de viver, e

---

<sup>33</sup> Outro nome para o planeta Terra no *legendarium* de J.R.R. Tolkien, representa a Terra como morada de Manwë, senhor dos Valar (os “deuses” ou “anjos” que ajudaram na criação do Mundo enviados por Ilúvatar para governar o mundo material). Também pode significar mundo físico, matéria, e em um momento posterior representa todo o sistema solar onde o planeta está inserido.

<sup>34</sup> Tolkien, J.R.R. Christopher Tolkien (org.), *O Silmarillion*, “*Ainulindalë*.”. São Paulo: Martins Fontes, 1999

continuava como um mero espectro de um ser vivo. Se o portador fosse fraco, eventualmente o Anel assumiria o controle dele, e ele se tornaria literalmente um espectro a vagar (se ele usasse muitas vezes o anel para ficar invisível), ou se tornaria um serviçal de Mordor. De qualquer forma, o Anel tinha uma certa vontade própria, e estava sempre voltado para encontrar seu mestre, então provavelmente o resultado nos dois casos seria o mesmo: o Anel então encontraria seu mestre.

Se o portador fosse especialmente forte (como um dos grandes Elfos como Galadriel e Elrond, um rei da linhagem dos Dúnedain como Aragorn ou um dos Magos como Saruman e Gandalf), o Anel não era mais seguro para eles, aliás muito pelo contrário. O Anel continuava a tentá-los, e possivelmente os tentava de forma mais pungente, mas seus efeitos eram diferentes. O caminho para essas pessoas era diferente: o Um era uma tentação como uma ferramenta que elas poderiam usar para destruir o Mal no mundo e reordená-lo como achassem melhor. Eles eram efetivamente capazes de “domar” o Anel: este abandonaria Sauron e os reconheceria como seu novo dono. Mas o Anel continuaria a fazer o que foi feito para fazer: escravizar. Eventualmente o Um corromperia seu usuário, que passaria a desejar o poder pelo poder, e que largaria qualquer pretensão de estar moldando o mundo à sua maneira “pelo bem maior” e o moldaria como um exercício nefasto de seu ego impossivelmente inflado pela magia maligna do Um<sup>35</sup>.

O Anel é, portanto, o objeto principal que representa a Queda para o Mal pela tentação. Com a citação no fim da parte I.2, que esclarece o papel metafórico que a criação do Anel tem como o desejo de se conhecer e controlar o mundo via ciência e tecnologia, e com todos os fragmentos registrados aqui, há poucas dúvidas do papel nefasto que a tecnologia tem para o mundo na visão tolkieniana. Como o Anel, a tecnologia sempre tenta aqueles que a criam para fins benéficos os deturpar em nome do seu próprio poder e engrandecimento, pois tudo que o poder nas mãos de qualquer outro que não Deus pode fazer é corromper, e a tecnologia é só a forma nova de exercer poder para Tolkien.

As consequências da expansão da tecnologia no dia a dia dos seres humanos a partir principalmente do séx. XIX são vastíssimas. Do mesmo modo, as consequências de assumirmos uma visão de mundo como a tolkieniana e procedermos a propor por exemplo um projeto de

---

<sup>35</sup> Tolkien, J.R.R Op. Ed. Livro 2, Capítulo 2. Pág 279. As informações sobre o poder do Anel no livro se encontram principalmente em Livro 1, Capítulo 2: *A sombra do passado* e Livro 2, Capítulo 2: *O conselho de Elrond*. Para saber mais sobre a confecção dos anéis, consultar J.R.R. Tolkien, Christopher Tolkien (org.), *O Silmarillion, “Dos Anéis do Poder e da Terceira Era”*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Estado-Nação, uma escola econômica, um partido político, uma revolução cultural também são vastíssimas, e como tal tais questões foram abordadas por muitos estudiosos e pensadores dos mais diversos campos e não necessariamente sempre dentro do âmbito acadêmico, como a própria obra *O Senhor dos Anéis* pode atestar. Precisamos agora entender nosso autor em seu espaço histórico, observar visões de mundo que tem pontos de contato com as dele para formarmos um panorama mais completo dessa compreensão do papel da tecnologia nas sociedades antes de analisá-la criticamente.

## CAPÍTULO II – O MOVIMENTO SOCIAL DA IGREJA CATÓLICA

Há muitas perspectivas teóricas em Economia que podem ser usadas para abordar o tema da tecnologia em *O Senhor dos Anéis*, pois como é um tema de suma importância para a Economia muitas correntes de pensamento têm contribuições relevantes: pós-keynesianismo, novos-clássicos, marxistas, institucionalistas originais... incluindo até o supracitado artigo do Instituto Mises *Tolkien vs. Power* discutindo a obra de Tolkien<sup>36</sup>. Não se pode esquecer também a literatura que relê a obra de Tolkien sobre uma perspectiva pós-colonial<sup>37</sup>, e uma leitura sob a ótica da CEPAL que explorasse como a obra vê as relações entre povos e como a tecnologia afeta as relações centro-periferia na economia global seria uma perspectiva muito frutífera.

Polanyi, porém, é uma escolha que cabe excepcionalmente bem. Não apenas pela contemporaneidade (os dois nasceram perto do fim do séc. XIX, os dois estavam escrevendo suas obras a Inglaterra nos anos 40, os dois atingiram uma popularidade tardia ao serem adotados pela contracultura estadunidense nos anos 60-70), e nem apenas pela afinidade religiosa (os dois eram católicos devotos e aplicaram suas crenças religiosas diretamente nos escritos que revelam suas visões de mundo), mas principalmente pelos pontos de contato entre a obra desses dois autores.

Muito desses pontos de contato se referem aos posicionamentos oficiais do papado em relação a “Grande Transformação”, desde o *Rerum Novarum* do fim do séc XIX até posicionamentos mais recentes (ecoados na contemporaneidade pelo Papa Francisco em seu *Evangelii Gaudium*), e a um grupo de estudiosos cristãos que durante a primeira metade do séc. XX concentraram seus esforços em conciliar a existência de democracias nacionais capitalistas com os ensinamentos católicos. A apresentação desse movimento social católico será o foco deste capítulo.

### ***II.1 – Introdução a Doutrina Social da Igreja.***

Uma leitura atenta de *A Grande Transformação* nos mostra que, mesmo que por óticas diferentes, nossos dois autores estão preocupados com muitas das mesmas questões: a transição para a modernidade e para o capitalismo, o impacto da tecnologia na vida humana, e a

---

<sup>36</sup> <https://mises.org/library/tolkien-v-power>

<sup>37</sup> Liebherr, Louise, *Reimagining Tolkien: A Post-colonial Perspective on The Lord of the Rings*. University of Limerick July 2012, PHD.

desintegração das comunidades tradicionais, como exemplos. Isso não surpreende quando notamos que Tolkien e Polanyi foram diretamente influenciados por um conjunto de ideias chamados de Doutrinas Sociais da Igreja (CST na abreviação em inglês), que são o conjunto das doutrinas católicas que regem a visão papal sobre questões sociais.

Essa doutrina tem como fundamentos principalmente duas encíclicas papais: *Rerum Novarum*, promulgada pelo papa Leão XIII em 15 de maio de 1891, e *Quadragesimo Anno* (que comemorava os 40 anos da encíclica anterior), promulgada por Pio XI em 15 de maio de 1931, e prosseguem como um campo de debate vivo entre pensadores cristãos, tendo ecos até hoje. Por exemplo, a publicação de *Evangelii Gaudium* pelo Papa Francisco em 2013 causou o mesmo tipo de incômodo que essas antigas encíclicas papais, fazendo o jornal *The Atlantic* publicar um editorial intitulado “O Papa gostaria que você soubesse que ele não é marxista” [tradução minha]<sup>38</sup>.

Já foi dita a influência que a religião católica teve na vida de Tolkien. O exemplo mais direto que temos da relação entre Tolkien e escritores católicos associados ao CST é seu ensaio *On Fairy-Stories*<sup>39</sup> de 1947, onde ao discutir a natureza das histórias fantásticas Tolkien faz diversas referências ao autor G.K. Chesterton, que tem um ensaio próprio escrito sobre o papel das histórias fantásticas na sociedade (*The Ethics of Elfland*, o quarto capítulo de seu livro *Orthodoxy*). Ele é famoso como escritor de literatura e também como um estudioso e defensor do catolicismo na Inglaterra, já tendo aí então um paralelo com Tolkien.

Chesterton e seu amigo Hillary Belloc são considerados os fundadores do Distributismo, uma escola de pensamento social que nasceu diretamente da influência de *Rerum Novarum*. Essa escola tem como ideia principal a superação dos males criados pelo capitalismo e a criação de um mundo mais justo e baseado nos valores morais católicos via a distribuição em massa da propriedade privada para toda a população. Em oposição também contra o socialismo, eles argumentavam que a propriedade privada era um direito natural fundamental que vinha da criação do mundo por Deus e que dessa forma ninguém poderia retirar do ser humano ter os seus próprios bens. São opostos a qualquer controle extenso da propriedade dos meios de produção por poucos, sejam eles o Estado, uma plutocracia ou empresas em um sistema corporativista. Entendiam que a propriedade apesar de ser um direito tinha que ter limites, pois

---

<sup>38</sup> <https://www.theatlantic.com/international/archive/2013/12/marxists-are-good-people-pope-not-one/356163/>

<sup>39</sup> Em português, *Sobre Histórias de Fada*. Tolkien, J.R.R. *On Fairy-Stories*. Reino Unido: Oxford University Press, 1947.

a natureza foi feita por Deus para todos usufruírem e por isso todos tinham o direito de ter propriedade e de usufruir do que ela dá. Logo se ela fosse acumulada e usada de forma a privar as pessoas do mínimo para se viver o Estado deveria intervir para tirar o excesso de propriedade das mãos desses ricos proprietários e, como diz o nome da escola de pensamento, distribuí-los entre os que não a tem.

Há um pequeno debate entre os pensadores sociais católicos conservadores de língua inglesa sobre se Tolkien (e C.S. Lewis, seu amigo de Oxford que Tolkien contribuiu para a conversão do ateísmo ao cristianismo) advogava ideias distributistas. Joseph Pearce, que escreveu vários livros sobre Tolkien, Lewis e Chesterton, inclusive uma biografia de C.S. Lewis<sup>40</sup>, escreveu alguns textos na internet sobre a relação entre esses três autores, defendendo essa posição<sup>41</sup>. Fora as já citadas referências a Chesterton no ensaio de Tolkien, ele entende que o Condado é um lugar onde a comunidade lutou sempre contra forças externas e internas, usando a força se necessário, para manter a propriedade bem distribuída. Chesterton advogava da mesma forma, dizendo que o Estado deveria agir via principalmente a força das leis para dividir a propriedade entre o maior número possível de pessoas.

Jay Richards e Jonathan Witt escreveram um livro onde exploram a questão e chegaram a uma resposta negativa, pois entendem que é melhor tomar Tolkien em seus próprios termos do que tentar encaixá-lo à força nas visões de outro autor, apesar de concederem que há similaridades entre as visões de G.K. Chesterton e de J.R.R. Tolkien<sup>42</sup>. Seu grande problema com a visão dos distributistas é que de acordo com eles ela tenta gerar menos Estado mais acaba gerando mais Estado (o que é sempre ruim na visão desses autores). Vão argumentar que as encíclicas que tratam da questão do CST sempre lidaram com as coisas em termos gerais, e nunca com propostas específicas de Chesterton, e com certeza não com o ar interventor que este tem.

O distributismo se pretende como a escola de pensamento social oficial do CST, mas ele não é aceito como tal por todos os proponentes dessas doutrinas. Há na verdade uma miríade

---

<sup>40</sup> Por exemplo: Pearce, Joseph, *Literary Converts: Spiritual Inspiration in an Age of Unbelief*. Ignatius Press, 2006. Pearce, Joseph, *Frodo's Journey: Discover the Hidden Meaning of The Lord of the Rings*. Tan Books, 2015. Pearce, Joseph, *Wisdom and Innocence: A Life of G.K. Chesterton*. Ignatius Press, reprint edition, 2015.

<sup>41</sup> <http://www.theimaginativeconservative.org/2015/07/chesterton-tolkien-and-lewis-in-elfland.html>, <http://www.theimaginativeconservative.org/2015/10/chesterton-casts-a-spell-on-j-r-r-tolkien.html> e <http://www.theimaginativeconservative.org/2014/11/distributism-shire-political-kinship-tolkien-belloc.html>

<sup>42</sup> Richards, Jay e Witt, Jonathan, *The Hobbit Party: The Vision of Freedom That Tolkien Got, and the West Forgot*. Ignatius Press, 2014. O tema parece estar em voga entre escritores conservadores cristãos recentemente. Por exemplo, Williams, Donald T., *Mere Humanity: G.K. Chesterton, C.S. Lewis, and J. R. R. Tolkien on the Human Condition*. B&H Books, 2006

de autores que leram as encíclicas papais originais sobre o tema e deram sua própria interpretação sobre o movimento. Para citar outros dois, os franceses Emmanuel Mounier, pai do personalismo francês (outra escola que prometia uma terceira via entre o liberalismo e o comunismo/socialismo/marxismo, uma afirmação recorrente nos estudos sobre CST), e Jaques Mauritian, grande estudioso de Tomás de Aquino e diretamente atuante na confecção e divulgação a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* feitos pela ONU em 1948.

O debate é controverso, entre quais são as interpretações práticas das encíclicas papais, qual é o papel da intervenção do Estado na economia, sobre os limites e extensão do direito de propriedade privada, entre muitos outros. Há até uma grande corrente de católicos que simplesmente se nega a aceitar que a Igreja tenha qualquer voz sobre a questão econômica, principalmente pela crítica presente ao sagrado livre-mercado irrestrito (representados pela expressão “Mater si, Magistra no”<sup>43</sup>, em referência satírica a encíclica *Mater et Magistra* de 1960. Somado a essa controvérsia, há o fato do CST ser considerado por muitos “o segredo mais bem-guardado” da Igreja<sup>44</sup>, tendo em vista que muitos católicos sequer sabem da existência desse campo de estudos ao mesmo tempo que sabem muito bem dos ensinamentos morais católicos<sup>45</sup>, quem dirá então os ateus, agnósticos e seguidores de outras religiões.

Por todos esses fatores, entende-se que a melhor forma de debater o CST para entendermos sua influência é apresentar suas origens, olhando as duas encíclicas papais que originaram todo esse debate (as já citadas *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno*), entendendo quais são seus pontos principais, seu contexto histórico e a partir daí poderemos entender como esse corpo de ideias influencia Tolkien, Polanyi e ajuda a ligar os dois autores. Existe extenso material na internet criado pelo Vaticano e por organizações católicas a nível nacional e regional que também nos servirão como fonte valiosa.

### **II.1.1 – Princípios Básicos do CST**

O *Catholic Social Teaching* é, em essência, um conjunto de ensinamentos da Igreja Católica sobre como as sociedades devem proceder para promover o bem comum e apoiar vidas acordo com valores cristãos. Esses ensinamentos, quando nos referimos a CST, dizem

---

<sup>43</sup> “Mãe sim, Professora não”, em tradução do latim. <http://www.patheos.com/blogs/scottericalt/populorum-progressio/>

<sup>44</sup> Por exemplo o título do livro: Deberri, Edward P., et al., *Catholic Social Teaching: Our Best Kept Secret*. Orbis Books, 2003

<sup>45</sup> <https://www.opendemocracy.net/transformation/susan-rakoczy/best-kept-secret-of-catholic-church—its-social-teachings>

principalmente sobre questões socioeconômicas, como as sociedades devem se organizar para produzir e distribuir a produção e se certificar que todos usufruem dos bens produzidos de acordo com a justiça e os princípios da Igreja Católica. As encíclicas papais e outros documentos<sup>46</sup> que são incluídos no corpo de escritos sobre CST funcionam como interpretações da palavra de Jesus Cristo aplicadas aos problemas sociais da modernidade.

A Igreja também se engajou no campo de estudo social por uma questão espiritual. Ela entende que o objetivo último da Terra é a salvação das almas corrompidas pelo Pecado Original, e que sua responsabilidade principal e por extensão também do CST é o cuidar das almas. As almas se salvam quando vivem uma vida virtuosa, siando do pecado e indo em direção as virtudes. Para que se viva uma vida virtuosa, porém, é necessário que os bens físicos e temporais sejam cuidados, e por isso o interesse da Igreja nessa questão.

O Catecismo da Igreja Católica define três doutrinas principais sobre as questões sociais<sup>47</sup>: qualquer sistema determinado unicamente por fatores econômicos é contrário a pessoa humana; qualquer teoria que coloca o lucro como o fim último e exclusivo da atividade econômica é moralmente inaceitável; qualquer sistema que reduza a pessoa humana à coletivização é inaceitável. Essas doutrinas não são exatamente a base para as visões sociais da Igreja, mas servem como guias gerais do que é inaceitável para o CST.

Um ponto muito importante que precisa ser compreendido é que essas ideias não são apenas um apanhado de regras que a Igreja determinou para que as sociedades vivam, e que são defendidas em discurso ou não dependendo das simpatias políticas e religiosas do devoto. Essas ideias tem um impacto muito real no mundo hoje, e um bom exemplo disso é a quantidade imensa de partidos democratas cristãos espalhados pelo mundo. Angela Merkel faz parte de um; o partido de Michelle Bachelet estava em coalizão com outro quando de seu governo<sup>48</sup>. Esses partidos são fortes também na França, na Holanda, na Irlanda, em boa parte da Europa Ocidental<sup>49</sup>, com uma presença relevante na América do Sul. O mundo acadêmico econômico

---

<sup>46</sup> A revista *U.S. Catholics* publicou um pequeno guia intitulado *The Busy Christian's Guide to Catholic Social Teaching*, que resume as principais encíclicas e documentos tradicionalmente associados com o CST e dão uma breve explicação do que cada um deles discute. Existem outras fontes mais amplas, como o *Compendium of the Social Doctrine of the Church*, publicado em 2004 pelo Vaticano.

[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_en.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_en.html), [https://www.uscatholic.org/busy\\_christians\\_guide\\_catholic\\_social\\_teaching](https://www.uscatholic.org/busy_christians_guide_catholic_social_teaching)

<sup>47</sup> <http://www.vatican.va/archive/ENG0015/P8C.HTM>

<sup>48</sup> Merkel faz parte do partido que em inglês se chama *Christian Democratic Union (CDU)*. O partido na coalizão de Bachelet era o *Partido Demócrata Cristiano, PDC*, no original em espanhol.

<sup>49</sup> Ver por exemplo a relevância da *European People's Party* na política da União Européia.

costuma pensar em termos de partidos políticos reagindo a sistemas de interesses, doações e força retórica das ideias para decidir que políticas apoiar, quais leis defender ou barrar, qual a administração ideal da economia, mas é um fato inegável que moralidade e religião tiveram e têm até hoje um forte peso nesse tipo de decisão.

Existe uma lista de princípios publicada por diversas instituições como os princípios básicos que norteiam a Doutrina Social da Igreja, mas essas listas não são unânimes e uma rápida pesquisa faz voltar muitas listas diferentes<sup>50</sup>, e elas variam de acordo com a prioridade que cada instituição dá para um princípio em relação a outros, ou também por que alguns princípios que estão divididos em dois em uma interpretação são unidos em uma. Foram escolhidos alguns princípios aqui para servir como uma apresentação em linhas gerais do pensamento social católico oficial, mas essa lista não é, como relatado, exaustiva ou definitiva. Começa-se com a apresentação dos cinco princípios que aparecem no *Compendium of the Social Doctrine of the Church*, e depois os outros pontos relevantes que não estão incluídos nesses cinco<sup>51</sup>.

### **1) Dignidade Inviolável da Pessoa Humana**

Não está listado como um princípio no *Compendium* (o tema é abordado no capítulo anterior ao dos princípios), mas é de tanta importância que vale a pena ser apresentado como o primeiro aqui<sup>52</sup>. É simplesmente o princípio fundamental do CST, e toda a doutrina deriva dele. A interpretação católica é que humanos são dignos e tem direitos pois foram feitos à imagem e semelhança de Deus, e daí temos o fato que todos os seres humanos são dignos e tem os mesmos direitos e deveres. Por serem dessa forma, a dignidade humana não pode ser violada, então todos devem ser livres para buscarem sua independência e fazer suas decisões (e as encíclicas vão usar isso como sua principal crítica ao socialismo, pois entendem que essa ideologia vê o ser humano como uma célula indistinguível e não respeitam o indivíduo). É daqui que vem o direito fundamental à vida, e é a base para a crítica católica ao uso de métodos contraceptivos, da pena de morte e do aborto.

---

<sup>50</sup> Exemplos: <https://ccdenvr.org/our-mission/catholic-social-teaching/> ,

<https://www.caritas.org.au/learn/catholic-social-teaching> , <http://www.catholicsocialteaching.org.uk>

<sup>51</sup> As fontes para esses princípios são o *Compendium*, vários sites de associações oficiais ligadas à Igreja Católica que discutem esses princípios (exemplos desses sites são dados na nota anterior) e as próprias encíclicas, onde muitos desses princípios são explorados mais a fundo.

<sup>52</sup> Como bem argumentado em <https://eyesoffaith.info/?q=node/3357>

## **2) Princípio do Bem Comum**

Este princípio significa que todos os membros de uma sociedade devem trabalhar para o bem comum. Como registrado no *Compendium*: "...the common good indicates 'the sum total of social conditions which allow people, either as groups or as individuals, to reach their fulfilment more fully and more easily'"(VATICANO, 2004: ponto 146). Isso implica tanto em direitos quanto em deveres: as pessoas têm o direito de se desenvolver plenamente e usufruir do bem comum sem serem impedidas, e tem o dever de contribuir para o bem comum tanto de forma negativa (se abstendo de agir em detrimento do outro) quanto positiva (agindo prestativamente para contribuir com o próximo e a comunidade). A sociedade como um todo e o Estado em particular tem um papel relevante nisso, criando políticas que promovam o bem comum sem serem invasivas a ponto de atentarem contra liberdades individuais.

A Igreja também se coloca como tendo uma forte ligação com projetos de paz pelo mundo. Ela serviu como mediadora em diversas ocasiões na figura do Papa e tem um discurso muito ativo na promoção e manutenção da paz. A questão da Paz às vezes é separada como um princípio próprio, mas também pode ser considerado um valor que norteia todos os outros princípios. A questão da dignidade da pessoa humana, da solidariedade e dos direitos do trabalhador são uma questão da paz social, e a subsidiariedade, a disposição universal dos bens e o princípio de comunidade e associações ajudam de acordo com o paradigma da visão social católica a guiar um estado de Paz entre as nações.

## **3) A Destinação Universal dos Bens**

A destinação universal dos bens significa que tudo que é produzido pelo trabalho humano e todos os recursos naturais devem ser usufruídos por todos, sem nenhum tipo de exceção. É talvez a expressão mais direta do princípio fundamental da dignidade humana, tendo em vista que a Igreja compreende que o ser humano que não tem suas necessidades básicas atendidas não está vivendo dignamente e por isso mesmo ele precisa ser cuidado. Há uma linha tênue aqui: a Igreja defende fundamentalmente o direito à propriedade privada e entende que não há nada amoral em um indivíduo trabalhar duro, acumular propriedade e usufruir dessa propriedade, e ninguém pode engar a ele esse direito, nem os pobres, nem o Estado. Ao mesmo tempo, esse direito não implica que as necessidades básicas de todos devem ser sacrificadas em prol desse direito: há limites para ele, e se os ricos não forem generosos com os seus bens e por caridade derem acesso aos mais desfavorecidos a Igreja defende que o Estado pode sim atuar

para distribuir a riqueza. Aqui já está estabelecida uma polêmica muito evidente com visões conservadoras, e é desse princípio que a proposta central do Distributismo nasce.

#### **4) Princípio da Subsidiariedade**

A subsidiariedade serve basicamente como um freio contra a expansão e o controle estatal da sociedade. Ela entende que todas as políticas devem ser decididas e executadas pelo nível mais local possível. Primeiro a família, depois os amigos próximos, depois as instituições da comunidade, como os responsáveis da escola, de um centro comunitário, de um hospital, da Igreja local. Aí sim depois uma prefeitura, um governo regional (como um condado, que existe em alguns países), depois o governo do estado ou da província, aí finalmente o governo federal e em último caso a ONU e a comunidade internacional. Subsidiariedade vem do latim *subsidium*, que significa apoio, suporte, desenvolvimento. A ideia é que as instâncias superiores cumpram essa tarefa de *subsidium*, e que qualquer tentativa de ir além disso é uma afronta a instituição familiar e comunitária e vai contra a manutenção da dignidade humana, pois a esfera local perde sua autonomia. É claro que se uma tarefa necessitar que um nível mais geral de governança aja para que ela seja realizada efetivamente, é esse nível que deve realizar, mas devem haver esforços para tornar as coisas mais locais possíveis.

Além de dessa forma tentar limitar o poder do Estado (visto pelo CST como uma instituição necessária porém perigosa, que precisa ser limitada) e a ingerência deste na vida das pessoas, existe uma ideia (que terá implicações importantes neste trabalho) de que antes dos Estado-Nação moderno havia uma série de instituições comunitárias locais em volta da Igreja que apoiavam os pobres, e que a destruição das comunidades locais quando da construção dos mercados nacionais colocou uma carga de trabalho de assistência sobre o Estado que é extremamente ineficiente de se colocar sobre uma instituição só. A subsidiariedade é então uma forma de aliviar a pressão sobre o Estado ao se permitir que várias das funções deles sejam cumpridas pela sociedade civil, tendo em vista que a Igreja Católica entende que fazia esse trabalho muito bem, e que a sua retirada forçada somada a intervenção do Estado só piorou a situação dos pobres. Por exemplo, permitir que escolas de Igreja sustentadas por doações de fiéis eduquem parte da população, diminuindo o custo do Estado em prover educação. Ou que um centro comunitário local sirva também para alimentar e dar abrigo a moradores de rua, diminuindo a pressão no serviço social.

#### **5) Participação**

O princípio da participação é um chamado a ação de todos os membros da sociedade. Para o CST uma pessoa não cumpre com seus deveres se ela simplesmente paga seus impostos e deixa o Estado fazer o resto. Ela deve ativamente participar na sociedade para promover o bem comum, trabalhar para prover bens e serviços benéficos para a sociedade, se engajar no debate político e moral para desenvolver as crianças e ajudar a manter a ordem e a harmonia da comunidade, e agir de forma virtuosa para ele mesmo não agir de forma contrária ao coletivo.

A participação não é apenas um dever, é além disso um direito. Se como visto anteriormente todos foram feitos à imagem de Deus, de acordo com essas ideias sociais todos devem poder ajudar a decidir os rumos da sociedade, tem direito a expressar suas manifestações culturais como construção desse coletivo comunitário, e tem direito a participar dos debates.

## **6) Solidariedade**

A solidariedade é um princípio difícil de explicar, por ser algo muito amplo e baseado em sentimentos. A ideia da solidariedade no CST é fundada na ideia principal do amor ao próximo, fundamental para a visão de mundo católica. Muitas das consequências práticas da aplicação da solidariedade já são explícitas em outro princípio, como o do bem comum, da dignidade humana e o da destinação universal dos bens. O princípio da solidariedade serve como alicerce e ao mesmo tempo como versão individual dessas ideias mais gerais. Ele entende que se todos os membros da comunidade forem solidários uns com os outros, ou seja, de acordo com a visão católica sigam o exemplo de Cristo e amem ao próximo, os outros princípios e as políticas fluirão naturalmente. Como o princípio da participação, ela pede uma ação de cada um, pois para que as reformas nos males da modernidade que a Igreja pretende desde as origens do CST é fundamental que cada um ame o próximo e queira de coração que as pessoas e a comunidade vivam uma vida melhor. Essa ideia tem tanta repercussão que uma versão desse princípio é elemento oficial da União Europeia<sup>53</sup>. A solidariedade também é o princípio onde a Igreja expõe sua visão de que o ser humano é um ser eminentemente social, e que a solidariedade deve ser o guia básico das interações sociais entre os indivíduos. A solidariedade é uma virtude moral antes de ser um princípio social (VATICANO, 2004: ponto 193), e junto com outros valores (verdade, justiça, caridade e liberdade) derivados do princípio da dignidade da pessoa humana foram os valores centrais do CST.

---

<sup>53</sup> <https://www.eurofound.europa.eu/observatories/eurwork/industrial-relations-dictionary/solidarity-principle>

## 7) Dignidade e Direitos dos Trabalhadores

João Paulo II na encíclica *Laborem Exercens* define o ser humano como o sujeito da produção, e não um objeto da produção. O trabalho deve servir aos seres humanos, e não os seres humanos ao trabalho:

“It only means that the primary basis of the value of work is man himself, who is its subject. This leads immediately to a very important conclusion of an ethical nature: however true it may be that man is destined for work and called to it, in the first place work is "for man" and not man "for work".” (JOÃO PAULO II, 1981: 9. Ponto 6.)

A Igreja entende que o valor econômico de todas as coisas provém do trabalho, e dessa forma o trabalhador tem um papel muito especial como provedor de todos os bens e serviços para as pessoas. A Igreja não entende que a única forma digna de ganhar a vida é o trabalho, e critica muito o socialismo por de acordo com ela ter essa posição, mas esse princípio existe para reconhecer que o trabalho é uma forma muito digna de ganhar a vida e que a dignidade do trabalhador desde a industrialização tem sido destruída, tanto no discurso quanto nas condições de trabalho e de vida. *Rerum Novarum* tem como tema principal a tentativa de alívio das condições dos trabalhadores, tanto rurais quanto urbanos.

## 8) Opção Preferencial pelos Pobres

O princípio da destinação universal dos bens e o princípio da solidariedade juntos formam a ideia que é muitas vezes separada como um princípio próprio: a opção preferencial pelos pobres, que diz que a Igreja e a sociedade civil sempre devem considerar primeiro os efeitos nos pobres de suas políticas, e devem direcionar seus esforços primeiramente para aliviar os males da pobreza e melhorar a condição de vida dos mais necessitados. Jesus afinal nasceu pobre de acordo com a tradição da fé católica, viveu e trabalhou com os pobres, disse que suas Boas Novas vinham principalmente para serem ouvidas pelos pobres, e famosamente afirmou que “Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! Pois mais fácil é passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus” (Lucas 18:24-25). A expressão “opção preferencial pelos pobres” aliás foi popularizada pelos escritores da Teologia da Libertação<sup>54</sup>, um movimento que uniu os princípios católicos com uma visão socioeconômica marxista.

---

<sup>54</sup> Como visto em (ZANINI; BACEGGA e ZAPPIA, 2011)

## **9) Guardiões da Natureza**

Não só o homem, mas a natureza também foi criada por Deus na fé católica, e dessa forma seu uso responsável é fundamental para que a comunidade viva uma vida harmoniosa. Cuidar da natureza, de acordo com os ensinamentos do CST, nos faz aprender a cuidar do próximo e mostra cuidado com a obra do Criador, e também garante a permanência dos recursos naturais e melhora a qualidade de vida de todos. Também é nossa responsabilidade com as gerações futuras manter a boa condição das coisas naturais, de acordo com esse princípio, pois a disposição universal dos bens também inclui nossos filhos e as gerações que ainda estão por vir.

## **10) Comunidade e associações**

É essencial entender o papel da comunidade para a visão de mundo católica e crista no geral. Todo o alarde feito pelos conservadores cristãos a respeito da derrocada da sociedade ocidental está baseado nesse princípio: o liberalismo, tanto econômico quanto político e cultural, destruíram os valores e a comunidade tradicional e colocam toda a sociedade em risco. A maior força transformadora para se atingir um mundo mais justo e harmonioso é que se fomentem associações e instituições comunitárias de todos os tipos: clubes locais, sindicatos, organizações de categorias profissionais, pessoas com hobbies em comum, consumidores, religiosos, pensadores e pessoas engajadas em políticas. Devem haver associações para os interesses mais ínfimos, associações que unam essas associações menores, associações para ligar as associações ao Estado, associações de pesquisa, de impacto local, ONG's, entre tantas outras. É muito importante que uma comunidade ativa esteja unindo todas as pessoas e reforçando os valores tradicionais (no caso do CST, os valores tradicionais católicos), pois essas são as instituições que na prática levarão a cabo as ideias do CST e farão dessa visão de mundo uma realidade, ao mesmo tempo que darão estabilidade e proteção a essa sociedade das ameaças externas, sejam outras sociedades, sejam o tempo que a tudo corrói.

### ***II.2 – Rerum Novarum.***

Como texto que originou toda a Doutrina Social da Igreja e ditou os termos para o debate futuro no campo católico (e até além, se considerarmos a Teologia da Libertação) muito tempo após sua publicação (Tanto *Quadragesimo* quanto três outras encíclicas, *Populorum Progressio*, *Octogesima Adveniens*, e *Centesimus Annus* foram publicadas também em

comemoração a *Rerum Novarum*), o documento principal para a análise desse campo de estudo social no âmbito católico usado aqui será *Rerum Novarum*.

A próxima seção servirá para apresentar um pouco das diferenças que existem na próxima encíclica publicada sobre o tema, *Quadragesimo Anno*, pois essa apresenta evoluções importantes que irão impactar na associação de nossos dois autores com o CST e para se ter uma noção das transformações que as encíclicas registraram com o tempo. Não se seguirá além dessas duas encíclicas por uma questão de escopo deste trabalho, e por que como a próxima encíclica seria publicada somente nos anos 60 (*Mater et Magistra*, de 1961), elas certamente não tiveram influência nem em *O Senhor dos Anéis* nem em *A Grande Transformação*.

Não é por isso que as outras encíclicas não são de interesse para a pesquisa desses dois autores. Assim como o CST influenciou os dois, os dois influenciam o CST até hoje. Os textos contemporâneos que debatem as afiliações cristãs e o significado político da obra *O Senhor dos Anéis* são muito influenciados pelas publicações mais recentes, e uma lente contemporânea nos permite ver quanto essas obras adiantaram ideias que viriam posteriormente. Como exemplo, a preocupação ecológica presente em Tolkien vai estar muito mais presente nas encíclicas do séc. XXI do que nas que iremos aqui abordar.

Para um texto relativamente curto (dezenove páginas), a primeira encíclica sobre o tema do CST, publicada por Leão XIII em 1891, entra em uma série de temas relevantes diferentes. O tema principal da encíclica é a condição do trabalhador (muitas vezes o subtítulo aparece como sendo “*On the Condition of Workers*”). A grande contribuição de *Rerum Novarum* para o pensamento católico além de fundar o CST é ter afirmado que o trabalhador estava sendo injustamente explorado pelas relações de trabalho existentes com a industrialização e a modernização. Há uma denúncia muito forte contra homens de negócio que usam os trabalhadores como objetos de produção sem considerar sem bem estar físico, mental moral e espiritual:

“If we turn not to things external and material, the first thing of all to secure is to save unfortunate working people from the cruelty of men of greed, who use human beings as mere instruments for money-making. It is neither just nor human so to grind men down with excessive labor as to stupefy their minds and wear out their bodies. Man's powers, like his general nature, are limited, and beyond these limits he cannot go. His strength is developed and increased by use and exercise, but only on condition of due intermission and proper rest. Daily labor, therefore, should be so regulated as not to be protracted over longer hours than strength admits. How many and how long the intervals of rest should be must depend on the nature of the work, on circumstances of time and place, and on the health and strength of the workman.” (LEÃO XIII, 1891: 13. Ponto 42.)

A encíclica entende que o trabalhador em última instância é quem cria o valor econômico que existe na sociedade, e por isso lhe dá a sustentação. Há o conceito no catolicismo que viver do trabalho é digno, e desta forma os trabalhadores merecem uma vida digna:

“Justice, therefore, demands that the interests of the working classes should be carefully watched over by the administration, so that they who contribute so largely to the advantage of the community may themselves share in the benefits which they create—that being housed, clothed, and bodily fit, they may find their life less hard and more enduring. It follows that whatever shall appear to prove conducive to the well-being of those who work should obtain favorable consideration. There is no fear that solicitude of this kind will be harmful to any interest; on the contrary, it will be to the advantage of all, for it cannot but be good for the commonwealth to shield from misery those on whom it so largely depends for the things that it needs.” (LEÃO XIII, 1891: 11. Ponto 34.)

Existe uma preocupação especial com o salário mínimo (em 1891 um ponto muito contestador, e que gera debates econômicos até hoje). A ideia é que qualquer sistema econômico em que um trabalhador tem que aceitar um salário menor do que aquele que permita que ele viva a sua vida e sustente a sua família, mesmo que frugalmente, é um sistema desumano, que vai contra as leis de Deus e não pode ser aceito. A crítica a atitude tirânica dos industriais que tentam arrancar dos operários cada centavo também é muito denunciada:

“Let the working man and the employer make free agreements, and in particular let them agree freely as to the wages; **nevertheless, there underlies a dictate of natural justice more imperious and ancient than any bargain between man and man, namely, that wages ought not to be insufficient to support a frugal and well-behaved wage-earner. If through necessity or fear of a worse evil the workman accept harder conditions because an employer or contractor will afford him no better, he is made the victim of force and injustice.** [grifo meu] In these and similar questions, however - such as, for example, the hours of labor in different trades, the sanitary precautions to be observed in factories and workshops, etc. - in order to supersede undue interference on the part of the State, especially as circumstances, times, and localities differ so widely, it is advisable that recourse be had to societies or boards such as We shall mention presently, or to some other mode of safeguarding the interests of the wage-earners; the State being appealed to, should circumstances require, for its sanction and protection.” (LEÃO XIII, 1891: 14, 15. Ponto 45.):

“Furthermore, the employer must never tax his work people beyond their strength, or employ them in work unsuited to their sex and age. His great and principal duty is to give every one what is just. Doubtless, before deciding whether wages are fair, many things have to be considered; **but wealthy owners and all masters of labor should be mindful of this - that to exercise pressure upon the indigent and the destitute for the sake of gain, and to gather one's profit out of the need of another, is condemned by all laws, human and divine. To defraud any one of wages that are his due is a great crime which cries to the avenging anger of Heaven.** [grifo meu] “Behold, the hire of the laborers... which by fraud has been kept back by you, crieth; and the cry of them hath entered into the ears of the Lord of Sabaoth.”(6) Lastly, the rich must religiously refrain from cutting down the workmen's earnings, whether by force, by fraud, or by usurious dealing; and with all the greater reason because the laboring man is, as a rule, weak and unprotected, and because his slender means should in proportion to their scantiness be accounted sacred.” (LEÃO XIII, 1891: 6,7. Ponto 20.)

Nessas citações em particular já é possível perceber vários outros elementos se misturando na questão da proteção ao trabalhador: uma certa ambiguidade no fato que o Estado não deve interferir na vida privada e nas relações de trabalho, mas ainda assim que uma regra de salário mínimo deve ser respeitada; que essa ambiguidade aparente é resolvida com a subjugação de todos a seguirem os preceitos da moral cristã; que caso esse tipo de problema persista associações comunitárias e conselhos não-estatais devem ser as primeiras instâncias a se recorrer; e por fim a ideia que o trabalhador é fraco, desprotegido e deve ser cuidado pois ele é sagrado.

Falando da atuação do Estado, o tom deste documento papal é, como dissemos, muito ambíguo. Por um lado ele condena fortemente a intervenção do Estado na vida social, principalmente quando o Estado passou a cumprir as funções que antes eram da Igreja.:

“Nay, in order to spare them the shame of begging, the Church has provided aid for the needy. The common Mother of rich and poor has aroused everywhere the heroism of charity, and has established congregations of religious and many other useful institutions for help and mercy, so that hardly any kind of suffering could exist which was not afforded relief. At the present day many there are who, like the heathen of old, seek to blame and condemn the Church for such eminent charity. They would substitute in its stead a system of relief organized by the State. But no human expedients will ever make up for the devotedness and self sacrifice of Christian charity. Charity, as a virtue, pertains to the Church; for virtue it is not, unless it be drawn from the Most Sacred Heart of Jesus Christ; and whosoever turns his back on the Church cannot be near to Christ.” (LEÃO XIII, 1891: 10. Ponto 30.)

Perceba aqui também um novo elemento: a atuação da Igreja como sistema de alívio para os trabalhadores. Esse entendimento sobre associações não-estatais que vão ser capazes de manter a comunidade estável, proteger os trabalhadores e fazer um trabalho muito melhor que o Estado é um dos argumentos mais importantes em *Rerum Novarum* e uma das ideias mais únicas do CST e do conservadorismo católico (e cristão mais amplo). Essa linha de pensamento entende que o capitalismo liberal gera consequências horríveis para as pessoas, principalmente os pobres, e entende que essas pessoas precisam ser cuidadas. Porém existe uma reticência imensa com ser o Estado aquele que vai assumir esse papel. Isso por que entende-se que o Estado foi um dos grandes promotores da onda de modernização que destruiu a sociedade tradicional:

“It is notorious that a very different course has been followed, more especially in our own times. In many places the State authorities have laid violent hands on these communities, and committed manifold injustice against them; it has placed them under control of the civil law, taken away their rights as corporate bodies, and despoiled them of their property, in such property the Church had her rights, each member of the body had his or her rights, and there were also the rights of those who had founded or endowed these communities for a definite

purpose, and, furthermore, of those for whose benefit and assistance they had their being” (LEÃO XIII, 1891: 17. Ponto 53.)

E afinal, com a bênção da Igreja o Estado é desnecessário. O ser humano viveu muito bem por muito tempo sem Estado, já que a base da sociedade para a Igreja é a família, e sua intervenção em assuntos econômicos é completamente indevida:

“Man's needs do not die out, but forever recur; although satisfied today, they demand fresh supplies for tomorrow. Nature accordingly must have given to man a source that is stable and remaining always with him, from which he might look to draw continual supplies. And this stable condition of things he finds solely in the earth and its fruits. There is no need to bring in the State. Man precedes the State, and possesses, prior to the formation of any State, the right of providing for the substance of his body.” (LEÃO XIII, 1891: 3. Ponto 7.)

Curiosamente, tendo em vista a forte retórica anti-liberalismo presente nas ideias sociais da Igreja, a função do Estado em *Rerum Novarum* não difere muito da função de manutenção das instituições do Estado Liberal:

“The foremost duty, therefore, of the rulers of the State should be to make sure that the laws and institutions, the general character and administration of the commonwealth, shall be such as of themselves to realize public well-being and private prosperity. This is the proper scope of wise statesmanship and is the work of the rulers. Now a State chiefly prospers and thrives through moral rule, well-regulated family life, respect for religion and justice, the moderation and fair imposing of public taxes, the progress of the arts and of trade, the abundant yield of the land-through everything, in fact, which makes the citizens better and happier. Hereby, then, it lies in the power of a ruler to benefit every class in the State, and amongst the rest to promote to the utmost the interests of the poor; and this in virtue of his office, and without being open to suspicion of undue interference - since it is the province of the commonwealth to serve the common good. And the more that is done for the benefit of the working classes by the general laws of the country, the less need will there be to seek for special means to relieve them.” (LEÃO XIII, 1891: 10, 11. Ponto 32.)

Por outro lado, no decorrer do texto cada vez mais este vai sendo chamado a cumprir um papel mais ativo na proteção do trabalhador. Aqui vemos um primeiro eco do que viria a ser a opção preferencial para os pobres:

“Rights must be religiously respected wherever they exist, and it is the duty of the public authority to prevent and to punish injury, and to protect every one in the possession of his own. Still, when there is question of defending the rights of individuals, the poor and badly off have a claim to especial consideration. The richer class have many ways of shielding themselves, and stand less in need of help from the State; whereas the mass of the poor have no resources of their own to fall back upon, and must chiefly depend upon the assistance of the State. And it is for this reason that wage-earners, since they mostly belong in the mass of the needy, should be specially cared for and protected by the Government.” (LEÃO XIII, 1891: 12. Ponto 37.)

Podemos ver até aqui a encíclica tomando posicionamentos muito críticos aos ricos e aos homens de negócio do industrialismo e da modernidade. A crítica não é só ao liberalismo, porém: há algumas páginas perto do começo dedicadas especialmente a uma crítica do

socialismo, de como a coletivização tira o individualismo das pessoas, como as promessas de um mundo melhor são vazias sem se considerar a salvação de Deus, e que a incitação a violência, greve e protestos precisa ser fortemente reprimida para se manter a harmonia social. Chega-se até a acusar os grevistas de gananciosos, querendo para si as riquezas dos outros:

“Here, however, it is expedient to bring under special notice certain matters of moment. First of all, there is the duty of safeguarding private property by legal enactment and protection. Most of all it is essential, where the passion of greed is so strong, to keep the populace within the line of duty; for, if all may justly strive to better their condition, neither justice nor the common good allows any individual to seize upon that which belongs to another, or, under the futile and shallow pretext of equality, to lay violent hands on other people's possessions. Most true it is that by far the larger part of the workers prefer to better themselves by honest labor rather than by doing any wrong to others. But there are not a few who are imbued with evil principles and eager for revolutionary change, whose main purpose is to stir up disorder and incite their fellows to acts of violence. The authority of the law should intervene to put restraint upon such firebrands, to save the working classes from being led astray by their maneuvers, and to protect lawful owners from spoliation.” (LEÃO XIII, 1891: 12. Ponto 38.)

Porém, é verdade, há uma preocupação em apontar que há necessidades reais que fazem os trabalhadores entrarem em greve, mesmo que atos de greve em si sejam abomináveis:

“When work people have recourse to a strike and become voluntarily idle, it is frequently because the hours of labor are too long, or the work too hard, or because they consider their wages insufficient. The grave inconvenience of this not uncommon occurrence should be obviated by public remedial measures; for such paralyzing of labor not only affects the masters and their work people alike, but is extremely injurious to trade and to the general interests of the public; moreover, on such occasions, violence and disorder are generally not far distant, and thus it frequently happens that the public peace is imperiled. The laws should forestall and prevent such troubles from arising; they should lend their influence and authority to the removal in good time of the causes which lead to conflicts between employers and employed. The working man, too, has interests in which he should be protected by the State; and first of all, there are the interests of his soul. Life on earth, however good and desirable in itself, is not the final purpose for which man is created; it is only the way and the means to that attainment of truth and that love of goodness in which the full life of the soul consists. It is the soul which is made after the image and likeness of God; .” (LEÃO XIII, 1891: 12, 13. Ponto 39.)

Uma das soluções para esse dilema estatal é a formação de associações. A Igreja se entende como guia de uma série de associações católicas que serviram para ajudar e amparar os mais necessitados sem a ação do Estado. Nos tempos modernos, ela entende também que os próprios trabalhadores devem formar suas associações (outra proposta muito controversa na época):

“In the last place, employers and workmen may of themselves effect much, in the matter we are treating, by means of such associations and organizations as afford opportune aid to those who are in distress, and which draw the two classes more closely together. Among these may be enumerated societies for mutual help; various benevolent foundations established by private persons to provide for the workman, and for his widow or his orphans, in case of sudden calamity, in sickness, and in the event of death; and institutions for the welfare of boys and girls,

young people, and those more advanced in years. The most important of all are workmen's unions, for these virtually include all the rest. History attests what excellent results were brought about by the artificers' guilds of olden times. They were the means of affording not only many advantages to the workmen, but in no small degree of promoting the advancement of art, as numerous monuments remain to bear witness. Such unions should be suited to the requirements of this our age - an age of wider education, of different habits, and of far more numerous requirements in daily life. It is gratifying to know that there are actually in existence not a few associations of this nature, consisting either of workmen alone, or of workmen and employers together, but it were greatly to be desired that they should become more numerous and more efficient. We have spoken of them more than once, yet it will be well to explain here how notably they are needed, to show that they exist of their own right, and what should be their organization and their mode of action.” (LEÃO XIII, 1891: 15, 16. Pontos 48 e 49.)

Essas associações seriam a solução ideal ao invés do Estado, pois seriam capazes de permitir criar o senso de comunidade que falta às estruturas burocráticas estatais ao mesmo tempo que por seu caráter local e particular permitiram que os indivíduos tivessem mais liberdade. O foco dessas instituições é o melhorar de vida das condições dos trabalhadores, mas como há diversas associações por aí que afirmam o mesmo princípio sendo socialistas, as que a Igreja defende devem ter como prioridade a salvação da alma:

“We may lay it down as a general and lasting law that working men's associations should be so organized and governed as to furnish the best and most suitable means for attaining what is aimed at, that is to say, for helping each individual member to better his condition to the utmost in body, soul, and property. It is clear that they must pay special and chief attention to the duties of religion and morality, and that social betterment should have this chiefly in view; otherwise they would lose wholly their special character, and end by becoming little better than those societies which take no account whatever of religion. What advantage can it be to a working man to obtain by means of a society material well-being, if he endangers his soul for lack of spiritual food? "What doth it profit a man, if he gain the whole world and suffer the loss of his soul?"(39)This, as our Lord teaches, is the mark or character that distinguishes the Christian from the heathen. "After all these things do the heathen seek . . . Seek ye first the Kingdom of God and His justice: and all these things shall be added unto you."(40)Let our associations, then, look first and before all things to God; let religious instruction have therein the foremost place, each one being carefully taught what is his duty to God, what he has to believe, what to hope for, and how he is to work out his salvation; and let all be warned and strengthened with special care against wrong principles and false teaching. Let the working man be urged and led to the worship of God, to the earnest practice of religion, and, among other things, to the keeping holy of Sundays and holy days. Let him learn to reverence and love holy Church, the common Mother of us all; and hence to obey the precepts of the Church, and to frequent the sacraments, since they are the means ordained by God for obtaining forgiveness of sin and for leading a holy life..” (LEÃO XIII, 1891: 18. Ponto 57.)

A questão conceitual mais importante (e que vai mais interferir na nossa interpretação tolkieniana) é que tudo para o CST existe em volta da moral cristã. A fuga da moral cristã foi o problema original, foi o grande crime cometido pela modernidade (já que, é claro, antes disso a Igreja como grande campeã dos humildes era extremamente competente em aliviar o sofrimento dos pobres<sup>55</sup>. E a única forma de impedir o corroer da sociedade tradicional é um

---

<sup>55</sup> Como vemos na citação do ponto 30.

retorno de todos aos valores morais cristãos<sup>56</sup> e a ordenação da vida em torno das instituições católicas.:

“And if human society is to be healed now, in no other way can it be healed save by a return to Christian life and Christian institutions. When a society is perishing, the wholesome advice to give to those who would restore it is to call it to the principles from which it sprang; for the purpose and perfection of an association is to aim at and to attain that for which it is formed, and its efforts should be put in motion and inspired by the end and object which originally gave it being. Hence, to fall away from its primal constitution implies disease; to go back to it, recovery. And this may be asserted with utmost truth both of the whole body of the commonwealth and of that class of its citizens-by far the great majority - who get their living by their labor.” (LEÃO XIII, 1891: 9. Ponto 27.)

A encíclica não perde tempo para afirmar quanto esse processo já ocorre hoje e precisa ser incentivado para que se melhore a vida do trabalhador. Católicos imbuídos do espírito de caridade guiando os pobres trabalhadores e os industriais e capitalistas a se unirem sob a moral cristã :

“Those Catholics are worthy of all praise-and they are not a few-who, understanding what the times require, have striven, by various undertakings and endeavors, to better the condition of the working class by rightful means. They have taken up the cause of the working man, and have spared no efforts to better the condition both of families and individuals; to infuse a spirit of equity into the mutual relations of employers and employed; to keep before the eyes of both classes the precepts of duty and the laws of the Gospel - that Gospel which, by inculcating self restraint, keeps men within the bounds of moderation, and tends to establish harmony among the divergent interests and the various classes which compose the body politic. It is with such ends in view that we see men of eminence, meeting together for discussion, for the promotion of concerted action, and for practical work. Others, again, strive to unite working men of various grades into associations, help them with their advice and means, and enable them to obtain fitting and profitable employment. The bishops, on their part, bestow their ready good will and support; and with their approval and guidance many members of the clergy, both secular and regular, labor assiduously in behalf of the spiritual interest of the members of such associations. And there are not wanting Catholics blessed with affluence, who have, as it were, cast in their lot with the wage-earners, and who have spent large sums in founding and widely spreading benefit and insurance societies, by means of which the working man may without difficulty acquire through his labor not only many present advantages, but also the certainty of honorable support in days to come. How greatly such manifold and earnest activity has benefited the community at large is too well known to require Us to dwell upon it. We find therein grounds for most cheering hope in the future, provided always that the associations We have described continue to grow and spread, and are well and wisely administered. The State should watch over these societies of citizens banded together in accordance with their rights, but it should not thrust itself into their peculiar concerns and their organization, for things move and live by the spirit inspiring them, and may be killed by the rough grasp of a hand from without.” (LEÃO XIII, 1891: 17. Ponto 55.)

Para reforçarmos essa lógica: o que causou a destruição da sociedade tradicional e colocou o trabalhador nas condições matérias em que ele está hoje foi o desvio da sociedade do

---

<sup>56</sup> A preocupação principal ser a destruição da sociedade tradicional sempre foi uma marca desse discurso. O inimigo pode ser ontem o liberalismo e a indústria, hoje pode ser o aborto, o Islã jihadista e os homossexuais, mas o alvo que esses inimigos querem acertar não muda muito.

caminho de Deus, seguindo ideias nocivas de liberalismo e socialismo. Não há estrutura de produção que condiciona relações sociais, não há instinto natural de troca que cria mercados e faz a competição avançar a humanidade, não há instituições que determinam hábitos de pensamento. Há certo e errado, há boas práticas que fazem as pessoas seguirem o bom caminho e serem justas umas com as outras e há desvios que formam coisas malignas e que precisam ser corrigidos moralmente:

“Neither must it be supposed that the solicitude of the Church is so preoccupied with the spiritual concerns of her children as to neglect their temporal and earthly interests. Her desire is that the poor, for example, should rise above poverty and wretchedness, and better their condition in life; and for this she makes a strong endeavor. By the fact that she calls men to virtue and forms them to its practice she promotes this in no slight degree. Christian morality, when adequately and completely practiced, leads of itself to temporal prosperity, for it merits the blessing of that God who is the source of all blessings; it powerfully restrains the greed of possession and the thirst for pleasure-twin plagues, which too often make a man who is void of self-restraint miserable in the midst of abundance;(23) it makes men supply for the lack of means through economy, teaching them to be content with frugal living, and further, keeping them out of the reach of those vices which devour not small incomes merely, but large fortunes, and dissipate many a goodly inheritance..” (LEÃO XIII, 1891: 9, 10. Ponto 28.)

A moral cristã sempre foi a resposta para a prosperidade, e as tentativas de buscar alternativas fora da vida tradicional é que foram um erro. A vida humana é sofrimento:

“To suffer and to endure, therefore, is the lot of humanity; let them strive as they may, no strength and no artifice will ever succeed in banishing from human life the ills and troubles which beset it. If any there are who pretend differently - who hold out to a hard-pressed people the boon of freedom from pain and trouble, an undisturbed repose, and constant enjoyment - they delude the people and impose upon them, and their lying promises will only one day bring forth evils worse than the present.” (LEÃO XIII, 1891: 6. Ponto 18.)

O papel do ser humano na Terra é ser virtuoso, e é pela virtude que ele vai cumprir seu objetivo: salvar sua alma imortal pecadora e viver ao lado de Deus<sup>57</sup>. Mesmo a questão da proteção ao trabalhador nasce disto. O trabalhador é alguém digno de ter suas necessidades sanadas e ser cuidado pois todos os homens são feitos a imagem de Deus, e por isso merecem ter sua dignidade protegida, sendo ricos ou pobres:

“As regards the State, the interests of all, whether high or low, are equal. The members of the working classes are citizens by nature and by the same right as the rich; they are real parts, living the life which makes up, through the family, the body of the commonwealth; and it need hardly be said that they are in every city very largely in the majority. It would be irrational to neglect one portion of the citizens and favor another, and therefore the public administration must duly and solicitously provide for the welfare and the comfort of the working classes; otherwise, that law of justice will be violated which ordains that each man shall have his due.” (LEÃO XIII, 1891: 11. Ponto 33.)

---

<sup>57</sup> Como podemos observar na citação anterior do ponto 39

Juntando as três questões (a proteção ao trabalhador, o papel do Estado e a solução para os problemas da modernidade ser a volta a vida e moral cristã), podemos observar o papel da propriedade privada. Ao mesmo tempo que a propriedade é sagrada, o dispor dessa propriedade não está a cargo para os indivíduos plenamente utilizarem a seu bel-prazer sem considerar as necessidades alheiras e o bem da comunidade como um todo.

A propriedade é sagrada em primeiro lugar por que ela é observada desde o início dos tempos, sendo assim sua existência uma questão natural do mundo. Como é uma questão natural do mundo, ela veio de Deus, e questioná-la é questionar a autoridade divina:

“What is of far greater moment, however, is the fact that the remedy they propose is manifestly against justice. For, every man has by nature the right to possess property as his own. This is one of the chief points of distinction between man and the animal creation, for the brute has no power of self direction, but is governed by two main instincts, which keep his powers on the alert, impel him to develop them in a fitting manner, and stimulate and determine him to action without any power of choice. One of these instincts is self preservation, the other the propagation of the species. Both can attain their purpose by means of things which lie within range; beyond their verge the brute creation cannot go, for they are moved to action by their senses only, and in the special direction which these suggest. But with man it is wholly different. He possesses, on the one hand, the full perfection of the animal being, and hence enjoys at least as much as the rest of the animal kind, the fruition of things material. But animal nature, however perfect, is far from representing the human being in its completeness, and is in truth but humanity's humble handmaid, made to serve and to obey. It is the mind, or reason, which is the predominant element in us who are human creatures; it is this which renders a human being human, and distinguishes him essentially from the brute. And on this very account - that man alone among the animal creation is endowed with reason - it must be within his right to possess things not merely for temporary and momentary use, as other living things do, but to have and to hold them in stable and permanent possession; he must have not only things that perish in the use, but those also which, though they have been reduced into use, continue for further use in after time.” (LEÃO XIII, 1891: 2,3. Ponto 6.)

“With reason, then, the common opinion of mankind, little affected by the few dissentients who have contended for the opposite view, has found in the careful study of nature, and in the laws of nature, the foundations of the division of property, and the practice of all ages has consecrated the principle of private ownership, as being pre-eminently in conformity with human nature, and as conducing in the most unmistakable manner to the peace and tranquillity of human existence. The same principle is confirmed and enforced by the civil laws-laws which, so long as they are just, derive from the law of nature their binding force. The authority of the divine law adds its sanction, forbidding us in severest terms even to covet that which is another's: "Thou shalt not covet thy neighbour's wife; nor his house, nor his field, nor his man-servant, nor his maid-servant, nor his ox, nor his ass, nor anything that is his."” (LEÃO XIII, 1891: 4. Ponto 11.)

Porém o uso dessa propriedade pode e deve ser limitado, pois a ganância é um pecado e aqueles que muito têm devem compartilhar com os que não tem:

“Private ownership, as we have seen, is the natural right of man, and to exercise that right, especially as members of society, is not only lawful, but absolutely necessary. It rests on the principle that it is one thing to have a right to the possession of money and another to have

a right to use money as one wills. Private ownership, as we have seen, is the natural right of man, and to exercise that right, especially as members of society, is not only lawful, but absolutely necessary. "It is lawful," says St. Thomas Aquinas, "for a man to hold private property; and it is also necessary for the carrying on of human existence." But if the question be asked: How must one's possessions be used? - the Church replies without hesitation in the words of the same holy Doctor: "Man should not consider his material possessions as his own, but as common to all, so as to share them without hesitation when others are in need. Whence the Apostle with, 'Command the rich of this world... to offer with no stint, to apportion largely.'" (LEÃO XIII, 1891: 7, 8. Ponto 22.)

Existe uma concepção muito forte de que os recursos naturais são para todos usufruírem (não só, também que foram feitos única e exclusivamente para o homem - o homem tem total direito de exercer poder sobre a natureza, decidir o que ocorre com ela e usar seus bens a seu bel-prazer), e que a propriedade privada irrestrita acaba limitando o acesso desses recursos para os que não tem propriedade e por isso deve-se agir de forma a garantir o acesso aos frutos naturais a todos. Mesmo que os homens quisessem aceitar um salário baixo e viver uma vida indigna, mesmo que eles quisessem se abster dos frutos da terra eles não poderiam, pois a dignidade não é deles para dispor, mas foi dada por Deus:

"It is the soul which is made after the image and likeness of God; it is in the soul that the sovereignty resides in virtue whereof man is commanded to rule the creatures below him and to use all the earth and the ocean for his profit and advantage. "Fill the earth and subdue it; and rule over the fishes of the sea, and the fowls of the air, and all living creatures that move upon the earth."(29) In this respect all men are equal; there is here no difference between rich and poor, master and servant, ruler and ruled, "for the same is Lord over all."(30) No man may with impunity outrage that human dignity which God Himself treats with great reverence, nor stand in the way of that higher life which is the preparation of the eternal life of heaven. Nay, more; no man has in this matter power over himself. To consent to any treatment which is calculated to defeat the end and purpose of his being is beyond his right; he cannot give up his soul to servitude, for it is not man's own rights which are here in question, but the rights of God, the most sacred and inviolable of rights." (LEÃO XIII, 1891: 13. Ponto 40.)

É notável tanto aqui como em outras passagens da encíclica como a Igreja identifica diversos problemas sociais com um entendimento não muito diferente do corrente atualmente (questão sindical, salários mínimos, tensão entre uso social dos recursos e propriedade privada, intervenção estatal na economia versus liberdade de empreendimento, para citar alguns exemplos), mas a sua solução é muito particular: os detentores do poder devem sempre observar a Bíblia e o que é apto de acordo com a tradição católica para um detentor de poder e recursos fazer e assim proceder. Essa é a solução ótima por que mantém a sociedade tradicional como naturalmente criada por Deus. e ela também é suficiente para resolver todos os dilemas apresentados pela modernidade.

Talvez o contexto histórico nos ajude a elucidar a questão entre a crítica forte que a Igreja faz neste documento a homens de negócio e sua exigência que os trabalhadores sejam

obedientes e respeitem as autoridades. Não há nenhuma passagem em que se discute o papel da nobreza nesta encíclica, mas é seguro afirmar que da perspectiva da Igreja as lideranças tradicionais ainda eram as velhas famílias nobres (talvez o único país majoritariamente católico a época a já estar mais num regime republicano moderno do que em um mais tradicional fosse a França. Nos outros mesmo com monarquias constitucionais e até mesmo repúblicas as raízes nobres ainda estão muito fincadas) e aqueles associados aos soberanos. Então criticar a classe burguesa não era exatamente ainda criticar as lideranças da sociedade.

Vale notar que existe uma concepção em *Rerum Novarum* que a pobreza é algo a ser superado (há a citação neste texto do ponto 27 que mostra isso claramente: “Her desire is that the poor, for example, should rise above poverty and wretchedness, and better their condition in life; and for this she makes a strong endeavor.”(LEÃO XIII, 1891: 9. Ponto 27.)). É muito interessante essa perspectiva do ponto de vista teológico, pois há toda a questão de Jesus Cristo ter vindo ter com os pobres e que sua mensagem era direcionada principalmente a eles. Do ponto de vista econômico, essa ideia gerou uma conclusão para todo esse projeto de reforma: que com a limitação do uso da propriedade privada, com o respeito dos direitos e o cuidado com a condição de vida do trabalhador e principalmente com o retorno aos valores católicos os pobres tenham a chance de poupar, acumular propriedade e melhorar sua condição de vida. Essa é a grande solução proposta pelo Papa Leão XIII (perceba ao final o desejo expresso de que a propriedade privada seja mais bem dividida entre as pessoas):

“If a workman's wages be sufficient to enable him comfortably to support himself, his wife, and his children, he will find it easy, if he be a sensible man, to practice thrift, and he will not fail, by cutting down expenses, to put by some little savings and thus secure a modest source of income. Nature itself would urge him to this. We have seen that this great labor question cannot be solved save by assuming as a principle that private ownership must be held sacred and inviolable. The law, therefore, should favor ownership, and its policy should be to induce as many as possible of the people to become owners. Many excellent results will follow from this; and, first of all, property will certainly become more equitably divided.” (LEÃO XIII, 1891: 15. Ponto 46.)

Por fim, há uma ideia muito importante que não foi diretamente abordada aqui, mas que permeia todo o texto. A Igreja observava ao fim séc. XIX as condições do trabalhador e o abandono da sociedade tradicional cristã com horror, e ela entendia que a causa era o desvio das sociedades das ideias morais cristãs para outras ideias mais seculares. O remédio que ela propõe – a volta à sociedade cristã tradicional, à assistência às condições de vida do trabalhador, o subjugar da propriedade privada aos interesses coletivos, ponderações morais acima de quaisquer outras quando da tomada de decisões – não significa um retorno apenas em termos socioculturais. Mesmo que a Igreja não esteja em nenhum momento advogando a volta à um

uso de tecnologia e métodos de produção feudais ou da Era Moderna (pelo contrário), ela está advogando uma volta a vida econômica dessas épocas de uma forma muito importante: ela entende que a economia não é algo que deva funcionar por si só, que governos devam manejar políticas em detrimento a outros campos para melhorar o lado econômico, e que as prerrogativas de instituições da economia como empresas são de pouco interesse. A economia deve estar subjugada as pessoas, aos interesses comunitários, ao bom funcionamento das sociedades, e não as pessoas e sociedades devem ser subjugadas para garantir o bom funcionamento da economia. Esse subjugar da sociedade na economia não aparece explicitamente, mas temos várias passagens em que a primazia do econômico aparece como um problema<sup>58</sup>:

“In any case we clearly see, and on this there is general agreement, that some opportune remedy must be found quickly for the misery and wretchedness pressing so unjustly on the majority of the working class: **for the ancient workingmen's guilds were abolished in the last century, and no other protective organization took their place. Public institutions and the laws set aside the ancient religion. Hence, by degrees it has come to pass that working men have been surrendered, isolated and helpless, to the hardheartedness of employers and the greed of unchecked competition.** The mischief has been increased by rapacious usury, which, although more than once condemned by the Church, is nevertheless, under a different guise, but with like injustice, still practiced by covetous and grasping men. **To this must be added that the hiring of labor and the conduct of trade are concentrated in the hands of comparatively few; so that a small number of very rich men have been able to lay upon the teeming masses of the laboring poor a yoke little better than that of slavery itself** [grifos meus].” (LEÃO XIII, 1891: 2. Ponto 3.)

No fundo, uma sociedade cristã tradicional precisa ser estável, tanto em ideias como em estruturas. Talvez os bens materiais e as artes humanas possam evoluir sem problemas, mas certamente as instituições e os valores devem permanecer. Por isso, apesar do discurso pró-trabalhador, a encíclica ainda vai contra muitas das ideias que o movimento trabalhista de sua época defendia. A harmonia entre as classes (entre todos os membros da sociedade) é o fundamental a ser defendido:

“The great mistake made in regard to the matter now under consideration is to take up with the notion that class is naturally hostile to class, and that the wealthy and the working men are intended by nature to live in mutual conflict. So irrational and so false is this view that the direct contrary is the truth. Just as the symmetry of the human frame is the result of the suitable arrangement of the different parts of the body, so in a State is it ordained by nature that these two classes should dwell in harmony and agreement, so as to maintain the balance of the body politic. Each needs the other: capital cannot do without labor, nor labor without capital. Mutual agreement results in the beauty of good order, while perpetual conflict necessarily produces confusion and savage barbarity. Now, in preventing such strife as this, and in uprooting it, the efficacy of Christian institutions is marvelous and manifold. First of all, there is no intermediary more powerful than religion (whereof the Church is the interpreter and guardian) in drawing the

---

<sup>58</sup> Como também aparece nas citações anteriores do ponto 53 e do ponto 42.

rich and the working class together, by reminding each of its duties to the other, and especially of the obligations of justice.” (LEÃO XIII, 1891: 6. Ponto 19.)

Fora as já citadas críticas aos atos grevistas e a protestos, existe a profunda expectativa que as formas que o trabalhador busque (de um jeito considerado justo) para melhorar sua situação sejam inofensivas para o *status quo* da sociedade tradicional: eles podem trabalhar duro e serem parcimoniosos para conquistarem um dia sua própria propriedade, e podem formar associações que irão dar suporte mútuo e tentar se organizar politicamente para conseguir melhores condições com seus patrões e o governo. De resto, devem obedecer a hierarquia (a Igreja, seus patrões, os líderes comunitários, a nobreza, e por último o Estado) e obedecer a Deus, pois é dele que vem em última instância essa hierarquia<sup>59</sup>. Uma sociedade estável é uma sociedade forte nesta concepção de mundo, e uma sociedade em que há questionamentos, está em ebulição, é uma sociedade ruindo.

### ***II.3 – Quadragesimo Anno***

Esta encíclica foi publicada em 1931 pelo Papa Pio XI, para comemorar os quarenta anos da publicação de *Rerum Novarum* e ponderar sobre como as questões abordadas ali agora se aplicavam ao novo tempo presente. O documento foi escrito em meio a um contexto pós- crise de 29, onde o mundo estava à deriva, e a encíclica vinha tentar ser um farol para indicar os caminhos pelos quais a sociedade deveria rumar. Esta encíclica tinha três objetivos principais: lembrar as contribuições de sua antecessora; elucidar confusões provenientes da interpretação o daquela e elaborar melhor alguns pontos; e por fim, observando as falhas do Socialismo e do regime econômico vigente, indicar um caminho em meio a confusão social: a reforma moral cristã:

“15. Venerable Brethren and Beloved Children, as all everywhere and especially Catholic workers who are pouring from all sides into this Holy City, are celebrating with such enthusiasm the solemn commemoration of the fortieth anniversary of the Encyclical On the Condition of Workers , We deem it fitting on this occasion to recall the great benefits this Encyclical has brought to the Catholic Church and to all human society; to defend the illustrious Master's doctrine on the social and economic question against certain doubts and to develop it more fully as to some points; and lastly, summoning to court the contemporary economic regime and passing judgment on Socialism, to lay bare the root of the existing social confusion and at the same time point the only way to sound restoration: namely, the Christian reform of morals. All these matters which we undertake to treat will fall under three main headings, and this entire Encyclical will be devoted to their development.” (PIO XI, 1931: 3. Ponto 15.)

---

<sup>59</sup> A tensão entre defender os pobres e contestar a hierarquia, e afirmar a proteção dos valores tradicionais pois a hierarquia social vem de Deus é um dilema teológico tão velho no cristianismo quanto a Bíblia. Vemos Jesus abertamente dizendo (Lucas 1:50-53) que depôs os poderosos e elevou os humildes, enquanto Paulo (Romanos 13) diz que ir contra a ordem hierárquica é ir contra Deus pois ela própria vem de Deus.

E o que há de novo em *Quadragesimo Anno*? A primeira diferença notável é o tom. Certamente ele ainda é paternalista no texto de Pio XI, mas o espírito do documento de Leão XIII que indicava que tudo dito era evidente e qualquer questionamento vinha de mal-intencionados e dos completamente obtusos mudou. Aqui podemos ver a encíclica reconhecendo que há críticos a suas ideias, mesmo que não reconheça a validade da crítica:

“Yet since there are some who calumniate the Supreme Pontiff, and the Church herself, as if she had taken and were still taking the part of the rich against the non-owning workers - certainly no accusation is more unjust than that - and since Catholics are at variance with one another concerning the true and exact mind of Leo, it has seemed best to vindicate this, that is, the Catholic teaching on this matter from calumnies and safeguard it from false Interpretations.” (PIO XI, 1931: 9. Ponto 44.)

E essa seria uma crítica muito relevante para a encíclica, a ponto de ela reconhecer que havia católicos que ignoravam ou até abertamente antagonizavam<sup>60</sup> as recomendações sociais da Igreja, e os culparia pelas acusações:

“It is certainly most lamentable, Venerable Brethren, that there have been, nay, that even now there are men who, although professing to be Catholics, are almost completely unmindful of that sublime law of justice and charity that binds us not only to render to everyone what is his but to succor brothers in need as Christ the Lord Himself,[57] and - what is worse - out of greed for gain do not scruple to exploit the workers. Even more, there are men who abuse religion itself, and under its name try to hide their unjust exactions in order to protect themselves from the manifestly just demands of the workers. The conduct of such We shall never cease to censure gravely. For they are the reason why the Church could, even though undeservedly, have the appearance of and be charged with taking the part of the rich and with being quite unmoved by the necessities and hardships of those who have been deprived, as it were, of their natural inheritance. The whole history of the Church plainly demonstrates that such appearances are unfounded and such charges unjust. The Encyclical itself, whose anniversary we are celebrating, is clearest proof that it is the height of injustice to hurl these calumnies and reproaches at the Church and her teaching.” (PIO XI, 1931: 24. Ponto 125.)

Diretos individuais não serão repudiados, nem todos os valores individuais como a propriedade privada, porém temos uma crítica aqui mais forte não só ao liberalismo como fenômeno político e econômico, mas como o fenômeno que acompanha o individualismo (e também há a crítica à coletivização):

“Accordingly, twin rocks of shipwreck must be carefully avoided. For, as one is wrecked upon, or comes close to, what is known as "individualism" by denying or minimizing the social and public character of the right of property, so by rejecting or minimizing the private and individual character of this same right, one inevitably runs into "collectivism" or at least closely approaches its tenets. Unless this is kept in mind, one is swept from his course upon the

---

<sup>60</sup> Como o já dito fenômeno do “*Mater si, Magistra no*” continuaria esse fenômeno quase trinta anos depois e até hoje.

shoals of that moral, juridical, and social modernism which We denounced in the Encyclical issued at the beginning of Our Pontificate.”. (PIO XI, 1931: 9. Ponto 46.)

De fato, o tema principal de *Quadragesimo Anno* pode ser entendido como uma crítica aos resultados alcançados por essas duas correntes políticas e as recomendações que a Igreja tem para sanar os males criados e guiar a sociedade para ir de encontro novamente à moralidade cristã. A encíclica anterior fez algumas críticas aos ricos, certamente, mas esta tem críticas muito mais contundentes e em termos mais elaborados. Não são apenas os ricos que são criticados por sua falta de caridade. O mercado, o capital, os capitalistas e suas outras instituições são citadas por nome e duramente repreendidas.

De fato, a causa para os católicos estarem abandonando os valores cristãos e seguindo com os valores do liberalismo é o processo criado pelas transformações:

“The root and font of this defection in economic and social life from the Christian law, and of the consequent apostasy of great numbers of workers from the Catholic faith, are the disordered passions of the soul, the sad result of original sin which has so destroyed the wonderful harmony of man's faculties that, easily led astray by his evil desires, he is strongly incited to prefer the passing goods of this world to the lasting goods of Heaven. Hence arises that unquenchable thirst for riches and temporal goods, which has at all times impelled men to break God's laws and trample upon the rights of their neighbors, but which, on account of the present system of economic life, is laying far more numerous snares for human frailty. Since the instability of economic life, and especially of its structure, exacts of those engaged in it most intense and unceasing effort, some have become so hardened to the stings of conscience as to hold that they are allowed, in any manner whatsoever, to increase their profits and use means, fair or foul, to protect their hard-won wealth against sudden changes of fortune.” (PIO XI, 1931: 25. Ponto 132.)

A Igreja aqui afirma mais diretamente sua compreensão de que a riqueza criada pelo homem provém do trabalho:

“To this indeed especially applies what Leo XIII says is "incontestible," namely, that "the wealth of nations originates from no other source than from the labor of workers." [38] For is it not plain that the enormous volume of goods that makes up human wealth is produced by and issues from the hands of the workers that either toil unaided or have their efficiency marvelously increased by being equipped with tools or machines?.”. (PIO XI, 1931: 10,11. Ponto 53.)

Existe também aqui um reconhecimento no papel da tecnologia, com o aumento da eficiência sendo creditado a máquinas e ferramentas. Como o trabalhador é a fonte da riqueza, não é direito do capital absorver todos os frutos do trabalho:

“Property, that is, "capital," has undoubtedly long been able to appropriate too much to itself. Whatever was produced, whatever returns accrued, capital claimed for itself, hardly leaving to the worker enough to restore and renew his strength. For the doctrine was preached that all accumulation of capital falls by an absolutely insuperable economic law to the rich, and

that by the same law the workers are given over and bound to perpetual want, to the scantiest of livelihoods. It is true, indeed, that things have not always and everywhere corresponded with this sort of teaching of the so-called Manchesterian Liberals; yet it cannot be denied that economic social institutions have moved steadily in that direction. That these false ideas, these erroneous suppositions, have been vigorously assailed, and not by those alone who through them were being deprived of their innate right to obtain better conditions, will surprise no one.” (PIO XI, 1931: 10,11. Ponto 53.)

A terminologia se tornou muito mais sofisticada, e o documento discute problema econômicos específicos. Por exemplo, aqui temos uma crítica a concentração de renda no capitalismo:

“But since manufacturing and industry have so rapidly pervaded and occupied countless regions, not only in the countries called new, but also in the realms of the Far East that have been civilized from antiquity, the number of the non-owning working poor has increased enormously and their groans cry to God from the earth. Added to them is the huge army of rural wage workers, pushed to the lowest level of existence and deprived of all hope of ever acquiring "some property in land,"[43] and, therefore, permanently bound to the status of non-owning worker unless suitable and effective remedies are applied. Yet while it is true that the status of non owning worker is to be carefully distinguished from pauperism, nevertheless the immense multitude of the non-owning workers on the one hand and the enormous riches of certain very wealthy men on the other establish an unanswerable argument that the riches which are so abundantly produced in our age of "industrialism," as it is called, are not rightly distributed and equitably made available to the various classes of the people.” (PIO XI, 1931: 12. Pontos 59 e 60.)

Pio XI não se furta em discutir questões como o pleno-emprego e a relação entre nível de salários e desemprego. Existe na citação um espaço ótimo em que os salários são capazes de sustentar os trabalhadores dignamente, se manterem estáveis e não ameaçar o emprego. Essa visão de estabilidade virá à tona novamente<sup>61</sup>:

“But another point, scarcely less important, and especially vital in our times, must not be overlooked: namely, that the opportunity to work be provided to those who are able and willing to work. This opportunity depends largely on the wage and salary rate, which can help as long as it is kept within proper limits, but which on the other hand can be an obstacle if it exceeds these limits. For everyone knows that an excessive lowering of wages, or their increase beyond due measure, causes unemployment. This evil, indeed, especially as we see it prolonged and injuring so many during the years of Our Pontificate, has plunged workers into misery and temptations, ruined the prosperity of nations, and put in jeopardy the public order, peace, and tranquillity of the whole world. Hence it is contrary to social justice when, for the sake of personal gain and without regard for the common good, wages and salaries are excessively lowered or raised; and this same social justice demands that wages and salaries be so managed, through agreement of plans and wills, in so far as can be done, as to offer to the greatest possible number the opportunity of getting work and obtaining suitable means of Livelihood.” (PIO XI, 1931: 14, 15. Ponto 74.)

---

<sup>61</sup> É interessante notar que esse tipo de proposta de fato vai muito mais a fundo na prática da política econômica do que Richards e Witt dão crédito.

O capitalismo é visto como algo amoral. Vê-se a estrutura corporativa como empresas sem rosto que com sua imensa máquina vão demolindo tudo sem dó em nome dos lucros, e isso vai completamente contra as ideias particularistas e de laços da moral cristã. Teremos consequências muito reais para essas ideias quando essa crítica se volta, por exemplo, às sociedades anônimas:

“The laws passed to promote corporate business, while dividing and limiting the risk of business, have given occasion to the most sordid license. For We observe that consciences are little affected by this reduced obligation of accountability; that furthermore, by hiding under the shelter of a joint name, the worst of injustices and frauds are penetrated; and that, too, directors of business companies, forgetful of their trust, betray the rights of those whose savings they have undertaken to administer..” (PIO XI, 1931: 25. Ponto 132.)

Não são só más práticas e pessoas ruins que são o problema para *Quadragesimo Anno*. A importância de todas as relações serem fraternais e de acordo com a moral cristã não perdeu a importância, como veremos, mas aqui há uma compreensão de que instituições e problemas sistêmicos criam tantos problemas quanto a falta de caráter. Por exemplo, uma crítica direta aos mercados financeiros (tão prevalentes nos anos 1920 como hoje):

“In the first place, it is obvious that not only is wealth concentrated in our times but an immense power and despotic economic dictatorship is consolidated in the hands of a few, who often are not owners but only the trustees and managing directors of invested funds which they administer according to their own arbitrary will and pleasure. This dictatorship is being most forcibly exercised by those who, since they hold the money and completely control it, control credit also and rule the lending of money. Hence they regulate the flow, so to speak, of the life-blood whereby the entire economic system lives, and have so firmly in their grasp the soul, as it were, of economic life that no one can breathe against their will.” (PIO XI, 1931: 20. Pontos 105 e 106.)

O próprio mecanismo da competição no livre-mercado é acusado como criador de concentração, uma crítica que está muito viva na heterodoxia econômica até hoje:

“This concentration of power and might, the characteristic mark, as it were, of contemporary economic life, is the fruit that the unlimited freedom of struggle among competitors has of its own nature produced, and which lets only the strongest survive; and this is often the same as saying, those who fight the most violently, those who give least heed to their conscience.” (PIO XI, 1931: 20. Ponto 107.)

O livre-mercado se consome até sua destruição, dando lugar a ditadura econômica dos monopólios e levando toda a estrutura da vida social consigo:

“The ultimate consequences of the individualist spirit in economic life are those which you yourselves, Venerable Brethren and Beloved Children, see and deplore: Free competition has destroyed itself; economic dictatorship has supplanted the free market; unbridled ambition for power has likewise succeeded greed for gain; all economic life has become tragically hard, inexorable, and cruel.” (PIO XI, 1931: 20. Ponto 109.)

O resultado dessas estruturas capitalistas também não é muito diferente do pensado por diversos autores econômicos o livre-mercado cria concentração que cria conflitos internos e externos, e a globalização dos mercados financeiros cria um conflito entre essa globalização e um nacionalismo reacionário<sup>62</sup>:

“This accumulation of might and of power generates in turn three kinds of conflict. First, there is the struggle for economic supremacy itself; then there is the bitter fight to gain supremacy over the State in order to use in economic struggles its resources and authority; finally there is conflict between States themselves, not only because countries employ their power and shape their policies to promote every economic advantage of their citizens, but also because they seek to decide political controversies that arise among nations through the use of their economic supremacy and Strength. (PIO XI, 1931: 20. Ponto 108.)

“And as to international relations, two different streams have issued from the one fountain-head: On the one hand, economic nationalism or even economic imperialism; on the other, a no less deadly and accursed internationalism of finance or international imperialism whose country is where profit is..” (PIO XI, 1931: 20, 21. Ponto 109.)

A encíclica de Pio XI vê principalmente dois remédios para esse mal do capitalismo descontrolado. Um é o mesmo de *Rerum Novarum*: um retorno às instituições católicas e uma vida guiada em todas as áreas pela moral cristã. O outro certamente tem ecos lá, mas aqui é uma afirmação muito mais contundente: quem deve intervir para resolver os males da economia capitalista é o Estado:

“Free competition, kept within definite and due limits, and still more economic dictatorship, must be effectively brought under public authority in these matters which pertain to the latter's function. The public institutions themselves, of peoples, moreover, ought to make all human society conform to the needs of the common good; that is, to the norm of social justice. If this is done, that most important division of social life, namely, economic activity, cannot fail likewise to return to right and sound order.” (PIO XI, 1931: 21. Ponto 110.)

Primeiro para o que já víamos no documento anterior: para limitar o uso do direito à propriedade:

“It follows from what We have termed the individual and at the same time social character of ownership, that men must consider in this matter not only their own advantage but also the common good. To define these duties in detail when necessity requires and the natural law has not done so, is the function of those in charge of the State. Therefore, public authority, under the guiding light always of the natural and divine law, can determine more accurately upon consideration of the true requirements of the common good, what is permitted and what is not permitted to owners in the use of their property.” (PIO XI, 1931: 9, 10. Ponto 49.)

---

<sup>62</sup> A década de 2010 é só uma grande volta aos anos 1930

E também, em afinidade com seu próprio tempo, há uma defesa bastante explícita do que hoje reconheceríamos como negociações tripartites:

“The civil authority itself constitutes the syndicate as a juridical personality in such a manner as to confer on it simultaneously a certain monopoly-privilege, since only such a syndicate, when thus approved, can maintain the rights (according to the type of syndicate) of workers or employers, and since it alone can arrange for the placement of labor and conclude so-termed labor agreements. Anyone is free to join a syndicate or not, and only within these limits can this kind of syndicate be called free; for syndical dues and special assessments are exacted of absolutely all members of every specified calling or profession, whether they are workers or employers; likewise all are bound by the labor agreements made by the legally recognized syndicate. Nevertheless, it has been officially stated that this legally recognized syndicate does not prevent the existence, without legal status, however, of other associations made up of persons following the same calling. The associations, or corporations, are composed of delegates from the two syndicates (that is, of workers and employers) respectively of the same industry or profession and, as true and proper organs and institutions of the State, they direct the syndicates and coordinate their activities in matters of common interest toward one and the same end. Strikes and lock-outs are forbidden; if the parties cannot settle their dispute, public authority intervenes..” (PIO XI, 1931: 18. Pontos 92, 93 e 94.)

Mesmo que esse tipo de afirmações certamente ecoe propostas políticas hoje (e seja a origem de algumas delas, como os partidos social-democratas cristãos europeus que implementaram muitas das políticas tripartite vigentes até hoje), e tenha um diálogo com visões econômicas heterodoxas, nunca é para se perder de vista qual o principal objetivo do Estado nesse arranjo: ele deve impor vigorosamente a moral cristã para organizar a sociedade.

“Strict and watchful moral restraint enforced vigorously by governmental authority could have banished these enormous evils and even forestalled them; this restraint, however, has too often been sadly lacking. For since the seeds of a new form of economy were bursting forth just when the principles of rationalism had been implanted and rooted in many minds, there quickly developed a body of economic teaching far removed from the true moral law, and, as a result, completely free rein was given to human passions.” (PIO XI, 1931: 26. Ponto 133.)<sup>63</sup>

Aqui porém fica claro que esse Estado ainda tem limites nas suas capacidades. Assim como foi insuficiente sua imposição da moralidade católica, há muita reticência no mundo cristão para permitir que o Estado intervenha tão diretamente na vida pública:

“We are compelled to say that to Our certain knowledge there are not wanting some who fear that the State, instead of confining itself as it ought to the furnishing of necessary and adequate assistance, is substituting itself for free activity; that the new syndical and corporative order savors too much of an involved and political system of administration; and that (in spite of those more general advantages mentioned above, which are of course fully admitted) it rather serves particular political ends than leads to the reconstruction and promotion of a better social order.” (PIO XI, 1931: 18. Ponto 95.)

---

<sup>63</sup> Há traços de uma discussão metodológica aqui, com a ausência de intervenção estatal sendo associada a criação de um conjunto de ideias liberais.

A atuação do Estado deve ser limitada, para garantir a propriedade privada (mesmo que ele possa interferir no seu uso) e manter as individualidades. O Estado não pode se apropriar do que não é dele via impostos, especialmente impostos sobre a herança (o que é uma quebra muito importante com as visões de distribuição de renda vigentes hoje):

“The natural right itself both of owning goods privately and of passing them on by inheritance ought always to remain intact and inviolate, since this indeed is a right that the State cannot take away: "For man is older than the State," and also "domestic living together is prior both in thought and in fact to uniting into a polity." Wherefore the wise Pontiff declared that it is grossly unjust for a State to exhaust private wealth through the weight of imposts and taxes. "For since the right of possessing goods privately has been conferred not by man's law, but by nature, public authority cannot abolish it, but can only control its exercise and bring it into conformity with the common weal." Yet when the State brings private ownership into harmony with the needs of the common good, it does not commit a hostile act against private owners but rather does them a friendly service; for it thereby effectively prevents the private possession of goods, which the Author of nature in His most wise providence ordained for the support of human life, from causing intolerable evils and thus rushing to its own destruction; it does not destroy private possessions, but safeguards them; and it does not weaken private property rights, but strengthens them.” (PIO XI, 1931: 10. Ponto 49.)

Em linha com a relação entre essas ideias e a social-democracia, a justificativa para que se façam esses tipos de política e se protejam o trabalhador é essencialmente keynesiana<sup>64</sup>: precisa-se cuidar do trabalhador não só por um imperativo moral católico de cuidar dos necessitados, mas para se manter a paz social. A diferença entre a visão de Keynes e do CST é que o interesse keynesiano pelo bem-estar dos trabalhadores é para manter o *status quo* e permitir a continuidade da acumulação de riquezas e poder nas mãos daqueles no topo da hierarquia, mesmo que de forma mais limitada e controlada e sem desconsiderar o bem-estar geral. Já a Igreja discursa abertamente que seu objetivo principal é melhorar as condições de vida dos mais necessitados, e o fato de que essa melhora cria estabilidade social é ao mesmo tempo um efeito colateral e um argumento a favor da política, mostrando a harmonia e convergência de todas as suas propostas. Para Keynes a melhora é um meio para o fim da estabilidade e continuidade da acumulação, enquanto para a Igreja a melhora é tanto um fim em si quanto um meio para se atingir a estabilidade. A Igreja não tem a questão da continuidade da acumulação de bens como prioridade, por questões teológicas básicas e por sua visão sobre o papel da economia na sociedade que será abordado no decorrer do texto.

Apesar da afirmação contundente da participação estatal no processo, ainda há uma certa ambiguidade. Não existe a defesa de que o Estado seja um ator tão ativo assim na economia,

---

<sup>64</sup> Ver Cangiani, Michele, *Karl Polanyi's Institutional Theory: Market Society and its 'Disembedded' Economy*, presente em pág. 25, Polanyi, Karl, e Polanyi, Kari (org.), et al., *A Subsistência do Homem e Ensaios Correlatos*. Rio de Janeiro, Contraponto – 2012.

com planejamento e entrando como investidor, ofertante e demandante. Há uma crítica a mistura das funções do Estado com preocupações econômicas (mesmo que devamos também reconhecer que na citação que segue a preocupação é principalmente com esse Estado ser capturado por interesses do capital):

“To these are to be added the grave evils that have resulted from an intermingling and shameful confusion of the functions and duties of public authority with those of the economic sphere - such as, one of the worst, the virtual degradation of the majesty of the State, which although it ought to sit on high like a queen and supreme arbitress, free from all partiality and intent upon the one common good and justice, is become a slave, surrendered and delivered to the passions and greed of men..” (PIO XI, 1931: 20. Ponto 109.)

A solução para integrar um Estado que ativamente protege o trabalhador, segura os piores efeitos da propriedade privada (aqui identificados como o livre-mercado competitivo e sua conclusão, a ditadura econômica dos monopólio) ao mesmo tempo que mantém esse direito entendido sagrado e impõe a moralidade cristã sem que ele sufoque as individualidades é o já mencionado princípio da subsidiariedade, aqui desenvolvido:

“Just as it is gravely wrong to take from individuals what they can accomplish by their own initiative and industry and give it to the community, so also it is an injustice and at the same time a grave evil and disturbance of right order to assign to a greater and higher association what lesser and subordinate organizations can do. For every social activity ought of its very nature to furnish help to the members of the body social, and never destroy and absorb them. The supreme authority of the State ought, therefore, to let subordinate groups handle matters and concerns of lesser importance, which would otherwise dissipate its efforts greatly. Thereby the State will more freely, powerfully, and effectively do all those things that belong to it alone because it alone can do them: directing, watching, urging, restraining, as occasion requires and necessity demands. Therefore, those in power should be sure that the more perfectly a graduated order is kept among the various associations, in observance of the principle of "subsidiary function," the stronger social authority and effectiveness will be the happier and more prosperous the condition of the State.” (PIO XI, 1931: 20. Ponto 109.)

Aliás, todos os problemas se resolvem com duas coisas: as reformas institucionais discutidas nessas encíclicas e a correção da moral. Sem esquecer, é claro, da repressão ao socialismo, da manutenção da estabilidade social e da harmonia entre classes:

“Still, in order that what he so happily initiated may be solidly established, that what remains to be done may be accomplished, and that even more copious and richer benefits may accrue to the family of mankind, two things are especially necessary: reform of institutions and correction of morals.” (PIO XI, 1931:15. Ponto 77.)

“Anyone who gives even slight attention to the matter will easily see what are the obvious advantages in the system We have thus summarily described: The various classes work together peacefully, socialist organizations and their activities are repressed, and a special magistracy exercises a governing authority.” (PIO XI, 1931:18. Ponto 95.)

A retomada da sociedade tradicional é também uma prioridade. A questão-chave é entender por que ela deixou de existir – não por que ela era insuficiente para lidar com as questões modernas, ou por que ela era incapaz de cuidar daqueles a quem o CST pretende cuidar. Ela deixou de existir simplesmente por uma questão de espíritos. Os homens na época da transformação viraram as costas para Deus e para os bens imortais do Céu pelos bens materiais passageiros da Terra, e é isso que precisa ser corrigido. A moralidade funcionava naquela época, e vai funcionar nesta:

“What We have taught about the reconstruction and perfection of social order can surely in no wise be brought to realization without reform of morality, the very record of history clearly shows. For there was a social order once which, although indeed not perfect or in all respects ideal, nevertheless, met in a certain measure the requirements of right reason, considering the conditions and needs of the time. If that order has long since perished, that surely did not happen because the order could not have accommodated itself to changed conditions and needs by development and by a certain expansion, but rather because men, hardened by too much love of self, refused to open the order to the increasing masses as they should have done, or because, deceived by allurements of a false freedom and other errors, they became impatient of every authority and sought to reject every form of control.” (PIO XI, 1931:19. Ponto 97.)

As escrituras, afinal, sempre defenderam o limite da ganância e do uso da propriedade. Especialmente, também há o conceito de uma atividade econômica que produza bens que de fato são úteis. Essa é uma crítica a produção em massa, mas não no sentido que ela produz para muitas pessoas e por isso é ruim, ou que com a perda do caráter artesanal se perdeu algo “romântico” que valia mais que o prover bens e serviços a mais pessoas. É mais uma crítica a produção em massa para o mercado, pois é uma produção que não leva em conta as necessidades das sociedades, e sim produz de acordo com incentivos de mercado.

“Furthermore, a person's superfluous income, that is, income which he does not need to sustain life fittingly and with dignity, is not left wholly to his own free determination. Rather the Sacred Scriptures and the Fathers of the Church constantly declare in the most explicit language that the rich are bound by a very grave precept to practice almsgiving, beneficence, and munificence. Expending larger incomes so that opportunity for gainful work may be abundant, provided, however, that this work is applied to producing really useful goods, ought to be considered, as We deduce from the principles of the Angelic Doctor, an outstanding exemplification of the virtue of munificence and one particularly suited to the needs of the Times.” (PIO XI, 1931:10. Pontos 50 e 51.)

A Igreja já cobrava há muito tempo que aqueles que têm muito compartilhassem com os que pouco tem, pois é o que manda a caridade. Caridade! Desde *Rerum Novarum* vem sendo afirmada (ali como completo substituto da ação do Estado) como a grande ferramenta para curar os males da modernidade. E é por isso que nem mercado, nem Estado, e nenhuma forma de pensamento secular pode substituir a tradição da Igreja. Qualquer tentativa de fazê-lo falharia

pois é a Igreja que entende de Caridade, e é no amor que as sociedades realmente irão se unir, não apenas pela mão dura da justiça.

“But in effecting all this, the law of charity, "which is the bond of perfection,"[70] must always take a leading role. How completely deceived, therefore, are those rash reformers who concern themselves with the enforcement of justice alone - and this, commutative justice - and in their pride reject the assistance of charity!” (PIO XI, 1931:27. Ponto 137.)

Especialmente, o socialismo não pode ser o método de reforma social que vai suplantar os problemas da modernidade. Isso por que não apenas o socialismo está completamente contra a concepção de bens imateriais maiores do que os bens materiais (a alma, virtude, caridade), como ele subjuga todos a cederem sua liberdade em prol da produção de bens de forma coletiva e eficiente, e em troca dessa liberdade devem se contar com a distribuição desses bens e serviços.

“For, according to Christian teaching, man, endowed with a social nature, is placed on this earth so that by leading a life in society and under an authority ordained of God[54] he may fully cultivate and develop all his faculties unto the praise and glory of his Creator; and that by faithfully fulfilling the duties of his craft or other calling he may obtain for himself temporal and at the same time eternal happiness. Socialism, on the other hand, wholly ignoring and indifferent to this sublime end of both man and society, affirms that human association has been instituted for the sake of material advantage alone.” (PIO XI, 1931:23. Ponto 118.)

“Because of the fact that goods are produced more efficiently by a suitable division of labor than by the scattered efforts of individuals, socialists infer that economic activity, only the material ends of which enter into their thinking, ought of necessity to be carried on socially. **Because of this necessity, they hold that men are obliged, with respect to the producing of goods, to surrender and subject themselves entirely to society. Indeed, possession of the greatest possible supply of things that serve the advantages of this life is considered of such great importance that the higher goods of man, liberty not excepted, must take a secondary place and even be sacrificed to the demands of the most efficient production of goods. This damage to human dignity, undergone in the "socialized" process of production, will be easily offset, they say, by the abundance of socially produced goods which will pour out in profusion to individuals to be used freely at their pleasure for comforts and cultural development.** [grifo meu] Society, therefore, as Socialism conceives it, can on the one hand neither exist nor be thought of without an obviously excessive use of force; on the other hand, it fosters a liberty no less false, since there is no place in it for true social authority, which rests not on temporal and material advantages but descends from God alone, the Creator and last end of all things..” (PIO XI, 1931:23. Ponto 119.)

A sociedade no socialismo é completamente controlada pela força e pelos bens materiais, na concepção da Igreja. Falta o sentimento de caridade, e os laços sociais, para que uma sociedade que realmente cuide e se importe com seus membros exista.

“If they truly wish to be heralds of the Gospel, let them above all strive to show to socialists that socialist claims, so far as they are just, are far more strongly supported by the principles of Christian faith and much more effectively promoted through the power of Christian charity.” (PIO XI, 1931:22. Ponto 116.)

Essa citação passou a impressão de diálogo pois *Quadragesimo Anno* fará uma distinção entre o que ele vai chamar de “socialismo aberto” e “socialismo velado”, o comunismo. Há essa separação por que se por um lado para os comunistas não há nada além de desprezo:

“One section of Socialism has undergone almost the same change that the capitalistic economic system, as We have explained above, has undergone. It has sunk into Communism. Communism teaches and seeks two objectives: Unrelenting class warfare and absolute extermination of private ownership. Not secretly or by hidden methods does it do this, but publicly, openly, and by employing every and all means, even the most violent. To achieve these objectives there is nothing which it does not dare, nothing for which it has respect or reverence; and when it has come to power, it is incredible and portentlike in its cruelty and inhumanity.” (PIO XI, 1931:21. Ponto 112.)

Para com os socialistas, a Igreja aqui toma o passo de reconhecer que eles tem muito em comum do ponto de vista de suas demandas. Ela entende que o socialismo aberto pode estar indo em direção a seguir os valores cristãos, e se os socialistas começarem a junto com suas ideias de política a abraçar os valores morais cristãos eles serão muito bem-vindos. Por que, reiteramos, é só com a moral cristã que os objetivos de reforma realmente podem ser atingidos, sendo sem eles ilusões ou falas falaciosas feitas para ludibriar os trabalhadores.

“The other section, which has kept the name Socialism, is surely more moderate. It not only professes the rejection of violence but modifies and tempers to some degree, if it does not reject entirely, the class struggle and the abolition of private ownership. One might say that, terrified by its own principles and by the conclusions drawn therefrom by Communism, Socialism inclines toward and in a certain measure approaches the truths which Christian tradition has always held sacred; for it cannot be denied that its demands at times come very near those that Christian reformers of society justly insist upon(...) So also the war declared on private ownership, more and more abated, is being so restricted that now, finally, not the possession itself of the means of production is attacked but rather a kind of sovereignty over society which ownership has, contrary to all right, seized and usurped. For such sovereignty belongs in reality not to owners but to the public authority. If the foregoing happens, it can come even to the point that imperceptibly these ideas of the more moderate socialism will no longer differ from the desires and demands of those who are striving to remold human society on the basis of Christian principles. For certain kinds of property, it is rightly contended, ought to be reserved to the State since they carry with them a dominating power so great that cannot without danger to the general welfare be entrusted to private individuals.” (PIO XI, 1931:21, 22. Pontos 113 e 114.)

Talvez aqui nessas afirmações esteja a gênese do que viriam a ser todos os partidos social-democratas cristãos. Essa encíclica acabou por abrir uma brecha pelos quais propostas socialistas podiam ser transformadas de acordo com a moral cristã e aplicadas sem que fossem contra a fé. Mesmo assim, a Igreja deixa muito claro que são os socialistas que devem reconhecer as similaridades e vir até a Igreja. O dever dos cristãos que se encontram em meio a socialistas é pregar para eles, e usar essas ideias em comum para convertê-los. O socialismo em si enquanto continuar socialismo nunca pode ser reconciliado com a Igreja.

“That We, in keeping with Our fatherly solicitude, may answer their petitions, We make this pronouncement: Whether considered as a doctrine, or an historical fact, or a movement, Socialism, if it remains truly Socialism, even after it has yielded to truth and justice on the points which we have mentioned, cannot be reconciled with the teachings of the Catholic Church because its concept of society itself is utterly foreign to Christian truth..” (PIO XI, 1931:22. Ponto 117.)

A afirmação na citação anterior sobre o comunismo<sup>65</sup> de que os ensinamentos sobre o socialismo que decaíram até ele sofreram quase as mesmas mudanças que o sistema capitalista merece atenção especial. É claro que a Igreja Católica tem problemas com o capitalismo, o comunismo e o socialismo. Eles transformaram a vida humana orientada para o metafísico em uma vida orientada para fins seculares, uma mudança que tirou a Igreja do centro e fez ela ser só mais uma instituição de suporte ao sistema, uma função que pelo que já pudemos perceber até agora ela não está nem um pouco satisfeita de exercer, seja por que quer o poder, seja por que aqueles que a lideram estavam e/ou estão realmente indignados com os males da modernidade, ou os dois.

Há também um outro desdobramento que preocupa o CST, que é particularmente de nosso interesse. Foi o mesmo tema que abordamos no fim da seção anterior, e que fica muito mais forte nessa encíclica. É claro que em um ponto de vista de a que interesses pretendem servir, qual sua concepção de mundo e que políticas e futuro propõe capitalismo e comunismo não poderiam ser mais diferentes. A forma como a transformação do socialismo em comunismo é quase idêntica ao desenvolvimento do capitalismo para o CST é em como nos dois casos toda a sociedade é subjugada para se obter o bem econômico. A economia é o altar pagão no qual todo o resto da sociedade é sacrificado.

O desenvolvimento do capitalismo retirou a economia de uma posição subordinada em relação aos outros elementos sociais e colocou todos os outros elementos sociais subordinados a ela. Política, moral, bem-estar, guerra, cultura, a natureza, tudo é comercializado, transformado em bem quantificável e permutável, e o que não pode ser é destruído. Esse é o grande *insight* dessas encíclicas, e é uma ideia que ao mesmo tempo foi tratada por diversos estudiosos de impacto no campo econômico<sup>66</sup> e ao mesmo tempo essa grande transformação simplesmente não é levada em conta. É como se a sociedade sempre tivesse sido voltada para

---

<sup>65</sup> A citação ao ponto 112.

<sup>66</sup> Para citarmos dois de espectros políticos diferentes, o já citado Max Weber lamentava o desencantamento do mundo racional-burguês que havia substituído a dominação tradicional. Rosa Luxemburgo em seu *A Acumulação do Capital* descreve o processo histórico da destruição das chamadas economias naturais para a implementação de uma economia de mercado nacional, seguida pela destruição dessa economia de mercado em prol de uma economia monopolista globalizada.

o mercado, como se desde a Mesopotâmia governos tivessem movimentando estruturas burocráticas enormes em conjunto com um mercado globalizado para atingir o objetivo de manter a taxa de crescimento do PIB.

O CST percebe que não era assim, percebe que antes do advento da Revolução Industrial e da Revolução Científica o mundo era radicalmente diferente, e essa transição foi a maior transição da história da humanidade, talvez comparável apenas a disseminação da agricultura. Não entende exatamente que essa é a raiz de todo o mal da modernidade (o começo de tudo foi o abandonar dos valores católicos), mas entende que não há volta em um mundo que é controlado pelo interesse econômico, pelo Mamon bíblico. Esta provavelmente é a crítica mais contundente e explícita especificamente sobre isso nas encíclicas que investigamos:

“Attention must be given also to another matter that is closely connected with the foregoing. **Just as the unity of human society cannot be founded on an opposition of classes, so also the right ordering of economic life cannot be left to a free competition of forces.** For from this source, as from a poisoned spring, have originated and spread all the errors of individualist economic teaching. **Destroying through forgetfulness or ignorance the social and moral character of economic life,** it held that economic life must be considered and treated as altogether free from and independent of public authority, because in the market, i.e., in the free struggle of competitors, it would have a principle of self direction which governs it much more perfectly than would the intervention of any created intellect. **But free competition, while justified and certainly useful provided it is kept within certain limits, clearly cannot direct economic life** - a truth which the outcome of the application in practice of the tenets of this evil individualistic spirit has more than sufficiently demonstrated. **Therefore, it is most necessary that economic life be again subjected to and governed by a true and effective directing principle.** This function is one that the economic dictatorship which has recently displaced free competition can still less perform, since it is a headstrong power and a violent energy that, to benefit people, needs to be strongly curbed and wisely ruled. **But it cannot curb and rule itself. Loftier and nobler principles - social justice and social charity - must, therefore, be sought whereby this dictatorship may be governed firmly and fully.** Hence, the institutions themselves of peoples and, particularly those of all social life, ought to be penetrated with this justice, and it is most necessary that it be truly effective, that is, **establish a juridical and social order which will, as it were, give form and shape to all economic life.** Social charity, moreover, ought to be as the soul of this order, an order which public authority ought to be ever ready effectively to protect and defend. It will be able to do this the more easily as it rids itself of those burdens which, as We have stated above, are not properly its own.” (PIO XI, 1931:17,18. Ponto 88.)

O problema está claramente colocado: o livre-mercado e sua consequência, os monopólios, destroem a vida social. O econômico não pode ser deixado a se determinar pela ditadura econômica e nem pelas livres forças de mercado, e muito menos pode determinar todo o resto da vida humana. A solução é sujeitar a vida econômica a um princípio diretivo, que tenha como prioridade a justiça social e a caridade. São os princípios jurídicos, morais e das necessidades das pessoas que devem orientar a vida econômica, e não o contrário. No atual sistema, a situação é esta:

“With the rulers of economic life abandoning the right road, it was easy for the rank and file of workers everywhere to rush headlong also into the same chasm; and all the more so, because very many managements treated their workers like mere tools, with no concern at all for their souls, without indeed even the least thought of spiritual things. Truly the mind shudders at the thought of the grave dangers to which the morals of workers (particularly younger workers) and the modesty of girls and women are exposed in modern factories; when we recall how often the present economic scheme, and particularly the shameful housing conditions, create obstacles to the family bond and normal family life; when we remember how many obstacles are put in the way of the proper observance of Sundays and Holy Days; and when we reflect upon the universal weakening of that truly Christian sense through which even rude and unlettered men were wont to value higher things, and upon its substitution by the single preoccupation of getting in any way whatsoever one's daily bread. And thus bodily labor, which Divine Providence decreed to be performed, even after original sin, for the good at once of man's body and soul, is being everywhere changed into an instrument of perversion; **for dead matter comes forth from the factory ennobled, while men there are corrupted and degraded**[grifo meu].” (PIO XI, 1931:26. Ponto 135.)

A sociedade fragmentada e destruída, as tradições e a moral em pedaços, o conflito e a barbárie o único resultado esperado.

É um exagero dizer que *Quadragesimo Anno* em particular e o CST em geral condenam o capitalismo. Seria mais preciso dizer que eles condenam a ideologia dos livres-mercados liberais, eles condenam que os objetivos do capitalismo sejam a prioridade da vida humana. A Igreja certamente entende que é possível um sistema em que empresas existam para buscar o lucro a partir da propriedade privada dos meios de produção sem que isso signifique a subordinação de tudo ao capitalismo.

“With all his energy Leo XIII sought to adjust this economic system according to the norms of right order; hence, it is evident that this system is not to be condemned in itself. And surely it is not of its own nature vicious. But it does violate right order when capital hires workers, that is, the non-owning working class, with a view to and under such terms that it directs business and even the whole economic system according to its own will and advantage, scorning the human dignity of the workers, the social character of economic activity and social justice itself, and the common good.” (PIO XI, 1931:19. Ponto 101.)

E como deveria funcionar esse sistema? A economia deveria focar principalmente em prover bens e serviços para as pessoas, e deveria ajudar como todo o resto da sociedade a promover a estabilidade e a boa moral. Isso se faz não só com o pagamento de um salário justo, com a promessa dos trabalhadores de não fazer greve e nem protestos, e com a moderação dos “espíritos animais” dos capitalistas, mas com uma busca incessante pela estabilidade de preços e salários.<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup> De fato essa busca por estabilidade de preços e salários com um sistema de mercado ainda em vigor é incompatível numa economia que está sempre a introduzir inovações constantes que necessariamente mudarão preços relativos. Talvez Tolkien com sua dura crítica ao próprio processo de inovação seja amis consistente com essa ideia do que a Igreja, até por que de forma alguma ele vai tão fundo nas propostas.

“A right proportion among wages and salaries also contributes directly to the same result; and with this is closely connected a right proportion in the prices at which the goods are sold that are produced by the various occupations, such as agriculture, manufacturing, and others. If all these relations are properly maintained, the various occupations will combine and coalesce into, as it were, a single body and like members of the body mutually aid and complete one another. For then only will the social economy be rightly established and attain its purposes when all and each are supplied with all the goods that the wealth and resources of nature, technical achievement, and the social organization of economic life can furnish. And these goods ought indeed to be enough both to meet the demands of necessity and decent comfort and to advance people to that happier and fuller condition of life which, when it is wisely cared for, is not only no hindrance to virtue but helps it greatly.” (PIO XI, 1931:19. Ponto 101.)

É muito importante que se lide com o trabalhador não como um insumo, mas como um ser humano, e só se pode avaliar o real valor de seu trabalho se essa dimensão humana é considerada. A própria ideia de se comprar e vender trabalho no mercado se torna reprovável. Pessoas deveriam se organizar, como nas guildas de outrora, de acordo com a sua profissão, e não de acordo com os retornos salariais que obtém no mercado de trabalho.

“Labor, as Our Predecessor explained well in his Encyclical, is not a mere commodity. On the contrary, the worker's human dignity in it must be recognized. It therefore cannot be bought and sold like a commodity. Nevertheless, as the situation now stands, hiring and offering for hire in the so-called labor market separate men into two divisions, as into battle lines, and the contest between these divisions turns the labor market itself almost into a battlefield where, face to face, the opposing lines struggle bitterly. Everyone understands that this grave evil which is plunging all human society to destruction must be remedied as soon as possible. But complete cure will not come until this opposition has been abolished and well-ordered members of the social body - Industries and Professions - are constituted in which men may have their place, not according to the position each has in the labor market but according to the respective social functions which each performs. For under nature's guidance it comes to pass that just as those who are joined together by nearness of habitation establish towns, so those who follow the same industry or profession - whether in the economic or other field - form guilds or associations, so that many are wont to consider these self-governing organizations, if not essential, at least natural to civil society.” (PIO XI, 1931:16. Ponto 83.)

O resultado dessas mudanças seria uma sociedade harmoniosa com si mesma e com os ensinamentos de Jesus Cristo:

“If the members of the body social are, as was said, reconstituted, and if the directing principle of economic-social life is restored, it will be possible to say in a certain sense even of this body what the Apostle says of the mystical body of Christ: ‘The whole body (being closely joined and knit together through every joint of the system according to the functioning in due measure of each single part) derives its increase to the building up of itself in love.’” (PIO XI, 1931:18. Ponto 90.)

No fundo, o que se busca estabelecer numa sociedade em que a economia está subjugada a princípios diretivos maiores é a criação de laços entre as pessoas. Laços familiares, fraternais, comunitários e por fim entre toda a espécie humana. A grande crença do CST é que uma

sociedade que usa princípios organizacionais diferentes da criação de laços<sup>68</sup>, seja o mercado, sejam oligopólios, seja planificação estatal, não pode ser uma sociedade harmoniosa e estará fadada ao conflito e ao sofrimento. E essa é uma ideia que, sendo cristão ou não, muitos acreditam hoje.

“Indeed all the institutions for the establishment of peace and the promotion of mutual help among men, however perfect these may seem, have the principal foundation of their stability in the mutual bond of minds and hearts whereby the members are united with one another. If this bond is lacking, the best of regulations come to naught, as we have learned by too frequent experience. And so, then only will true cooperation be possible for a single common good when the constituent parts of society deeply feel themselves members of one great family and children of the same Heavenly Father; nay, that they are one body in Christ, "but severally members one of another," so that "if one member suffers anything, all the members suffer with it." For then the rich and others in positions of power will change their former indifference toward their poorer brothers into a solicitous and active love, listen with kindness to their just demands, and freely forgive their possible mistakes and faults. And the workers, sincerely putting aside every feeling of hatred or envy which the promoters of social conflict so cunningly exploit, will not only accept without rancor the place in human society assigned them by Divine Providence, but rather will hold it in esteem, knowing well that everyone according to his function and duty is toiling usefully and honorably for the common good and is following closely in the footsteps of Him Who, being in the form of God, willed to be a carpenter among men and be known as the son of a carpenter.” (PIO XI, 1931:27. Ponto 137.)

*Quadragesimo Anno* é uma abordagem muito mais profunda do que são os problemas econômicos e sociais da modernidade e quais são as propostas concretas para se lidar com esses problemas segundo os preceitos da moralidade cristã. *Rerum* pode ter sido a grande centelha que ligou a luz do CST, mas *Quadragesimo Anno* foi da lamparina a óleo para a eletricidade urbana, deixando as fundações e os termos do debate estabelecidos até hoje, exatamente por explorar mais a fundo conceitos econômicos e dessa forma estabelecer uma conversa muito mais fácil entre o campo do pensamento cristão e o pensamento econômico. Para prosseguir com nosso trabalho seguiremos avaliando o CST principalmente tomando os posicionamentos desta última encíclica como a referência contra a qual iluminaremos a obra de Tolkien.

---

<sup>68</sup> Da simpatia de Adam Smith, para colocar de outro modo. Visto em Smith, Adam, *Teoria dos Sentimentos Morais*. Escócia, 1759.

### CAPÍTULO III – ENRAIZAMENTO E TECNOLOGIA

É muito importante que possamos situar o debate tolkieniano dentro do campo das ciências sociais se queremos aprender com ele e ao mesmo tempo fornecer uma leitura crítica de suas ideias (tendo em vista que para isso não precisamos categorizá-lo como adepto desta ou daquela escola econômica). Se não, corremos o risco de reduzir o que ele tem a dizer a platitudes, a uma visão de mundo de um indivíduo que pouco tem relação direta com os debates acadêmicos e políticas do mundo real, ou a uma crítica de caráter puramente religioso e moral. Em menor grau, o CST também corre o mesmo risco. Podemos entendê-lo como a atuação panfletária da Igreja para reafirmar seu poder ideológico no mundo, ou como novamente uma crítica puramente religiosa e moral, e entender a adesão política concreta que essas ideias têm como advindas exclusivamente de afinidades de cunho religioso entre as instituições políticas e essas ideias.

O que é proposto tanto por Tolkien quanto pelo CST encontra na realidade relações diretas com visões de mundo amplamente difundidas e retoricamente relevantes dentro das ciências sociais, em especial com a obra de Karl Paul Polanyi. Talvez não o mais lido ou mais entendido dos antropólogos econômicos, ainda assim uma figura que se tornou famosa e que escreveu entre outras obras *A Grande Transformação*, um livro muito influente no debate da transição entre o mundo feudal-moderno e o capitalismo. A posição crítica de Polanyi ao capitalismo liberal o coloca ao mesmo tempo firmemente em oposição a ortodoxia econômica presente e o aproxima dos autores mais críticos ao *status quo* econômico<sup>69</sup>, e ao mesmo tempo o caráter único de sua análise histórico cultural e de suas afinidades com a esquerda cristã dos anos 1920 e 30 o fazem um autor difícil de encaixar nas categorias tradicionais. Bonaldi (2014)<sup>70</sup> por exemplo vai entender que Polanyi critica e avança ideias tanto marxistas quanto weberianas, sem com isso deixar de demonstrar sua própria originalidade.

A visão de mundo apresentada pelo CST teve evoluções importantes desde *Quadragesimo Anno*, porém ela se manteve marcadamente consistente desde então. Essas ideias ecoam tanto na obra de Polanyi quanto nas visões tolkienianas já apresentadas. Nos resta explorar mais a fundo os conceitos polanyianos, principalmente sua ideia de enraizamento, e

---

<sup>69</sup> O prefácio a uma edição do séc. XXI da obra por exemplo foi escrita por Joseph Stiglitz.

<sup>70</sup> Bonaldi, Eduardo Vilar, Resenha de *A Subsistência do Homem e Ensaios Correlatos*. Tempo Social, revista de sociologia da USP, págs. 287-291. 2014.

usando tanto ele quanto o CST para iluminar as ideias de Tolkien, discutiremos uma nova interpretação dessas ideias e o que elas significam para os dilemas atuais.

### ***III.1 – Karl Paul Polanyi, economista moral.***

O tema central para se compreender a tese polanyiana é a ideia de enraizamento. Polanyi vai argumentar que a característica mais marcante da sociedade capitalista que amadureceu no séc. XIX é que esta foi a primeira sociedade na história da humanidade que se organizou em volta de um princípio econômico: o ganho.

“But the peculiarity of the civilization the collapse of which we have witnessed was precisely that it rested on economic foundations. Other societies and other civilizations, too, were limited by the material conditions of their existence - this is a common trait of all human life, indeed, of all life, whether religious or nonreligious, materialist or spiritualist. All types of societies are limited by economic factors. Nineteenth-century civilization alone was economic in a different and distinctive sense, for it chose to base itself on a motive only rarely acknowledged as valid in the history of human societies, and certainly never before raised to the level of a justification of action and behavior in everyday life, namely, gain. The self-regulating market system was uniquely derived from this principle.” (POLANYI, 2001[1944]:31.)

O ganho deve ser entendido como o princípio que move toda a ação humana na civilização do séc. XIX, e não a origem dessa sociedade. A origem dessa sociedade foi sua organização em volta do mercado autorregulado. E a consequência principal dessa organização foi mover o papel que a economia exercia na sociedade. Antes a economia era só a forma pela qual a sociedade garantia seus meios de reprodução, e as decisões econômicas eram tomadas principalmente levando-se em conta considerações políticas, morais e religiosas. A economia efetivamente estava encrustada, ou enraizada, no tecido da sociedade, e era regida de acordo com as prerrogativas desta última.

Com o advento do sistema de mercado autorregulado, aconteceu o contrário: a economia se despreendeu, se desenraizou da sociedade, e passou ela mesma a ser o princípio organizador da sociedade. Desta forma, é o resto da sociedade que vai se tornar um apêndice da economia, mais precisamente do mercado autorregulado, e todas as decisões em todas as outras esferas serão tomadas de acordo com as prerrogativas econômicas.

“The control of the economic system by the market is of overwhelming consequence to the whole organization of society: it means no less than the running of society as an adjunct of the market. Instead of economy being embedded in social relations, social relations are embedded in the economic system” (POLANYI, 2001[1944]:60.)

O método como a sociedade fará isso será transformar todas, absolutamente todas as coisas ao alcance do mercado em produtos a venda. Isso não vai ser especialmente traumático

quando se tratam de bens e serviços, mas Polanyi vai entender que isso será uma hecatombe quando coisas que nunca poderiam se tornar uma *commodity* vão ser transformadas nisso: trabalho e terra. Isso terá consequências nefastas, por que como o imperativo de mercado é dominante, tanto as condições de vida dos seres humanos reduzidos à condição de trabalho quanto o meio natural serão massacrados sem dó em prol do mercado, e isso trará consequências terríveis para a sociedade: o final desse processo é a ascensão do nazifascismo e a destruição da liberdade humana.

“Now, in regard to labor, land, and money such a postulate cannot be upheld. To allow the market mechanism to be sole director of the fate of human beings and their natural environment indeed, even of the amount and use of purchasing power, would result in the demolition of society. For the alleged commodity "labor power" cannot be shoved about, used indiscriminately, or even left unused, without affecting also the human individual who happens to be the bearer of this peculiar commodity. In disposing of a man's labor power the system would, incidentally, dispose of the physical, psychological, and moral entity "man" attached to that tag. Robbed of the protective covering of cultural institutions, human beings would perish from the effects of social exposure; they would die as the victims of acute social dislocation through vice, perversion, crime, and starvation. Nature would be reduced to its elements, neighborhoods and landscapes defiled, rivers polluted, military safety jeopardized, the power to produce food and raw materials destroyed. Finally, the market administration of purchasing power would periodically liquidate business enterprise, for shortages and surfeits of money would prove as disastrous to business as floods and droughts in primitive society. Undoubtedly, labor, land, and money markets are essential to a market economy. But no society could stand the effects of such a system of crude fictions even for the shortest stretch of time unless its human and natural substance as well as its business organization was protected against the ravages of this satanic mill.” (POLANYI, 2001[1944]:76.)

De fato, o moinho de Sarehole e o moinho de água do Condado foram destruídos, mas não apenas, e não principalmente, para dar lugar ao moinho de carvão. A sociedade tradicional foi destruída para se dar lugar ao moinho satânico do mercado autorregulado.

É muito importante que se compreenda que a questão não está sendo colocada aqui em termos marxistas, pois Polanyi vai entender que Marx fez uma crítica insuficiente ao não largar das categorias estabelecidas por David Ricardo. A questão não é apenas a exploração econômica, apensar dessa também ser uma característica. Polanyi é um socialista, mas deve sua filiação ideológica mais a Robert Owen do que a Karl Marx. O desenraizamento que mais preocupa Polanyi é o desenraizamento dos trabalhadores de suas comunidades. É a destruição social completa que assusta o autor.

Ele vai entender que pior que a exploração que eles sofrem nas fábricas é o fato de todo o sistema de assistência tradicional que existia em sua volta ser eliminado. Não há mais uma comunidade de artesãos com as quais ele pode compartilhar seu talento profissional; não há

mais vida comunitária cheia de festas religiosas e eventos; não há mais assistência a fome em casos de calamidade; não há mais nada. Só há a fábrica.

“And as the prime cause of this degradation he, rightly again, pointed to the dependence for bare subsistence on the factory. He grasped the fact that what appeared primarily as an economic problem was essentially a social one. In economic terms the worker was certainly exploited: he did not get in exchange that which was his due. But important though this was, it was far from all. In spite of exploitation, he might have been financially better off than before. But a principle quite unfavorable to individual and general happiness was wreaking havoc with his social environment, his neighborhood, his standing in the community, his craft; in a word, with those relationships to nature and man in which his economic existence was formerly embedded. The Industrial Revolution was causing a social dislocation of stupendous proportions, and the problem of poverty was merely the economic aspect of this event. Owen justly pronounced that unless legislative interference and direction counteracted these devastating forces, great and permanent evils would follow. He did not, at that time, foresee that the self-protection of society for which he was calling would prove incompatible with the functioning of the economic system itself.” (POLANYI, 2001[1944]:134, 135.)

“Not economic exploitation, as often assumed, but the disintegration of the cultural environment of the victim is then the cause of the degradation. The economic process may, naturally, supply the vehicle of the destruction, and almost invariably economic inferiority will make the weaker yield, but the immediate cause of his undoing is not for that reason economic; it lies in the lethal injury to the institutions in which his social existence is embodied.” (POLANYI, 2001[1944]:164.)

Isso também era uma necessidade do sistema de mercado autorregulado, pois manter essas instituições tradicionais era criar obstáculos a livre mobilidade de fatores de produção, que já temos em mente a posição do trabalhador como nada mais do que um desses fatores. Associações de cunho religioso, fraternal e tradicional eram uma ameaça à liberdade de contratos.

“To separate labor from other activities of life and to subject it to the laws of the market was to annihilate all organic forms of existence and to replace them by a different type of organization, an atomistic and individualistic one.

Such a scheme of destruction was best served by the application of the principle of freedom of contract. In practice this meant that the noncontractual organizations of kinship, neighborhood, profession, and creed were to be liquidated since they claimed the allegiance of the individual and thus restrained his freedom. To represent this principle as one of noninterference, as economic liberals were wont to do, was merely the expression of an ingrained prejudice in favor of a definite kind of interference, namely, such as would destroy noncontractual relations between individuals and prevent their spontaneous reformation.” (POLANYI, 2001[1944]:171.)

O resultado de todas essas mudanças era transformar a figura rural, típica do mundo feudal, completamente enraizada e em harmonia com sua comunidade (mesmo que sofrendo todos os malefícios da vida feudal) em uma figura típica do mundo desenraizado:

“For the most obvious effect of the new institutional system was the destruction of the traditional character of settled populations and their transmutation into a new type of people,

migratory, nomadic, lacking in self-respect and discipline-crude, callous beings of whom both laborer and capitalist were an example..” (POLANYI, 2001[1944]:134.)

Polanyi não entendia que de fato existia um sistema de mercado autorregulado operando. Isso seria impossível, pois para existir um sistema realmente autorregulado absolutamente tudo deveria estar à disposição da alocação de mercado e isso significaria a destruição completa da sociedade, não sobraria ser humano e nem natureza para que houvesse alguma coisa que parecesse organização humana.

“Our thesis is that the idea of a self-adjusting market implied a stark utopia. Such an institution could not exist for any length of time without annihilating the human and natural substance of society; it would have physically destroyed man and transformed his surroundings into a wilderness. Inevitably, society took measures to protect itself: but whatever measures it took impaired the self-regulation of the market, disorganized industrial life, and thus endangered society in yet another way. It was this dilemma which forced the development of the market system into a definite groove and finally disrupted the social organization based upon it.” (POLANYI, 2001[1944]:3, 4.)

O que existia na verdade era a utopia normativa do mercado autorregulado. Existia a ideia, e pela concretização dessa ideia muitos horrores foram defendidos com tinta e concretizados com sangue. Por exemplo, o método preferido por Townsend para convencer os trabalhadores a aceitarem trabalhar por um salário era a fome:

“Hunger will tame the fiercest animals, it will teach decency and civility, obedience and subjection, to the most perverse. In general it is only hunger which can spur and goad them [the poor] on to labour; yet our laws have said they shall never hunger. The laws, it must be confessed, have likewise said, they shall be compelled to work.” (POLANYI, 2001[1944]:118.)

Que fique claro que a fome aqui era uma construção artificial usada como método de engenharia social para forçar os trabalhadores a serem dóceis e cooperarem com o sistema de mercado. Não era, como Townsend queria fazer acreditar em 1790 e como é argumentado até hoje, uma situação de escassez real onde agentes livres devem competir pelos recursos restantes para a sobrevivência num processo de seleção natural

“Townsend's Dissertation, ten years afterward, centered on the the-orem of the goats and the dogs. The scene is Robinson Crusoe's island in the Pacific Ocean, off the coast of Chile. On this island Juan Fernandez landed a few goats to provide meat in case of future visits. The goats had multiplied at a biblical rate and became a convenient store of food for the privateers, mostly English, who were molesting Spanish trade. In order to destroy them, the Spanish authorities landed a dog and a bitch, which also, in the course of time, greatly multiplied, and diminished the number of goats on which they fed. "Then a new kind of balance was restored;" wrote Townsend. "The weakest of both species were among the first to pay the debt of nature; the most active and vigorous preserved their lives:" To which he added: "It is the quantity of food which regulates the number of the human species:"

We note that a search in the sources failed to authenticate the story. Juan Fernandez duly landed the goats; but the legendary dogs were described by William Funnell as beautiful cats,

and neither dogs nor cats are known to have multiplied; also the goats were inhabiting inaccessible rocks, while the beaches-on this all reports agree-were teeming with fat seals which would have been a much more engaging prey for the wild dogs. **However, the paradigm is not dependent upon empirical support.**[grifo meu].” (POLANYI, 2001[1944]:117, 118.)

A profundidade dos custos humanos exigidos para a transição de uma economia tradicional para uma economia de mercado não pode ser exagerada. Era análogo ao processo sofrido pelos povos colonizados quando da apropriação de suas terras pelos colonizadores europeus<sup>71</sup>. Mas ao invés de ser cometido contra populações inimigas ou pelo menos consideradas bárbaras e dessa forma desumanizadas<sup>72</sup> essas atrocidades eram cometidas contra a própria população local.

“Hobbes's grotesque vision of the state- a human Leviathan whose vast body was made up of an infinite number of human bodies-was dwarfed by the Ricardian construct of the labor market: a flow of human lives the supply of which was regulated by the amount of food put at their disposal. Although it was acknowledged that there existed a customary standard below which no laborer's wages could sink, this limitation was thought to become effective only if the laborer was reduced to the choice of being left without food or of offering his labor in the market for the price it would fetch.

This explains, incidentally, an otherwise inexplicable omission of the classical economists, namely, why only the penalty of starvation, not also the allurements of high wages, was deemed capable of creating a functioning labor market. Here also colonial experience confirmed their own. For the higher the wages the smaller the inducement to exertion on the part of the native, who unlike the white man was not compelled by his cultural standards to make as much money as he possibly could. The analogy was all the more striking as the early laborer, too, abhorred the factory, where he felt degraded and tortured, like the native who often resigned himself to work in our fashion only when threatened with corporal punishment, if not physical mutilation. The Lyons manufacturers of the eighteenth century urged low wages primarily for social reasons. Only an overworked and downtrodden laborer would forgo to associate with his like in order to escape from that state of personal servitude under which he could be made to do whatever his master required from him. Legal compulsion and parish serfdom as in England, the rigors of an absolutist labor police as on the Continent, indentured labor as in the early Americas were the prerequisite of the "willing worker." But the final stage was reached with the application of "nature's penalty," hunger. In order to release it, it was necessary to liquidate organic society, which refused to let the individual starve.” (POLANYI, 2001[1944]:172, 173.)

Mas qual a justificativa para tanta barbárie? Por que agir com tanto ódio e desprezo contra os trabalhadores, os inserindo vivos em tão satânica moenda? A resposta seria exatamente aquilo que permitira a economia se desenraizar da sociedade, se tornando seu centro dinâmico: deveria ser assim pois essas são as leis naturais biológicas do mundo, e não se pode ir contra elas. Não havia como fugir da lei populacional de Malthus, nem das leis de ferro do salário preferidas por Ricardo, e todos eles bebem da fonte que se origina em Townsend. O mundo smithano, de sociabilidade de mercado que tinha uma graciosa sinergia com o

---

<sup>71</sup> Em um argumento que nos lembra diretamente as descrições da destruição das economias naturais em *A Acumulação do Capital* de Rosa Luxemburgo

<sup>72</sup> Não muito diferente de como Tolkien trata lestenses, sulistas e orcs em *O Senhor dos Anéis*

pressuposto da sociabilidade humana e que um levaria o outro a um futuro amplo de prosperidade não tinha lugar na Inglaterra de 1790, graças a Speenhamland<sup>73</sup>.

“What induced orthodox economics to seek its foundations in naturalism was the otherwise inexplicable misery of the great mass of the producers which as we know today, could never have been deduced from the laws of the market. But the facts as they appeared to contemporaries were roughly these: in times past the laboring people had habitually lived on the brink of indigence (at least, if one accounted for changing levels of customary standards); since the coming of the machine they had certainly never risen above subsistence level; and now that the economic society was finally taking shape, it was an indubitable fact that decade after decade the material level of existence of the laboring poor was not improving a jot, if, indeed, it was not becoming worse.

If ever the overwhelming evidence of the facts seemed to point in one direction, it was, therefore, in the case of the iron law of wages, which asserted that the bare subsistence level on which laborers actually lived was the result of a law which tended to keep their wages so low that no other standard was possible for them. This semblance was, of course, not only misleading but indeed implied an absurdity from the point of view of any consistent theory of prices and incomes under capitalism. Yet, in the last analysis, it was on account of this false appearance that the law of wages could not be based on any rational rule of human behavior, but had to be deduced from the naturalistic facts of the fertility of man and soil, as they were presented to the world by Malthus's law of population combined with the law of diminishing returns. The naturalistic element in the foundations of orthodox economics was the outcome of conditions primarily created by Speenhamland.” (POLANYI, 2001[1944]:128, 129.)

A partir daquela situação específica se deduziu leis gerais que deveriam servir para toda a ação econômica por toda a história. As leis econômicas dos clássicos podem não ter sobrevivido no *mainstream* econômico, mas certamente sua naturalização das leis de mercado é prevalente até hoje.

As ideias de Townsend representavam uma quebra não apenas com Adam Smith mas com todos os pensadores sociais anteriores, que entendiam a “natureza” cujas leis tinham que descobrir inspirados em Newton como natureza humana, que advinha das relações sociais humanas. Mas frente ao problema da miséria erroneamente considerada sem fim não importando o aumento da riqueza da sociedade, os argumentos sociais perderam força, e Townsend teve todo o espaço para recolocar a questão em outros termos: o natural era o natural biológico, fora do alcance do poder de decisão do homem.

“If, to Hobbes, man was as wolf to man, it was because outside of society men behaved like wolves, not because there was any biological factor which men and wolves had in common. Ultimately, this was so because no human community had yet been conceived of which was not identical with law and government. But on the island of Juan Fernandez there was neither

---

<sup>73</sup> O sistema de speenhamland, que estabelecia um sistema de ajuda governamental para complementar salários de pessoas pobres que não conseguissem pelo trabalho todo o dinheiro para seu sustento. Isso causou uma situação onde os patrões, sabendo que qualquer necessidade de seus empregados seriam atendidas em último caso pelas instituições estatais, começaram a baixar fortemente os preços pagos pelo salário, criando uma depressão artificial nos salários e não transferindo os ganhos de produtividade da revolução industrial para eles.

government nor law; and yet there was balance between goats and dogs. That balance was maintained by the difficulty the dogs found in devouring the goats which fled into the rocky part of the island, and the inconveniences the goats had to face when moving to safety from the dogs. No government was needed to maintain this balance; it was restored by the pangs of hunger on the one hand, the scarcity of food on the other. Hobbes had argued the need for a despot because men were like beasts; Town-send insisted that they were actually beasts and that, precisely for that reason, only a minimum of government was required. From this novel point of view, a free society could be regarded as consisting of two races: property-owners and laborers. The number of the latter was limited by the amount of food; and as long as property was safe, hunger would drive them to work. No magistrate was necessary, for hunger was a better disciplinarian than the magistrate. To appeal to him, Townsend pungently remarked, would be "an appeal from the stronger to the weaker authority:!" (POLANYI, 2001[1944]:119, 120.)

A conclusão de todas essas ideias são os resultados esperados do desenraizamento: o trabalhador é para ser reduzido a um estágio de mercadoria fictícia, pois ele sempre foi assim tendo em vista que essas são as leis naturais, e qualquer intervenção só gera custos e miséria para todos sem resolver a situação dos miseráveis originais:

“Clearly, a question of statesmanship was involved. Why should the poor be made a public charge and their maintenance put on the parish, if ultimately the parish discharged its obligation by farming out the able-bodied to the capitalist entrepreneurs, who were so eager to fill their mills with them that they would even spend money to obtain their services? Did this not clearly indicate that there was also a less expensive way of compelling the poor to earn their keep than the parish way? The solution lay in the abolishment of the Elizabethan legislation without replacing it by any other. No assessment of wages, no relief for the able-bodied unemployed, but no minimum wages either, nor a safeguarding of the right to live. Labor should be dealt with as that which it was, a commodity which must find its price in the market.” (POLANYI, 2001[1944]:121, 122.)

Polanyi sem a menor dúvida não via as coisas nesses termos. Ele entendia que as construções ditas “naturais” pelos economistas clássicos eram na verdade construções historicamente dadas e aliás altamente artificiais:

“The nineteenth century-whether hailing the fact as the apex of civilization or deploring it as a cancerous growth-naively imagined that such a development was the natural outcome of the spreading of markets. It was not realized that the gearing of markets into a self-regulating system of tremendous power was not the result of any inherent tendency of markets toward excretion, but rather the effect of highly artificial stimulants administered to the body social in order to meet a situation which was created by the no less artificial phenomenon of the machine.” (POLANYI, 2001[1944]:60.)

A utopia normativa era apenas isso: uma utopia. Não pode ser considerada a causa para o estabelecimento de um sistema de mercado autorregulado. Sem desconsiderar o poder das ideias, que quando ganham tração movem montanhas, o fato é que o sistema de mercado era uma mudança muito profunda para não ter nenhuma raiz nos fatos concretos. E essa raiz para Polanyi é completamente de nosso interesse: a máquina. Mas não a máquina per se, como instrumento de poupar trabalho ou de exercer uma força multiplicada ou de movimento

autônomo. É o uso das máquinas em um sistema de produção de massa que vai levar a ideia de mercado autorregulado.

“But how shall this revolution itself be defined? What was its basic characteristic? Was it the rise of the factory towns, the emergence of slums, the long working hours of children, the low wages of certain categories of workers, the rise in the rate of population increase, or the concentration of industries? We submit that all these were merely incidental to one basic change, the establishment of market economy, and that the nature of this institution cannot be fully grasped unless the impact of the machine on a commercial society is realized. We do not intend to assert that the machine caused that which happened, but we insist that once elaborate machines and plant were used for production in a commercial society, the idea of a self-regulating market system was bound to take shape.” (POLANYI, 2001[1944]:42, 43.)

Como isso acontece? A máquina tem duas características principais logo no começo da revolução industrial<sup>74</sup>: ela produz um volume muito alto de bens e ela tem um custo significativo de aquisição e manutenção. O alto custo de aquisição e manutenção exige numa sociedade como a europeia que não tem um sistema de governo e produção centralizado que aquele que vai arcar com os custos da máquina a utilize da forma mais eficiente possível para vender o máximo de produto ao menor custo e que aumente suas chances de lucro. Com isso a produção de bens em si se torna secundária ao ato de venda.

Para que um empreendedor se interesse em produzir com uma máquina ele precisa ter expectativa que ele não irá ter perda. Para que se garanta a produção e ele não perca no investimento ele precisa que todos os insumos que ele necessita estejam a disposição no volume que ele necessita e à venda no preço de mercado.

“Since elaborate machines are expensive, they do not pay unless large amounts of goods are produced. They can be worked without a loss only if the vent of the goods is reasonably assured and if production need not be interrupted for want of the primary goods necessary to feed the machines. For the merchant this means that all factors involved must be on sale, that is, they must be available in the needed quantities to anybody who is prepared to pay for them. Unless this condition is fulfilled, production with the help of specialized machines is too risky to be undertaken both from the point of view of the merchant who stakes his money and of the community as a whole which comes to depend upon continuous production for incomes, employment, and provisions.” (POLANYI, 2001[1944]: 43.)

A diferença principal está no ato de compra e na venda: quando ele vende um produto, só ele sofre as consequências, e ele vai vender esse produto como costumava vender antes qualquer outro produto. No ato da compra ele irá proceder de forma substancialmente diferente. Ao invés de simplesmente comprar o produto feito por outrem e revende-lo, seja numa

---

<sup>74</sup> A frase foi composta deste jeito pois outras características da máquina apareceriam com o desenvolvimento posterior da indústria, como a associação com a ciência, a prerrogativa de investimento em inovação, a necessidade de contratar pessoal altamente qualificado para manejar máquinas complexas, preocupações com patentes, legislação que tem como alvo proteção ao consumidor, entre outras.

transação internacional seja numa transação local do tipo da cidade para o campo, ele vai comprar na realidade o trabalho e os insumos para a produção e vai observá-la ele mesmo.

E aí está a raiz de todo o desenraizamento: antes o ato de compra e venda do mercador era secundário ao processo de produção. Ele comprava os bens que estavam dispostos a vender e os revendia, sem que a transação de mercado necessariamente interferisse na produção. O mercador aparece como o solucionador de um problema secundário: haviam bens excedentes ao processo de produção para subsistência que podiam se transacionados com lucro se transportados e se assumisse o risco, então ele entrava no processo.

“The transformation to this system from the earlier economy is so complete that it resembles more the metamorphosis of the caterpillar than any alteration that can be expressed in terms of continuous growth and development. Contrast, for example, the merchant- producer's selling activities with his buying activities; his sales concern only artifacts; whether he succeeds or not in finding purchasers, the fabric of society need not be affected. But what he buys is raw materials and labor-nature and man. Machine production in a commercial society involves, in effect, no less a transformation than that of the natural and human substance of society into commodities. The conclusion, though weird, is inevitable; nothing less will serve the purpose: obviously, the dislocation caused by such devices must disjoint man's relationships and threaten his natural habitat with annihilation..” (POLANYI, 2001[1944]: 44.)

Quando da introdução da máquina, ele literalmente se tornava o centro do processo. Ele não mais ia aos produtores e comprava, ele comandava a produção. E a produção se tornava secundária ao processo de venda. Logo o trabalhador tradicional que estava basicamente insulado do processo de compra e venda agora estava irremediavelmente ligado a esse processo, e sua sobrevivência dependia do mercado, pois com a introdução da máquina toda produção teve que se tornar industrial e eficiente. A necessidade de ter insumos no mercado disponíveis em volume suficiente para a produção exigia isso. A introdução da máquina para alimentar a produção em massa cria a obrigatoriedade que toda a cadeia produtiva siga o mesmo ritmo, pois a falta de insumos implica em máquina parada que implica em ineficiência que implica em perda. Logo terra e trabalho também são desenraizados junto com a economia, que perde seu lugar secundário inserido na produção tradicional e passa ela mesma a ditar a produção. Agora não é mais a subsistência, mas o ganho, que movimenta a atividade econômica.

Robert Owen observaria as consequências dessa mudança, tanto na condição de vida dos trabalhadores como no espírito da sociedade:

“‘The general diffusion of manufactures throughout a country-generates a new character in its inhabitants; and as this character is formed upon a principle quite unfavourable to individual or general happiness, it will produce the most lamentable and permanent evils, unless its tendency be counteracted by legislative interference and direction.’ The organization of the

whole of society on the principle of gain and profit must have far-reaching effects.” (POLANYI, 2001[1944]: 134.)

“But essentially, what he observed was true of town and village laborers alike, namely, that ‘they are at present in a situation infinitely more degraded and miserable than they were before the introduction of those manufactories, upon the success of which their bare subsistence now depends.’ Here again, he hit rock bottom, emphasizing not incomes but degradation and misery.” (POLANYI, 2001[1944]: 134.)

Mas a sociedade não fica inerte, se deixando passivamente ser destruída pelo mercado autorregulado. Ela reage, e esse processo de reação gera um duplo movimento: a expansão dos mercados e uma força reacionária limitando sua expansão. Os mercados são deixados a livremente expandir seu alcance em termos de bens e serviços comuns, mas vão sendo ativamente limitados no que tange mercadorias fictícias.

“Social history in the nineteenth century was thus the result of a double movement: the extension of the market organization in respect to genuine commodities was accompanied by its restriction in respect to fictitious ones. While on the one hand markets spread all over the face of the globe and the amount of goods involved grew to unbelievable dimensions, on the other hand a network of measures and policies was integrated into powerful institutions designed to check the action of the market relative to labor, land, and money. While the organization of world commodity markets, world capital markets, and world currency markets under the aegis of the gold standard gave an unparalleled momentum to the mechanism of markets, a deep-seated movement sprang into being to resist the pernicious effects of a market -controlled economy. Society protected itself against the perils inherent in a self-regulating market system- this was the one comprehensive feature in the history of the age.” (POLANYI, 2001[1944]: 79, 80.).

“For a century the dynamics of modern society was governed by a double movement: the market expanded continuously but this movement was met by a countermovement checking the expansion in definite directions. Vital though such a countermovement was for the protection of society, in the last analysis it was incompatible with the self-regulation of the market, and thus with the market system itself..” (POLANYI, 2001[1944]: 136.)

Esse contramovimento era composto exatamente por aqueles que mais se opunham ao movimento, seja por motivos morais, seja por estarem sendo esmagados por ele. Vimos desde o Cartismo até a ação de conservadores cristãos reacionários no Parlamento para frear os males da expansão do mercado autorregulado.

“Meanwhile Disraeli grounded Tory socialism on a protest against the Poor Law Reform Act, and the conservative landlords of England forced radically new techniques of life upon an industrial society. The Ten Hours Bill of 1847, which Karl Marx hailed as the first victory of socialism, was the work of enlightened reactionaries..” (POLANYI, 2001[1944]: 174.)

“Even if the Owenite movement had resulted only in inconsiderable local activities, it would have formed a monument to the creative imagination of the race, and even if Chartism had never penetrated beyond the confines of that nucleus which conceived of the idea of a "national holiday" to gain the rights of the people, it would have shown that some of the people

were still able to dream their own dreams, and were taking the measure of a society which had forgotten the shape of man. Yet neither the one nor the other was the case. Owenism was not the inspiration of a minute sect, nor was Chartism restricted to a political elite; both movements comprised hundreds of thousands of craftsmen and artisans, laborers and working people, and with their vast following ranked among the biggest social movements in modern history. And yet different as they were and similar only in the measure of their failure, they served to prove how inevitable from the first the necessity was of protecting man against the Market.” (POLANYI, 2001[1944]: 175)

Ele não vai entender que essa é a solução. Há uma incompatibilidade intransponível: Polanyi vê o mercado autorregulado como um centro de gravidade que precisa de tudo em sua órbita rodando de acordo com sua força de atração, atraindo e repelindo conforme as mudanças do sistema oferta-demanda-preço. Toda a sociedade se submete a esse sistema, e ele sem nenhum tipo de mecanismo de contenção iria no final engolir e destruir tudo. Quando as forças da sociedade agem para proteger trabalho e terra, eles são capazes de frear esse processo de destruição, mas quando fazem isso eles geram uma tensão institucional perigosíssima.

Essa tensão fica abaixo da superfície enquanto o mercado opera em alta. Em pouco tempo – com o estourar de uma crise típica do sistema – as duas seções da sociedade que agora compreendem seu poder: o contramovimento capaz de frear o mercado autorregulado, e o movimento que quando contestado politicamente percebe seu poder de interferir no meio social. Essa tensão agora exposta leva a conflitos e a ameaça da desintegração completa da sociedade, e é nesse espaço que a catástrofe acontece, já que um movimento aparece com uma solução final para todos os problemas sociais: o fascismo.

“By the turn of the nineteenth century-universal suffrage was now fairly general-the working class was an influential factor in the state; the trading classes, on the other hand, whose sway over the legislature went no longer unchallenged, became conscious of the political power involved in their leadership in industry. This peculiar localization of influence and power caused no trouble as long as the market system continued to function without great stress and strain; but when, for inherent reasons, this was no longer the case, and tensions between the social classes developed, society itself was endangered by the fact that the contending parties were making government and business, state and industry, respectively, their strongholds. Two vital functions of society-the political and the economic-were being used and abused as weapons in a struggle for sectional interests. It was out of such a perilous deadlock that in the twentieth century the fascist crisis sprang.

From these two angles, then, we intend to outline the movement which shaped the social history of the nineteenth century. The one was given by the dash of the organizing principles of economic liberalism and social protection which led to deep-seated institutional strain; the other by the conflict of classes which, interacting with the first, turned crisis into catastrophe.” (POLANYI, 2001[1944]: 139, 140)

Se a tentativa de frear o mercado autorregulado não é a solução, e se este deixado aos seus próprios desígnios inevitavelmente corrói a sociedade, o que Polanyi propõe? Não há possibilidade, como os conservadores e os luditas propunham, de retornar a um mundo sem a

produção mecanizada de bens. Esse retorno nunca poderia ser feito, nunca poderia se largar a máquina pois ela já havia sido inventada. Simplesmente agir para restringir os males do mercado autorregulado enquanto sua crença é a ideologia oficial global também não traria bons frutos, devido à já citada tensão institucional. Tentativas de retorno à força só seriam o fascismo, que para resolver o problema econômico restringem a liberdade, e essa é outra forma de destruir a sociedade.

“Planning, regulation, and control, which they wanted to see banned as dangers to freedom, were then employed by the confessed enemies of freedom to abolish it altogether. Yet the victory of fascism was made practically unavoidable by the liberals' obstruction of any reform involving planning, regulation, or control. Freedom's utter frustration in fascism is, indeed, the inevitable result of the liberal philosophy, which claims that power and compulsion are evil, that freedom demands their absence from a human community. No such thing is possible; in a complex society this becomes apparent. This leaves no alternative but either to remain faithful to an illusionary idea of freedom and deny the reality of society, or to accept that reality and reject the idea of freedom. The first is the liberal's conclusion; the latter the fascist's. No other seems possible.” (POLANYI, 2001[1944]: 265, 266)

Polanyi entende que o problema conceitual é a chave. Não basta que se impunham à força política projetos de contenção de mercado. É preciso que se mude a concepção do que é uma economia que serve aos interesses humanos. Ao entendermos o mercado autorregulado como uma utopia, nascida da ideia errônea de entender que a economia é regida por leis naturais separadas da sociedade, podemos então trazer de volta a economia para o bojo sem medo de que exercer poder sobre ela ou sobre a sociedade significa necessariamente restringir a liberdade ou ir contra leis naturais.

Dessa forma, pode-se construir uma economia cujo objetivo seja a produção de bens para prover as necessidades da sociedade, ao invés de uma voltada para o ganho pecuniário, e disso se seguiria sem muitos percalços um reenraizamento da cultura, da moral, e principalmente dos trabalhadores, dos pobres e do meio natural na sociedade, com uma organização social que prezaria pelo bem estar dos membros da comunidade e pela comunhão com o meio ambiente. Esse reenraizamento se concretizaria como algo muito diferente do reenraizamento forçado do fascismo, pois livre da dicotomia entre liberdade ou poder a organização da sociedade não precisaria restringir a liberdade e organizar a sociedade em torno de um eterno esforço análogo ao de guerra (existindo uma guerra ou não) contra inimigos reais ou imaginados, levando a uma organização produção completamente desconectado das necessidades de seus membros<sup>75</sup>.

---

<sup>75</sup> Umberto Eco fará uma descrição das características típicas do fascismo em seu ensaio *Ur-Fascism*.

### III.2 – Jorge Mario Bergoglio, um papa polanyiano?

A relação entre as ideias da obra tolkieniana e o CST podem passar despercebidas até para autores católicos ou diretamente envolvidos com o campo cristão (que tendem a focar, como todo o resto dos ensinamentos da Igreja, nos aspectos puramente morais da doutrina católica), e a relação com a polanyiana também. O que não passou despercebido foram os ecos polanyianos nas declarações efusivas do Papa Francisco, atual ocupante da Cátedra de São Pedro, em seu primeiro ano como pontífice. O já citado jornal *The Atlantic* publicou uma matéria<sup>76</sup> sobre o relacionamento entre as críticas de Francisco na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* e com a visão polanyiana de mundo. Leonardo Boff escreveu um artigo<sup>77</sup> em seu blog em que ele afirma diretamente a relação entre as declarações papais e o pensamento do autor húngaro:

“Há uma afinidade perceptível com o economista Karl Polanyi que, por primeiro, denunciou a “Grande Transformação”(título do livro de 1944) ao fazer da economia de mercado uma sociedade de mercado. Nesta tudo vira mercadoria, as coisas mais sagradas e as mais vitais. Tudo é objeto de lucro. Tal sociedade se rege estritamente pela competição, pela regência do individualismo e pela ausência de qualquer limite. Por isso nada respeita e cria um caldo de violência, intrínseca à forma como ela se constrói e funciona, duramente criticada pelo Papa Francisco (n. 53). Ela gestou um efeito atroz. Nas palavras do Papa: “desenvolveu uma globalização da indiferença; tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios; já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos em cuidar deles”(n.54). Numa palavra, vivemos tempos de grande desumanidade, impiedade e crueldade. Podemos nos considerar ainda civilizados se por civilização entendermos a humanização do ser humano? Na verdade, regredimos à primitivas formas de barbárie..” (BOFF, 2013: on-line)

Gregory Baum, autor de um livro<sup>78</sup> que mapeia a questão ética, cultural e econômica na obra de Polanyi, escreveu um artigo lidando diretamente com a relação entre Karl Polanyi e o Papa Francisco<sup>79</sup>. Seu foco está na questão ética na obra de Polanyi e em sua crítica ao capitalismo liberal, e como essas preocupações encontram par nas declarações do Papa.

Polanyi de acordo com Baum entende que os seres humanos são criaturas éticas capazes de agirem livremente, e tomando suas decisões são capazes de transformar sua condição. Ele estaria tomando essa posição tanto em oposição ao liberalismo econômico quanto ao marxismo

---

<sup>76</sup> <https://www.theatlantic.com/business/archive/2013/11/pope-franciss-theory-of-economics/281865/>

<sup>77</sup> <https://leonardoboff.wordpress.com/2013/12/12/o-papa-francisco-e-a-economia-politica-da-exclusao/>

<sup>78</sup> Baum, Gregory, *Karl Polanyi: On Ethics and Economics*. McGill-Queen's University Press; 1996

<sup>79</sup> Baum, Gregory, *Tracing the Affinity between the Social Thought of Karl Polanyi and Pope Francis*.

Paper presented at the 13 th International Karl Polanyi Conference, “The Enduring Legacy of Karl Polanyi,” Concordia University, 6-8 November 2014.

científico, que veriam o mundo de forma “objetiva” e, portanto, desconectado das realidades éticas da experiência humana:

“Polanyi insists that our self-experience as ethical beings is convincing evidence that we have free will: we can deliberate, decide and act. Polanyi laments that economists and even social scientists increasingly see people’s activities defined by laws, overlooking the fact that people are free agents. For Polanyi even the poor and marginalized remain actors capable of resisting and inventing alternative practices(...) Kari Polanyi Levitt writes that because her father looked upon human beings as free agents, he rejected deterministic interpretations of history, such as the orientation towards the classless society or the society of abundance. Polanyi opposes the positivism of the Right implicit in the dominant economic theories and the positivism of the Left assumed in the scientific understanding of Marxism. Scientists think of their research as value-free and are unaware that their ‘objectivity’ is the stance of the dominant culture, a defense of the status quo, disguising the lot of people in the margins. For Polanyi and Francis, reliable social scientific research must be guided by an ethical commitment. The researcher must be a person of conscience who sees not only what is, but also what ought to be.” (BAUM, 2014: 3)

Polanyi também compreenderia, assim como o Papa Francisco (e como pudemos observar, com mais amplitude o CST), que uma sociedade eticamente estabelecida também estaria em consonância com os ensinamentos de Jesus. Mais, que tal sociedade ética não pode viver em paz enquanto estiver de mãos dadas com o capitalismo liberal:

“Personal conscience, Polanyi thinks, has evolved in history. He argues that living in a democratic society has created in people ‘ein bürgerliches Gewissen,’ a civic conscience yearning for conditions of freedom, justice and equality. This yearning, he thinks, is the unfolding of the teaching of Jesus. In a remark that makes him an original existentialist thinker, Polanyi says that the yearning of conscience created by democratic society cannot be at rest in this society as long as it is wedded to liberal capitalism. Conscience, he argues, makes people yearn for a moral socialism.” (BAUM, 2014: 3)

Logo, para se fazer ciência social que seja capaz de se emancipar dos pressupostos e dos problemas contemporâneos é necessário que se assuma uma posição “liberacionista” (em linha com a posição da Teologia da Libertação) e se leve em conta o caráter ético em seus trabalhos científicos e que se tenha em mente sempre a opção preferencial para os pobres:

“It follows from this brief explanation of the option for the poor that, in the search for the truth, researchers in the social and economic sciences must adopt a liberationist perspective. If they claim to be value-free and objective, they uncritically embrace the presuppositions of the dominant culture and thus tend to legitimate the established order. With Karl Polanyi and other critical thinkers, liberation theology insists that the human sciences must be guided by an ethical stand point, an option for the poor, an emancipatory commitment.” (BAUM, 2014: 5)

Baum vai trazer então o conceito de enraizamento e desenraizamento de Polanyi para afirmar a principal afinidade entre os dois autores. Francisco se mantém alinhado com o CST quando denuncia a “economia da exclusão” e ao explicar como uma economia que coloca algo

não-humano no centro (como por exemplo o lucro ou o PIB) implica em necessariamente transformar os seres humanos em escravos desse algo.

“Addressing the invited participants — all prominent economists and social activists — Francis repeated that needed in today’s society is ‘an economy that puts the human person at the centre’ He then added, ‘When the person is not at the centre [of the economy], another thing will be at the centre, and then the person will be at the service of this other thing.’ Economic activity that puts human beings at the centre is exactly what Karl Polanyi meant by the re-embedding of the economy in society.” (BAUM, 2014: 8)

Da mesma forma, Polanyi vai dizer que o trabalhador e as relações de trabalho estavam enraizados na sociedade tradicional, e o liberalismo desenraizou essas relações e deixou os trabalhadores à própria sorte. Isso significa não apenas uma perda material com o sistema de proteção tradicional sendo destruído, mas significa também uma perda cultural, pois a própria sociedade onde esse trabalhador existia deixa de existir, sendo substituída por uma sociedade acessório do mercado.

“As he documents in *The Great Transformation*, industrial capitalism removes workers from their local community, making them rootless, robbing them of the inherited values that gave meaning to their lives. In traditional societies labour confirmed people’s place in their community and strengthened the bonds that kept society united, while labour in capitalist enterprises “disembeds” workers from society, disconnecting them from their community and reducing the meaning of their work simply to the struggle of survival(...) Added to this Polanyi shows that the unregulated market system “disembeds” the entire economy from society, making it operate according to the law of supply and demand, independently of the needs and the well-being of society.” (BAUM, 2014: 5, 6)

O Papa chega até a usar termos de forma equivalente a Polanyi, quando vai protestar contra a transformação de recursos básicos para a vida e a dignidade humana em mercadorias que só aqueles integrados ao mercado tem acesso:

“In his talk given on October 28, 2014 to the representatives of the popular movements, Francis argues that treating land, shelter and labour as commodities, as this is done in liberal capitalism, has devastating social consequences. It makes available for sale to the highest bidder what people need for leading a modest life with dignity. His critique is an echo of Polanyi’s ‘fictitious commodities.’” (BAUM, 2014: 7)

Ele também observa segundo Baum o impacto cultural que a economia dominante no presente impõe sobre os seres humanos:

“The present economy, Francis argues, does more than impoverish the multitude, it has a harmful effect on the dominant culture. It fosters egotism, competitive zeal, vulgar utilitarianism and obsessive consumerism, avoiding deep reflection and causing ‘the globalization of indifference’ in regard to the suffering of the excluded. Even though Polanyi and Francis look at very different kinds of capitalist societies, they analyze the dehumanizing impact of liberal capitalism in similar ways. They share a common humanistic concern and social solidarity with the people pushed to the margin of society.” (BAUM, 2014: 7)

As duras críticas dos dois ao sistema capitalistas não devemos nos fazer crer que são revolucionários. Baum os vê antes como reformistas sociais, que por sua visão mais profunda sobre os problemas éticos e culturais entendem que as instituições consideradas malignas pelos pólos ideológicos (seja o Estado interventor para os liberais, seja a propriedade privada dos meios de produção para os marxistas) são instrumentos que tem seu lugar e não necessitam de revoluções ou de fanatismo para eliminá-las e transformar positivamente o mundo.

“With Polanyi he acknowledges the importance of rebuilding society from the bottom up. Francis and Polanyi advocate the democratization of society’s economic and political institutions; both are reformers, not revolutionaries. They do not envisage the abolition of markets nor of private property. Both of them regard markets as important human inventions. What they demand is that markets be regulated so as to make them serve the common good of society. They must be “re-embedded” in society, in Polanyi’s own terms; or as Francis puts it, they must be part of an economy that is ‘ever more inclusive.’ Both of them look forward to a very social form of social democracy.” (BAUM, 2014: 7)

“Despite this difference, the two authors recognize the importance of markets, they are reformist thinkers, not revolutionaries. They want markets to be regulated. They think that the State is meant to promote equality, redistribute wealth and foster a pluralistic economy that allows the great majority to participate. Both authors hold that what is needed under the conditions of injustice is creative resistance.” (BAUM, 2014: 9)

Baum por fim nos lembra que Polanyi apesar de ser cristão não é por isso que ele deixa de fazer críticas a Igreja, se recusando até a associar terminantemente Igreja e cristianismo. Certamente essa é uma diferença importante entre Francisco e Polanyi, mas talvez de forma mais profunda essa seja a principal diferença entre Francisco e seus antecessores como Vicários de Cristo. Em 2015 durante uma visita a Bolívia o atual Papa afirmou a culpa da Igreja no genocídio cometido contra as populações indígenas durante a conquista ibérica das Américas<sup>80</sup>, chamando o extermínio dos povos originais de “graves pecados”.

Baum terá uma ressalva importante a fazer: ele vai ver uma ruptura entre o pensamento de Francisco e de Polanyi com o início do CST, do final do século XIX e do início do século XX. O autor do artigo entende que os ensinamentos da Igreja na época estavam muito preocupados em manter o status quo e isso os fez tomarem posições contrárias à democracia e de apaziguamento com movimentos antidemocráticos.

“Three decades later, the papacy (Pius XI and Pius XII) still sought to protect the Catholic civilization by accepting a concordat with Mussolini in 1929 and by supporting Catholic bishops in the 1930s and 40s to back a reactionary political party in Austria, fascist

---

<sup>80</sup> <https://www.theguardian.com/world/2015/jul/10/poor-must-change-new-colonialism-of-economic-order-says-pope-francis>

governments in Spain and Portugal, the Vichy regime in France during World War II, and – more harmlessly – the government of Maurice Duplessis in Quebec.” (BAUM, 2014: 9)

Podemos ver o próprio Polanyi abordando diretamente temas abordados nas encíclicas expostas aqui. Por exemplo, há um espírito principalmente em *Rerum Novarum* de que a intervenção estatal é desnecessária, que nenhuma mudança estrutural profunda deve ser feita e o problema moral deve ser corrigido com o sentimento de caridade. Uma versão mais cáustica dessa ideia é apresentada no texto de Polanyi vindo de Townsend:

“But once the indigent were left to the mercy of the well-to-do, who can doubt that ‘the only difficulty’ is to restrain the impetuosity of the latter's benevolence? And are the sentiments of charity not far nobler than those that flow from hard-and-fast legal obligations? ‘Can in nature anything be more beautiful than the mild complacency of benevolence?’ he cried out, contrasting it with the cold heartlessness of ‘a parish pay-table;’ which knew not those scenes of an ‘artless expression of unfeigned gratitude for unexpected favours.’ When the poor are obliged to cultivate the friendship of the rich, the rich will never want inclination to relieve the distress of the poor. No one who has read this touching portrayal of the intimate life of the Two Nations can doubt that, unconsciously, it was from the island of the goats and dogs that Victorian England drew its sentimental education.” (POLANYI, 2001[1944]: 123.)

Ele vai criticar a filantropa Hannah Moore por ter exatamente a posição de só querer realizar obras de caridade para com os pobres e recusar qualquer tipo de tentativa de mudança em suas condições de vida e nas estruturas sociais que causavam problemas:

“‘This story,’ the tract concluded, ‘may teach the poor that they can seldom be in any condition of life so low as to prevent their rising to some degree of independence if they choose to exert themselves, and there can be no situation whatever so mean as to forbid the practice of many noble virtues.’ The sisters More preferred to work among starving laborers, but refused so much as to be interested in their physical sufferings. They were inclined to solve the physical problem of industrialism by simply conferring status and function on the workers out of the plenitude of their magnanimity. (...) Hannah More believed that no more was needed for a functioning society. Robert Owen turned away from a Christianity which renounced the task of mastering the world of man, and preferred to extol the imaginary status and function of Hannah More's wretched heroine, instead of facing the awful revelation that transcended the New Testament, of man's condition in a complex society. Nobody can doubt the sincerity which inspired Hannah More's conviction that the more readily the poor acquiesced in their condition of degradation, the more easily they would turn to the heavenly solaces on which alone she relied both for their salvation and for the smooth functioning of a market society in which she firmly believed. **But these empty husks of Christianity on which the inner life of the most generous of the upper classes was vegetating contrasted but poorly with the creative faith of that religion of industry in the spirit of which the common people of England were endeavouring to redeem society.** However, capitalism had still a future in store.” (POLANYI, 2001[1944]: 179, 180.)

Não é difícil entender o porquê Gregory Baum faz essa leitura aproximando o atual Papa e Karl Polanyi. Francisco é muito direto em sua crítica ao modelo econômico atual. A crítica da subjugação de tudo ao econômico, as condições pauperizadas que milhões estão sofrendo, e

o fato de como pessoas são tratadas como mais um meio de produção são não apenas uma marcada continuidade com o CST como ecoam diretamente a visão polanyiana:

“53. Just as the commandment ‘Thou shalt not kill’ sets a clear limit in order to safeguard the value of human life, today we also have to say “thou shalt not” to an economy of exclusion and inequality. Such an economy kills. How can it be that it is not a news item when an elderly homeless person dies of exposure, but it is news when the stock market loses two points? This is a case of exclusion. Can we continue to stand by when food is thrown away while people are starving? This is a case of inequality. Today everything comes under the laws of competition and the survival of the fittest, where the powerful feed upon the powerless. As a consequence, masses of people find themselves excluded and marginalized: without work, without possibilities, without any means of escape.

Human beings are themselves considered consumer goods to be used and then discarded. We have created a ‘throw away’ culture which is now spreading. It is no longer simply about exploitation and oppression, but something new. Exclusion ultimately has to do with what it means to be a part of the society in which we live; those excluded are no longer society’s underside or its fringes or its disenfranchised – they are no longer even a part of it. The excluded are not the ‘exploited’ but the outcast, the ‘leftovers’.” (FRANCISCO, 2013: 45, 46. Ponto 53.)

Da mesma forma que Polanyi faz seu argumento central sobre a questão de quem é subordinado a quem entre a economia contra o ser humano e seu meio social, Francisco também vai deixar claro (como também na citação imediatamente anterior) que o problema principal criado pelo modelo econômico vigente é a redução e desumanização das pessoas e seu subsequente controle pelas forças econômicas.

“One cause of this situation is found in our relationship with money, since we calmly accept its dominion over ourselves and our societies. The current financial crisis can make us overlook the fact that it originated in a profound human crisis: the denial of the primacy of the human person! We have created new idols. The worship of the ancient golden calf (cf. Ex 32:1-35) has returned in a new and ruthless guise in the idolatry of money and the dictatorship of an impersonal economy lacking a truly human purpose. The worldwide crisis affecting finance and the economy lays bare their imbalances and, above all, their lack of real concern for human beings; man is reduced to one of his needs alone: consumption.” (FRANCISCO, 2013: 47. Ponto 55.)

### ***III.3 –John Ronald Reuel Tolkien e Karl Polanyi, pensadores sociais católicos.***

Nos resta agora entender a relação entre Tolkien e todas as correntes que demonstramos até agora. Quais são os pontos de contato da visão tolkieniana com o CST e com Karl Polanyi? Onde eles se distanciam e como suas diferenças nos ajudam a compreender a questão da transição para modernidade e o capitalismo?

O ponto de contato direto entre Polanyi e o CST é o debate sobre a causa dos males da modernidade. Os dois concordam sobre quais são esses males: o deterioramento das condições de vida materiais de boa parte da população quando do início da Revolução Industrial, e a

destruição do meio cultural e dos valores tradicionais da sociedade ocidental que permanece até hoje. Os dois vêem que a pobreza, o abuso dos direitos individuais, a destruição da natureza, entre outros males, estão diretamente ligados ao esgarçamento do tecido social causado principalmente pelas forças do mercado autorregulado, e que são necessárias medidas que impeçam que esse mercado opere autonomamente, arrastando a sociedade como um todo.

Os dois estão dispostos a tomar uma posição contra a opinião corrente nos temas que abordam. Polanyi com sua crítica severa ao liberalismo econômico, ortodoxia econômica em sua juventude em Viena (onde debatia diretamente com Mises) e ortodoxia econômica hoje; a Igreja com seu chamado à justiça social que bate de frente com o direito a propriedade amplo e irrestrito e suas posições sobre aborto, contraceptivos e sobre o socialismo e comunismo que a coloca em rota de colisão com diversos espectros políticos

A Igreja vai se voltar mais para os valores quando da compreensão das causas últimas desse processo. Ela entende que quando da ascensão do secularismo as pessoas se desviaram do caminho de Deus e foram procurar respostas e consolos no mundo material, incentivada pelos males do capitalismo e do socialismo. A resposta principal para que se cure a sociedade e ela volte a um estado de harmonia é que as pessoas voltem para o seio da Igreja, que voltem a ter os valores cristãos como justiça, solidariedade e caridade governando suas vidas ao invés de interesses materiais. Com o passar do mais de um século desde a publicação de *Rerum Novarum* podemos ver que o CST passou de ter uma postura puramente moralista e conservadora a abraçar mais alguns valores da modernidade, como a democracia, a proteção do meio ambiente e a defesa da intervenção estatal para lidar com problemas agudos econômicos e sociais (nem todas essas posições são de consenso, muito pelo contrário). Aliado a isso sua proposta de soluções se tornou mais sistêmica, como a condenação de Francisco a “economia da exclusão”.

Polanyi já vai entender a questão de uma forma muito mais sistêmica. Ele entende sim que houve uma destruição cultural e de valores com a transição para o capitalismo industrial, mas a causa é muito mais estrutural: são as prerrogativas da máquina usada para a produção em massa e da utopia do mercado autorregulado que causam tanto os males da sociedade como a degradação moral dos indivíduos, a fome numa sociedade com abundância de comida produzida, e os diversos abusos que trabalhadores pelo mundo sofrem, vivendo em condições que hoje chamaríamos de análogas à escravidão.

Há mais quebras entre Francisco e Polanyi e o CST original. A forte questão do individualismo presente principalmente em *Rerum Novarum* não vai se refletir na visão do antropólogo econômico e do papa. Francisco deixou muito claro suas credenciais comunitárias em *Evangelii Gaudium*, enquanto Polanyi vai recuperar Owen para demarcar sua crítica ao espírito individualista em certas interpretações do cristianismo:

“He rejected the animalistic approach to society, refuting its Malthusian and Ricardian limitations. But the fulcrum of his thought was his criticism of Christianity, which he accused of ‘individualization’; or of fixing the responsibility for character on the individual himself, thus denying, to Owen’s mind, the reality of society and its all-powerful formative influence upon character. The true meaning of the attack on ‘individualization’ lay in his insistence on the social origin of human motives: ‘Individualized man, and all that is truly valuable in Christianity, are so separated as to be utterly incapable of union through all eternity.’” (POLANYI, 2001[1944]: 133.)

Como vimos, o Condado de Tolkien é uma sociedade extremamente comunitária, mas que permite a individualidade de seus membros. Por exemplo, mesmo sendo uma sociedade com um espírito bastante conservador, com uma visão negativa direcionada aqueles que fazem coisas pouco usuais como “sair em aventuras”, todos os heróis hobbits de Tolkien (Bilbo Bolseiro em *O Hobbit* e os quatro membros hobbits da Sociedade do Anel) são indivíduos que realmente saem para aventuras e acabam sendo recompensados ao final com riquezas no caso de Bilbo e com vidas longas e felizes para Merry, Pippin e Samwise (o destino de Frodo seria diferente)

As visões de Tolkien, CST e Polanyi sobre as consequências da transição são muito parecidas. As descrições vívidas do autor húngaro da destruição do meio natural e humano não dos deixam esquecer Saruman e a destruição que sua mente de metal e rodas impunha a todos a sua volta. Tolkien vê a destruição do Condado e da comunidade inglesa tradicional como Polanyi vê a destruição de toda a sociedade (sem deixar de notar que ele também dá o palco principal para o caso inglês) e como o CST vê a “matéria morta” sendo “enobrecida” nas fábricas enquanto os seres humanos são ali “corrompidos”. O corromper da sociedade para adorar o Mamon é o corromper que o Senhor do Escuro traz. Tolkien está usando o Um Anel como crítica ao poder abstrato, mas a escravidão que a fábrica descontrolada representa está tão exposta na terra-Média quanto nas encíclicas. Os custos para as três visões são os mesmos: as relações familiares são destruídas, o meio natural é corrompido pelo maquinário, a rotina de vida tradicional é desarticulada e em seu lugar entra uma vida regimentada voltada para um objetivo diverso do bem da comunidade.

CST e Tolkien tem outra forte conexão: entendem que o reenraizamento, para usar o termo polanyiano, só pode acontecer se a sociedade se voltar novamente para os valores católicos. CST deixa muito claro que o retorno aos valores tradicionais é o caminho para que se resolvam os males criados pela transformação. Tolkien na realidade não tem esperanças de ver essa transição. Ele entende que o mundo está um rumo inescapável rumo à cultura da eficiência, e que o poder dado aos dominadores e a máquina é muito grande para ser superado.

“But, of course, the fatal weakness of all that – after all only the fatal weakness of all good natural things in a bad corrupt unnatural world – is that it works and has worked only when all the world is messing along in the same good old inefficient human way. The quarrelsome, conceited Greeks managed to pull it off against Xerxes; but the abominable chemists and engineers have put such a power into Xerxes’ hands, and all ant-communities, that decent folk don’t seem to have a chance..” (TOLKIEN apud CARPENTER, 2013: Carta 52.)

Mesmo assim Tolkien não deixa dúvidas em uma de suas cartas do caráter fundamentalmente católico da obra, e que um mundo melhor seria um mundo como o do passado mágico britânico, pois naquele reinava os valores (e a religião, ao considerarmos que a Inglaterra se tornou majoritariamente anglicana depois da Idade-Média) católicos próprios para uma vida digna e plena.

“I think I know exactly what you mean by the order of Grace; and of course by your references to Our Lady [Galadriel, representando a Virgem Maria], upon which all my own small perception of beauty both in majesty and simplicity is founded. The Lord of the Rings is of course a fundamentally religious and Catholic work; unconsciously so at first, but consciously in the revision. That is why I have not put in, or have cut out, practically all references to anything like ‘religion’, to cults or practices, in the imaginary world. For the religious element is absorbed into the story and the symbolism. However that is very clumsily put, and sounds more self-important than I feel. For as a matter of fact, I have consciously planned very little; and should chiefly be grateful for having been brought up (since I was eight) in a Faith that has nourished me and taught me all the little that I know; and that I owe to my mother, who clung to her conversion and died young, largely through the hardships of poverty resulting from it.” (TOLKIEN apud CARPENTER, 2013: Carta 142.)

Via Owen Polanyi deixa claro que ele não vê uma correlação tão simples, e Baum em seu artigo nos lembra que o próprio Polanyi foi muito crítico a Igreja em certas situações. Polanyi entende que a questão estrutural, de se deixar a utopia normativa do mercado autorregulado para trás e se construir uma nova economia reenraizada na sociedade e não o contrário é o caminho

É importante reiterar o ponto feito no Capítulo 1 sobre a visão de Tolkien. Ele não é um economista, ou sociólogo, ou antropólogo, e está primariamente preocupado em escrever uma mitologia, expor seus valores cristãos e criar um mundo que sirva de fundo histórico para as línguas que criou. Fica muito evidente seu desgosto pela Máquina, pelo Poder, e seu

entendimento que as transformações estão destruindo a vida tradicional inglesa. A transição para uma economia voltada para a máquina é uma reencenação do drama satânico: Lúcifer desafia Deus pela dominação da Terra, é derrotado e cai para nunca mais se recuperar. Da mesma forma, os seres humanos desafiam Deus com a máquina pela dominação da Terra, e os males da transição são a queda, e de caídos nunca mais voltaremos.

Dar um salto para entender que Tolkien critica o moinho satânico além do moinho de carvão não é absurdo. É o salto que todos que o associam ao distributismo fazem. Tolkien certamente não é um amante do motivo do ganho para a sociedade. Se voltarmos ao questionamento sobre o papel da ciência e do conhecimento na obra de Tolkien, na fronteira entre Arte e Máquina, podemos ter um novo insight sobre a questão ao vermos ele opondo negativamente o dinheiro ao aprendizado: “The devotion to ‘learning’, as such and without reference to one’s own repute, is a high and even in a sense spiritual vocation; and since it is ‘high’ it is inevitably lowered by false brethren, by tired brethren, by the desire of Money” (TOLKIEN apud CARPENTER, 2013: Carta 250.). Mas ele, como todo católico devoto, ter rejeição ao culto de Mamon não implica imediatamente que sua interpretação seja análoga a de Polanyi. A partir da rejeição do Mamon entender que os males da modernidade terem o moinho satânico do mercado autorregulado para culpar junto com o moinho de carvão da máquina, mesmo que razoável, ainda é um salto lógico. Afinal a tentação dos bens materiais é tão antigo que está diretamente na Bíblia, e com certeza os horrores que Tolkien viveu em primeira mão na 1ª Guerra Mundial são um fato novo.

Mas a leitura polayiana de Tolkien vai além disso. Podemos discutir se Saruman além de representar a tecnologia e a cultura da eficiência representa também o capitalismo e o mercado autorregulado, mas esse não é o ponto principal. Tolkien entende que o motivo pelo qual o uso da máquina é maligno é por que ela engendra Poder, e engendrar Poder é desafiar a Deus. Necessariamente escolher a máquina é dar as costas a Deus, e como não há caminho bom para a humanidade sem Deus e como tanto poder foi posto nas mãos de Xerxes, a modernidade é o fim dos Elfos Noldor “de prosa e verso” e sobrou muito pouco de bom para a humanidade (ser virtuoso e esperar o dia do Julgamento Final quando poderá transcender para o Reino Eterno de Deus)..

CST vai concordar em parte, ao dizer que a escolha pelos bens materiais é uma fuga do caminho de Deus, mas nunca há a ideia que utilizar a máquina é em si uma afronta direta ao poder divino. É Tolkien que vê a reencenação do drama satânico com a tecnologia, e não a

Igreja. Ela compreende o moinho satânico do mercado autorregulado, mas não o perigo do moinho de carvão que Tolkien vê.

O professor de Oxford vai tomar uma posição que curiosamente se alinha com os pensadores liberais do final do séc. XVIII em seu país. Ele vê com muitas reservas, sem dúvidas, o organizar de uma sociedade longe dos valores tradicionais católicos e orientada para o Mamom. Mas o motivo pelo qual ele rejeita a Máquina é curiosamente alinhado com o motivo pelo qual esses autores a abraçam e a ordem social de mercado autorregulado que dela deriva: poder. Tolkien compreende que criar a máquina e usá-la para impor a vontade humana sobre o mundo é tentar exercer poder e desafiar a Deus, e isso sempre leva a escravidão e a miséria. O liberalismo, que vê o mercado autorregulado como uma lei natural independente da sociedade humana, originada nas leis biológicas que regem a disponibilidade de suprimentos no mundo animal, vai abraçar a máquina por que fazer do contrário (restringir a livre iniciativa daqueles que querem fazer negócios usando a máquina) seria exercer poder contra as leis naturais, e dessa forma escravizaria o povo e traria a miséria.

Se o mundo já tem miséria como é, nada pode-se fazer, pois é parte da natureza do mundo, seja por que para Tolkien Deus o fez assim e o ser humano foi feito não para o mundo terreno mas para a vida eterna no Reino de Deus, seja por que para Townsend a miséria faz parte das leis naturais e contra ela nada o homem pode fazer. Essa posição de Tolkien ecoa *Rerum Novarum*, e nesta encíclica há a passagem sobre a atuação do Estado que é estranhamente alinhada com a visão do liberalismo<sup>81</sup>, além da questão da miséria ser parte do mundo<sup>82</sup>.

O próprio Karl Polanyi vai identificar que tal visão animalesca estará contra a concepção cristã de mundo, e o CST subsequente como vimos irá corroborar essa visão.

“Here was a new starting point for political science. By approaching human community from the animal side, Townsend bypassed the supposedly unavoidable question as to the foundations of government; and in doing so introduced a new concept of law into human affairs, that of the laws of Nature. Hobbes's geometrical bias, as well as Hume's and Hartley's, Quesnay's and Helvetius's hankering after Newtonian laws in society had been merely metaphorical: they were burning to discover a law as universal in society as gravitation was in Nature, but they thought of it as a human law (...) **To Christian thought also the chasm between man and beast was constitutive; no excursions into the realm of physiological facts could confuse theology about the spiritual roots of the human commonwealth.**” (POLANYI, 2001[1944]: 119.)

---

<sup>81</sup> Como exposto na citação ao ponto 32 de *Rerum Novarum*

<sup>82</sup> Como exposto na citação ao ponto 18 de *Rerum Novarum*

Alguns autores da época, dependendo de afinidades religiosas específicas, tomariam uma posição contrária, fazendo uma associação que aproximaria ainda mais sua visão do mercado autorregulado da visão anti-modernidade de Tolkien Polanyi registra Edmund Burke tomando uma posição sobre a relação entre religião e mercado tipicamente protestante: “The laws of commerce were the laws of nature and consequently the laws of God.” (POLANYI, 2001[1944]: 122.)

Polanyi desafia diretamente a concepção de que o mercado autorregulado é natural, e que essa ordem das coisas está de acordo com os ensinamentos cristãos. A concepção de que o Poder é inimigo da liberdade leva exatamente ao drama<sup>83</sup> em que o liberalismo se colocou. Não há sociedade sem poder, e entender que liberdade e poder são diametralmente opostos gera o drama de se escolher a liberdade e se lutar por uma sociedade de livre-mercado irrestrito fadada a se engolir viva se ela conseguir chegar lá, ou se escolher o poder e se deixar submeter a uma sociedade fascista. Tolkien ao usar a mesma lógica liberal para rejeitar a máquina vai inevitavelmente cair no mesmo dilema nefasto.

Karl Polanyi não nega a máquina. Ele entende sim que a utilização da máquina na produção em massa trouxe consigo a gênese da utopia normativa do mercado autorregulado, mas o culpado não é a máquina. Na verdade, seria difícil entender que Polanyi vê a produção em massa como algo inerentemente ruim. Ele entende que a ideia de mercado autorregulado é destrutivo, e uma produção em massa que é voltada para o ganho certamente também será destrutiva, pois pressionará terra e trabalho até sua aniquilação. Mas a máquina em si pode ser reenraizada. Um sistema produtivo que coloca as necessidades humanas em primeiro lugar ao invés de um imperativo externo a eles não precisa ser de forma alguma divorciado do maquinário.

“Yet it expresses perhaps best the spirit of Owen, who emphatically was not an enemy of the machine. In spite of the machine, he believed, man should remain his own employer; the principle of cooperation or "union" would solve the problem of the machine without sacrificing either individual freedom or social solidarity, either man's dignity or his sympathy with his fellows.” (POLANYI, 2001[1944]: 176.)

Pelo contrário, não há causa para abandonar a máquina quando ela pode trazer tantos benefícios. A produção em massa só é maléfica quando ela é organizada como um moinho satânico, que exige vidas para entregar seus bens. A produção em massa voltada para as necessidades humanas era uma ferramenta impressionante para diminuir a fome, agasalhar em

---

<sup>83</sup> Como exposto na citação às págs. 256 e 257 de *A Grande Transformação*

dias de frio, entregar habitações de qualidade para um número muito maior de pessoas. A grande visão de Robert Owen que Polanyi compartilhava era olhar além da máquina. Não é a máquina que definia seus usos, assim como não é o mercado autorregulado que determina a vida econômica via leis naturais. Os dois podem ser moldados pelo elemento humano.

Quando se coloca o humano no centro, uma sociedade que cuida do próximo e que dá todo o espaço para cada indivíduo se expressar e viver da cultura compartilhada ao mesmo tempo que usufrui da máquina não é apenas possível como são coisas complementares. Uma comunidade feliz é uma comunidade mais produtiva, uma comunidade sem a necessidade de procura de emprego para a sobrevivência e sem a competição pelo emprego é uma sociedade que pode se revezar na linha de montagem e manter as máquinas rodando por muito mais tempo ao mesmo tempo que trabalha menos horas. Pessoas do continente e dos Estados Unidos vinham ver New Lanark por que era a visão do futuro, da sociedade industrial que deu certo, uma visão que ainda hoje existe apenas no futuro, se é que ela existe.

“In hitting on the new phenomenon of industry, as Saint-Simon had done, it recognized the challenge of the machine. But the characteristic trait in Owenism was that it insisted on the social approach: it refused to accept the division of society into an economic and political sphere, and, in effect, rejected political action on that account. The acceptance of a separate economic sphere would have implied the recognition of the principle of gain and profit as the organizing force in society. This Owen refused to do. His genius recognized that the incorporation of the machine was possible only in a new society. For him the industrial aspect of things was in no way restricted to the economic (this would have implied a marketing view of society which he rejected). New Lanark had taught him that in a worker's life wages was only one among many factors such as natural and home surroundings, quality and prices of commodities, stability of employment, and security of tenure. (The factories of New Lanark like some other firms before them kept their employees on the payroll even when there was no work for them to do.) But much more than that was comprised in the adjustment. The education of children and adults, provision for entertainment, dance, and music, and the general assumption of high moral and personal standards of old and young created the atmosphere in which a new status was attained by the industrial population as a whole. Thousands of persons from all over Europe (and even America) visited New Lanark as if it were a reservation of the future in which had been accomplished the impossible feat of running a successful factory business with a human population.” (POLANYI, 2001[1944]: 178.)

É esse o temor que uma figura como Gandalf trás: podemos entende-lo como o homem-forte protetor da comunidade e dos valores tradicionais pronto a chutar longe os burocratas tecnocratas intelectuais covardes em suas torres como Saruman<sup>84</sup>, mas todos os líderes fascistas seguem exatamente essa cartilha. Gandalf o protetor da liberdade e enviado dos Valar para livrar os povos livres da Terra-Média da tirania de Sauron, ou Gandalf, o representante aristocrático defendendo uma etnia branca dominante que entende que se misturar com outras

---

<sup>84</sup> Aqui ecoando a fala de Merry como está na citação às págs. 593 e 594 de *O Senhor dos Aneis*.

linhagens é “enfraquecer” o sangue e que está disposto a comandar genocídios de lestenes, sulistas, orcs, e qualquer povo que não seja o povo escolhido do Deus dele. As duas leituras existem, e as duas leituras precisam ser feitas, pois a disposição de Tolkien nos conta tanto dos verdadeiros males do desenraizamento como nos dá soluções no mínimo questionáveis para o problema.

Nos recordemos do crítico de Tolkien, aquele que disse quando *O Senhor dos Anéis* foi eleito pela livraria Waterstones como o “livro do século” em 1997 que se deveria fechar todas as bibliotecas e que ensinar as pessoas a ler era tolice. A ironia é que essa afirmação elitista aristocrática tão típica da academia representa uma atitude tão excludente como a atitude típica de Gandalf. Aqui Tolkien assume uma posição que o coloca bem próximo de *Rerum Novarum*, a entender que a solução para os problemas além da virtude pessoal era a mão forte das figuras aristocráticas no topo restringindo os burocratas e homens de negócio de acordo com seus próprios desígnios. Sabemos que Tolkien não era ele mesmo um fascista – ele tinha imenso desprazer pela figura de Hitler – mas sua obra tem certos valores que quando explorados a fundo fazem questionar a simplicidade moral de colocar os Povos Livres contra o escravocrata Sauron<sup>85</sup>.

Tolkien vai ter uma quebra importante com o CST tradicional. Este não tinha problema nenhum com o poder tradicional hierárquico, e entendia a hierarquia tanto de classe para classe como dos seres humanos para com os outros seres vivos<sup>86</sup>. Tolkien se opõe fortemente a isso: não apenas ele é oposto a todas as formas de Poder, como ele denuncia fortemente a tendência do homem de destruir o meio natural e agir como se fosse dele e pudesse dispor como bem entendesse, sem restrições ou cuidado. Esse é um ponto onde Tolkien está mais alinhado com o CST mais recente e com Polanyi.

Há no Tolkien um desejo de retorno, mas não há nele a crença de que esse retorno seja possível. É em certos termos uma terceira posição a do liberalismo ou do fascismo: resignação. De um ponto de vista sentimental é possível que ele concorde com o CST sobre a necessidade da volta aos valores tradicionais, mas ele não acredita neles, e acaba desiludido. Sua posição no

---

<sup>85</sup> Esse questionamento é tão presente entre certos leitores de Tolkien que algumas histórias escritas por fãs passadas no universo da Terra-Média tentam contar a narrativa pela perspectiva do povo de Mordor. A mais famosa delas é o livro *O Último Portador do Anel*, do paleontólogo russo Krill Eskov.

<sup>86</sup> Como visto anteriormente na citação ao ponto 6 de *Rerum Novarum*.

final não é muito diferente da que Polanyi descreve o trabalhador inglês depois das reformas dos anos 1830.

“Politically, the British working class was defined by the Parliamentary Reform Act of 1832, which refused them the vote; economically, by the Poor Law Reform Act of 1834, which excluded them from relief and distinguished them from the pauper. For some time to come the industrial working-class-to-be was uncertain whether its salvation did not lie after all in a return to rural existence and conditions of handicraft. In the two decades following Speenhamland its endeavors were focused on the stopping of the free use of machinery either by the enforcement of the apprenticeship clauses of the Statute of Artificers or by direct action as in Luddism” (POLANYI, 2001[1944]: 174, 175.)

Já o CST mais recente e Polanyi entendem que o poder e a liberdade devem caminhar juntos, e que é necessário que algum mecanismo de controle e de limitação da liberdade exista para que se conserve a liberdade que é sustentável de se conservar.

“He [Owen] grasped the truth that because society is real, man must ultimately submit to it. His socialism, one might say, was based on a reform of human consciousness to be reached through the recognition of the reality of society. "Should any of the causes of evil be irremovable by the new powers which men are about to acquire," he wrote, "they will know that they are necessary and unavoidable evils; and childish unavailing complaints will cease to be made(...)All the more significant was the irremovable frontier of freedom to which he pointed, that was given by the necessary limits set to the absence of evil in society. But not until man had transformed society according to the ideals of justice would this frontier become apparent, Owen felt; then man would have to accept this frontier in the spirit of maturity which knows not childish complaint.” (POLANYI, 2001[1944]: 133, 134.)

Há uma divergência sobre o papel que os valores tem na questão: o CST compreende que eles são a raiz última do mal, e causam os horrores do livre-mercado; já Polanyi entende que é o mercado autorregulado que causa os horrores e o desvirtuamento moral. Mas suas soluções não são tão diferentes. Tanto o Estado quanto a tecnologia devem cooperar em uma economia voltada para anteder o humano – uma economia voltada para as pessoas.

“He [Owen] was deeply aware of the distinction between society and state; while harboring no prejudice against the latter, as Godwin did, he looked to the state merely for that which it could perform: helpful intervention designed to avert harm from the community, emphatically not the organizing of society. In the same way he nourished no animosity against the machine the neutral character of which he recognized. Neither the political mechanism of the state, nor the technological apparatus of the machine hid from him the phenomenon: society.” (POLANYI, 2001[1944]: 174, 175.)

Sem que se permita o planejamento e a intervenção no mercado de forças externas a ele (como sindicatos, o Estado, associações de ajuda), efetivamente regulando o mercado e permitindo a sociedade usufruir de seus benefícios (as duas visões são definitivamente reformistas, e não revolucionárias) enquanto se controla seus excessos, o resultado será um

eterno conflito entre as classes, em que um equilíbrio precário e fugaz segura as forças destrutivas do mercado autorregulado de um lado e o sufocamento do fascismo do outro.

## CONCLUSÃO

Por meio deste trabalho foi pretendido expor a visão tolkieniana sobre a transição da sociedade para a modernidade e o capitalismo, com um enfoque especial para como o autor aborda o papel da tecnologia no mundo da Terra-Média. A sua obra foi lida extensamente e os elementos que sintetizam suas visões foram apresentados e analisados. Utilizamos então a Doutrina Social da Igreja e a concepção polanyiana do debate para iluminar a obra de Tolkien e nos permitir olhar criticamente suas ideias, o incluindo o quanto foi possível dentro das categorias econômicas mais usuais.

É interessante observar o quanto a visão de Tolkien é diretamente relacionada com a sua concepção do tradicional. Como ele vê o passado mágico britânico como não apenas o que é tradicional e precisa ser conservado, mas como algo eterno, isso necessariamente impacta sua visão sobre tecnologia. Se formos rigorosos com Tolkien, iremos perceber que há uma questão difícil de escapar em sua abordagem.

Como exposto no decorrer do texto, *O Livro Vermelho do Marco Ocidental* representa um espaço de mais ou menos seis mil anos entre sua suposta confecção e o início do século XX, o que colocaria um espaço de dois mil anos entre a Guerra do Anel e a invenção da escrita na Mesopotâmia. Caso isso fosse verdade, essa representaria (em um espaço de tempo significativo, é verdade) uma perda de conhecimento tecnológico muito maior do que a representada por exemplo pela queda do Império Romano ou pelo colapso do Bronze, duas situações que exigiram debativelmente mil anos para que se recuperasse o nível de técnica anterior.

Desconsiderando Morgoth e Isengard, que com suas máquinas a carvão e sua pólvora seriam de outra ordem de magnitude, consideremos apenas as tecnologias prontamente disponíveis no Condado, em Gondor e Valfenda: armas e armaduras de aço, suficiente para armar milhares de soldados (o Rei Théoden de Rohan ponderou que se tivesse tempo poderia arregimentar sessenta mil lanças pra levar ao Cerco de Gondor); foles de forja que funcionavam a ar; técnicas de alvenaria avançadas para construir muralhas de pedra de centenas de metros de altura, cidades complexas como Minas Tirith; toda essa população precisa comer no espaço geográfico relativamente apertado de Gondor (uma faixa de terra entre o maciço das Montanhas

Branças e o mar), então supõe-se que eles tenham técnicas avançadas de agricultura (como rotação de culturas), afinal não há comércio exterior para Gondor viver de importações de comida, e como tem armas e armaduras de aço não é demais supor arados de ferro; aliás os próprios anões que vivem basicamente no fundo da terra escavando atrás de minerais provavelmente precisam adquirir alguma comida das terras próximas, já que sempre foram demonstrados como tendo os mesmos hábitos alimentares dos outros povos livres, então a agricultura deve ser capaz de prover excedente para eles também; moinhos de água (um moinho de água é uma tecnologia que foi inventada perto do primeiro milênio); confecção de roupas; capacidade de cozinhar os alimentos; a própria escrita sem a qual *O Livro Vermelho do Marco Ocidental* depende se ele supostamente foi escrito para chegar até aqui, só para termos alguns exemplos.

Podem parecer tecnologias simples muitas vezes, mas foram necessários no mundo real milhares de anos para essas tecnologias se desenvolverem. A humanidade não evoluiu de forma direta e rápida. Os primeiros registros de cidades (que exigem já a invenção da agricultura para sua existência) tem dez mil anos de idade e ficam na Anatólia. Isso significa que entre a criação de cidades e a invenção da escrita – e note que tudo aconteceu relativamente na mesma região geografia, denominada Oriente Próximo – se passaram seis mil anos. Se Tolkien reclama que as tecnologias que salvam trabalho são apenas criadoras de trabalho pior, ele deve lembrar que isso deveria valer tanto para uma escavadeira quanto para uma pá. O moinho de carvão é sujo, poluente e prende todos a seu tempo de funcionamento, mas o moinho de água em sua característica tradicional não só poupa trabalho como cria novas possibilidades. Sem moinhos seria difícil ter farinha em disponibilidade o suficiente para o desenvolvimento de alimentos que enriquecem a culinária e permitem uma difusão muito maior de comida entre populações, como o pão, aliviando a fome.

Ironicamente, a própria vida de Tolkien aconteceu graças a uma tecnologia. Uma sociedade onde um menino pobre pode estudar e se tornar professor titular de uma das universidades mais renomadas do mundo numa área que exige grande volume de leitura literário só pode acontecer num mundo onde já foi inventada a prensa dos tipos móveis. Sem Gutenberg, sem Tolkien, e essa é uma das tecnologias mais creditadas como sendo responsáveis pela transformação da sociedade, então o professor nem pode argumentar que é uma invenção que pouco tem a ver com o processo de dominação. A prensa permitiu a disponibilidade de livros baratos, tão baratos que podiam estar ao alcance de um jovem da classe operária vivendo da caridade de um padre.

Tolkien aparentemente esquece que os livros que se multiplicam facilmente no Condado nas décadas depois da Guerra do Anel, fruto apenas do interesse novo dos habitantes de terem registrados a sua história e a do mundo externo, não podem acontecer realmente num mundo que (como a Terra-Média) reproduz livros por escribas, pois esse é um processo muito caro e demorado para que livros realmente se multipliquem.

A sociedade hobbit é tradicional, eterna, intocada pela tentação da dominação do meio natural do ponto de vista de um homem vitoriano do início do século XX. Pela maioria da existência temporal humana, há tecnologias no Condado que fariam as pessoas acharem que estavam presenciando puramente mágica. Só a capacidade de produzir agriculturalmente, construir casas, desviar rios, controlar o fogo, já são formas de tentar dominar a natureza. O tradicional nisso é que desde que teve a chance o ser humano sempre se esforçou para dominar o natural.

É inegável que tecnologias são utilizadas para fins funestos, e a explosão tecnológica dos últimos séculos expandiu significativamente esses usos (desde vigilância 24h exercidas por câmeras em todo o lugar, inclusive nos bolsos, até criação de vegetais transgênicos que não se reproduzem e exigem que o fazendeiro compre as sementes continuamente com o fornecedor). Não há como negar que o uso indiscriminado de tecnologia, primeiro por ignorância e depois por negligência não destrói o meio natural e causa danos irreparáveis. Mas creditar todo o mal de uma sociedade ao seu ímpeto de lidar com a natureza usando de máquinas e ferramentas é acreditar numa sociedade que não tem nenhum traço do que Tolkien em seus livros reconhece como uma civilização.

Ainda há muito a ser explorado na questão do papel da tecnologia para J.R.R. Tolkien. Não houve espaço nesse trabalho para trazer visões alternativas sobre o papel da tecnologia nas sociedades e no desenvolvimento econômico. Em uma das cartas da compilação de Carpenter, Tolkien reclama de como as máquinas que salvam trabalho só criam trabalho pior. Pode-se estabelecer um debate com Landes, Schumpeter, com as teorias mais recentes sobre inovação e criatividade da relação entre diversificação do trabalho e crescimento econômico para se fazer um contraponto a essa visão. As ponderações de Tolkien sobre a relação entre tecnologia e poder de dominação são mais atuais do que nunca em um cenário onde países congelam contas bancárias via internet preemptivamente de suspeitos internacionais e onde softwares decidem baseados em *machine learning* quando um indivíduo é uma ameaça que deve ser eliminada via drones sem nenhuma intervenção humana.

Também há sérios questionamentos sobre a questão étnica em *O Senhor dos Anéis* e principalmente em *O Silmarillion*. Tolkien não teve o mínimo escrúpulo em dar a seus heróis não-hobbits sangue de linhagens especiais e a reclamar quando este era misturado com o de outras “raças”. Há uma questão de “nós” e “eles”, e uma defesa da guerra justa que mercê seu próprio debate. Tolkien talvez não chegue ao nível de defender ideias como o “fardo do homem branco” de Rudyard Kipling, mas há uma superioridade inerente em reconhecer as localidades de seus heróis como civilizações que são morada de indivíduos plenos e observar seus vilões como uma turba maligna indivisível, que pode causar desconforto a leitores que forem atentos a essas questões. O tratamento dos “sulistas” e dos “lestenses” na obra, sem nem falar dos Orcs, gera dúvidas a quem tem em mente as propagandas europeias do Terror Amarelo para justificar atitudes coloniais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOUT CST. Catholicsocialteaching.org.uk. Disponível em: <

<http://www.catholicsocialteaching.org.uk/principles/> > Acesso em: 23. jul. 2018.

ALT, Scott Eric. This Paul VI Encyclical Really Deserves a Birthday Party. Patheos. 2018.

Disponível em: <http://www.patheos.com/blogs/scottericalt/populorum-progressio/> Acesso em: 23. jul. 2018.

BAUM, G. Tracing the Affinity Between the Social Thought of Karl Polanyi and Pope Francis. In: THE ENDURING LEGACY OF KARL POLANYI, 13<sup>th</sup> International Karl Polanyi Conference, 2014. Concordia University.

BOFF, Leonardo. O Papa Francisco e a Economia Política da Exclusão. 2013. Disponível em:

< <https://leonardoboff.wordpress.com/2013/12/12/o-papa-francisco-e-a-economia-politica-da-exclusao/> > Acesso em: 7. ago. 2018.

BONALDI, E.V. Resenha de A Subsistência do Homem e Ensaio Correlatos. Tempo Social, revista de sociologia da USP, págs. 287-291. 2014.

CANGIANI, M. Karl Polanyi's Institutional Theory: Market Society and It's "Disembedded" Economy. Journal of Economic Issues 45, n° 1: 177-198

CATHOLIC SOCIAL TEACHING: OUR BEST KEPT SECRET. Education for Justice.

Disponível em: < <https://educationforjustice.org/pdfs/ej/obksintro.pdf> > Acesso em: 13. jul. 2018.

CATHOLIC SOCIAL TEACHING. United States Conference of Catholic Bishops.

Disponível em: < <http://www.usccb.org/beliefs-and-teachings/what-we-believe/catholic-social-teaching/> > Acesso em: 23. jul. 2018

CATHOLIC SOCIAL TEACHING. Caritas Australia. Disponível em: <

<https://www.caritas.org.au/learn/catholic-social-teaching> > Acesso em: 23. jul. 2018.

CATHOLIC SOCIAL TEACHING. Catholic Charities, Archdiocese of Denver. Disponível

em: <<https://ccdenver.org/our-mission/catholic-social-teaching/>> Acesso em: 23. Jul. 2018.

CHESTERTON, G. K. The Ethics of Elfland. In: \_\_\_\_\_. Orthodoxy.1906. Disponível em: < <http://www.gkc.org.uk/gkc/books/orthodoxy/ch4.html> > Acesso em: 26. jul.2018.

ECO, Umberto. Ur-Fascism. The New York Review of Books. 1995. Disponível em: < <https://www.nybooks.com/articles/1995/06/22/ur-fascism/> > Acesso em: 8. Mai. 2018.

EURWORK. Solidarity Principle. Eurofound: European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions. 2011. Disponível em: < <https://www.eurofound.europa.eu/observatories/eurwork/industrial-relations-dictionary/solidarity-principle> > Acesso em: 16. ago. 2018.

FRANCISCO, Papa. Evangelii Gaudium: Apostolic Exhortation on the Proclamation of the Gospel. Vatican.va. 2013. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/en/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/en/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)>. Acesso em 21. Mar.2018.

FRITSCH, V. H. One Ring to Bind Them All: The Mythological Appeal in Tolkien's The Lord of the Rings. 2009. 70 f. Monografia (Licenciatura em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Rio Grande do Sul, RS, 2009.

GEARHART, Larry. A Brief Summary of Catholic Social Doctrine. Eyes of Faith. 2015. Disponível em: < <https://eyesoffaith.info/?q=node/3357> > Acesso em: 31. jul. 2018.

HORN, Heather. Pope Francis's Theory of Economics. The Atlantic. 2013. Disponível em: < <https://www.theatlantic.com/business/archive/2013/11/pope-franciss-theory-of-economics/281865/> > Acesso em: 07. ago. 2018.

JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica Laborem Exercens – On Human Work on the Ninetieth Anniversary of Rerum Novarum. Vatican.va. 1981. Disponível em: < [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/en/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091981\\_laborem-exercens.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/en/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens.html) > Acesso em: 11. jul. 2018.

KEY PRINCIPLES OF CATHOLIC SOCIAL TEACHING. Catholic Charities Office for Social Justice. Disponível em: < [https://www.cctwincities.org/wp-content/uploads/2015/12/Key-10-Principles-of-CST\\_1-pager.pdf](https://www.cctwincities.org/wp-content/uploads/2015/12/Key-10-Principles-of-CST_1-pager.pdf) > Acesso em: 23. jul. 2018.

LEÃO XIII, Papa. Carta Encíclica Rerum Novarum – Encyclical of Pope Leo XIII on Capital and Labor. Vatican.va. 1891. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_15051891\\_rerum-novarum.html](http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html)>. Acesso em: 13 jul. 2018.

LEE, Adrian. The Pope Would Like You to Know He's Not a Marxist. The Atlantic. 213. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2013/12/marxists-are-good-people-pope-not-one/356163/> Acesso em: 07. ago. 2018.

MILTON, J. Paradise Lost. 1674. Disponível em: <[https://en.wikiquote.org/wiki/Paradise\\_Lost](https://en.wikiquote.org/wiki/Paradise_Lost) > Acesso em: 16. Ago. 2018.

MORTE DE J. R. R. TOLKIEN, AUTOR DE 'O SENHOR DOS ANÉIS', COMPLETA 40 ANOS. Globo News. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/09/morte-de-j-r-r-tolkien-autor-de-o-senhor-dos-aneis-completa-40-anos.html> Acesso em: 16. ago. 2018.

PIERCE, Joseph. Chesterton, Tolkien and Lewis in Elfland. The Imaginative Conservative. 2015. Disponível em: <http://www.theimaginativeconservative.org/2015/07/chesterton-tolkien-and-lewis-in-elfland.html> Acesso em: 23. jul. 2018.

\_\_\_\_\_. Chesterton Casts a Spell on Tolkien. The Imaginative Conservative. 2015. Disponível em: <<http://www.theimaginativeconservative.org/2015/10/chesterton-casts-a-spell-on-j-r-r-tolkien.html>> Acesso em: 23. jul. 2018.

\_\_\_\_\_. Distributism in the Shire: The Political Kinship of Tolkien & Belloc. The Imaginative Conservative. 2014. Disponível em: <http://www.theimaginativeconservative.org/2014/11/distributism-shire-political-kinship-tolkien-belloc.html> Acesso em: 4. jul. 2018.

PINKOWSKY, Jennifer. Chinese terra cotta warriors had real, and very carefully made, weapons. Washington Post. 2012. Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/national/health-science/chinese-terra-cotta-warriors-had-real-and-very-carefully-made-weapons/2012/11/26/999b9cb4-2840-11e2-b4e0-346287b7e56c\\_story.html?noredirect=on&utm\\_term=.5592bd8ccb15](https://www.washingtonpost.com/national/health-science/chinese-terra-cotta-warriors-had-real-and-very-carefully-made-weapons/2012/11/26/999b9cb4-2840-11e2-b4e0-346287b7e56c_story.html?noredirect=on&utm_term=.5592bd8ccb15) > Acesso em: 16. ago. 2018.

PIO XI, Papa. Carta Encíclica Quadragesimo Anno – 40° Anniversary of Rerum Novarum. Vatican.va. 1931. Disponível em: < [http://w2.vatican.va/content/pius-xi/en/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19310515\\_quadragesimo-anno.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xi/en/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html) > Acesso em: 18. Jul. 2018.

POLANYI, K. The Great Transformation: The Political and Economic Origins of Our Time. 2 ed. Boston: Beacon Press Books, 2001.

PRINCIPLES OF THE CHURCH'S SOCIAL DOCTRINE. In: Compendium of the Social Doctrine of the Church. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005. Disponível em: < [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_en.html#CHAPTER%20FOUR](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_en.html#CHAPTER%20FOUR)> Acesso em: 11. jul. 2018. Cap. 4.

PRINGLE, Heather. Ears of Ancient Chinese Terra-Cotta Warriors Offer Clues to Their Creation. National Geographic. 2014. Disponível em: < <https://news.nationalgeographic.com/news/2014/11/141114-terra-cotta-warriors-qin-shi-huang-tomb-china-archaeology/> > Acesso em: 16. ago. 2018.

HELEN, Daniel. Lost Tolkien voice recording discovered. Tolkien Society. 2014. Disponível em: <https://www.tolkiensociety.org/2014/05/lost-tolkien-voice-recording-discovered/> Acesso em: 16. ago. 2018.

RAKOCZY, Susan. The Best Kept Secret of the Catholic Church – its Social Teachings. Open Democracy. 2015. Disponível em: < <https://www.opendemocracy.net/transformation/susan-rakoczy/best-kept-secret-of-catholic-church—its-social-teachings>> Acesso em: 31. jul. 2018.

REUTERS. Unbridled Capitalism is the 'Dung of the Devil', says Pope Francis. The Guardian. 2015. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2015/jul/10/poor-must-change-new-colonialism-of-economic-order-says-pope-francis> > Acesso em: 7. ago. 2018.

SEVEN THEMES OF CATHOLIC SOCIAL TEACHING. United States Conference of Catholic Bishops. 2005. Disponível em: < <http://www.usccb.org/beliefs-and-teachings/what-we-believe/catholic-social-teaching/seven-themes-of-catholic-social-teaching.cfm>> Acesso em: 23. jul. 2018

STODDARD, Katy. How the Guardian reported on London's Great Smog of 1952. The Guardian. 2012. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/theguardian/from-the-archive-blog/2012/dec/05/great-smog-london-1952-archive> > Acesso em: 16. go. 2018.

TAYLOR, Chris. Secrets of the “Star Wars” drafts: Inside George Lucas’ amazing — and very different — early scripts. Salon. 2014. Disponível em: <[https://www.salon.com/2014/10/03/secrets\\_of\\_the\\_star\\_wars\\_drafts\\_inside\\_george\\_lucas\\_a\\_mazing\\_and\\_very\\_different\\_early\\_scripts/](https://www.salon.com/2014/10/03/secrets_of_the_star_wars_drafts_inside_george_lucas_a_mazing_and_very_different_early_scripts/)> Acesso em: 16. ago. 2018.

THE BUSY CHRISTIAN’S GUIDE TO CATHOLIC SOCIAL TEACHING. U. S. Catholics. Disponível em: < [https://www.uscatholic.org/busy\\_christians\\_guide\\_catholic\\_social\\_teaching](https://www.uscatholic.org/busy_christians_guide_catholic_social_teaching) > Acesso em: 13. Jul. 2018.

THE CINEMA BEHIND STAR WARS: THE LORD OF THE RINGS. StarWars.com. 2016. Disponível em: <https://www.starwars.com/news/the-cinema-behind-star-wars-the-lord-of-the-rings> Acesso em: 16. ago. 2018.

THE HUMAN PERSON AND HUMAN RIGHTS. In: Compendium of the Social Doctrine of the Church. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005. Disponível em: < [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_en.html#CHAPTER%20FOUR](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_en.html#CHAPTER%20FOUR)> Acesso em: 11. jul. 2018. Cap. 3.

TOLKIEN, J.R.R. Beowulf: A Translation and Commentary together with Sellic Spell. Reino Unido: Harper Collins, 2014.

\_\_\_\_\_. Contos Inacabados de Númenor e da Terra Média. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. On Fairy Stories. Essays Presented to Charles Williams. United Kingdom: Oxford University Press, 1947.

\_\_\_\_\_. O Hobbit. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. O Senhor dos Anéis. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. O Silmarillion. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_.; CARPENTER, H (Ed.); TOLKIEN, C. (Ass.). The Letters of J.R.R. Tolkien. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2013.

TOLKIEN VS. POWER. Mises Institute. 2002. Disponível em:

<<https://mises.org/library/tolkien-v-power>> Acesso em: 16. ago. 2018.

WEBER, M. Sociologia da Dominação. In:\_\_. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva, Volume 2.. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999. Cap. 9, pp. 187-580.

WHITE, M. J.R.R. Tolkien, o Senhor da Fantasia: Edição Comemorativa. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2016.